



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA  
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**ANA PAULA FEST MÜLLER**

**VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS  
DA 'GERAÇÃO CANGURU' NA PERSPECTIVA  
DE PAIS E FILHOS**

**Salvador  
2018**

**ANA PAULA FEST MÜLLER**

**VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS  
DA 'GERAÇÃO CANGURU' NA PERSPECTIVA  
DE PAIS E FILHOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriã Alves Ramos de Alcântara

**Salvador  
2018**

Ficha Catalográfica. UCSAL. Sistema de Bibliotecas

M958 Müller, Ana Paula Fest  
Valores familiares contemporâneos da 'Geração Canguru' na  
perspectiva de pais e filhos/ Ana Paula Fest Müller.– Salvador, 2018.  
134 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família  
na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriã Alves Ramos de Alcântara.

1. Ninho cheio 2. Jovem adulto 3. Corresidência 4. Valores familiares  
I. Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e  
Pós-Graduação II. Alcântara, Miriã Alves Ramos de – Orientadora  
III. Título.

CDU 316.356.2-053.2

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Ana Paula Fest Müller**

### **“VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS DA 'GERAÇÃO CANGURU' NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 01 de março de 2018.

Banca Examinadora:



**Prof.ª. Dr.ª. Miriã Alves Ramos de Alcântara**  
Orientador(a) - (UCSAL)



**Prof.ª. Dr.ª. Sinara Dantas Neves** - (UNIME)



**Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos** - (UCSAL)

Ao  
Luís Felipe (*in memoriam*), mano querido,  
que caso estivesse entre nós,  
provavelmente seria um 'canguru' pulante.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos maiores valores que o ser humano pode e deve desenvolver, é a ponte para manter o fluxo da vida, o motor da dádiva.

Por isso, início minha gratidão a Deus, por tudo, porque Deus é tudo.

Aos meus pais, por minha existência, pelo carinho, pelo amor, pelo cuidado, pelas orientações e bases sólidas que promoveram minha autonomia e apego seguro para me trazer até aqui.

A meu namorado, amigo, companheiro, marido e pai amoroso, Ricardo, que sempre me estimulou ao desenvolvimento biopsicossocial e espiritual e aos maiores tesouros, frutos dessa união sagrada, Leonardo e Juliana, fontes de muito orgulho e felicidade.

A minha querida orientadora, Miriã Alves Ramos de Alcântara, que fez jus ao título, extremamente acessível e empática, mostrando sempre atenção e incentivo ao meu crescimento como pesquisadora, um exemplo a seguir.

Aos professores da banca, José Eduardo Ferreira Santos e Sinara Dantas Neves, recebam não só minha gratidão como meu carinho em resposta às oportunidades que me deram nessa jornada, desde a qualificação, de apreender outras visões de mim mesma, promovendo segurança na minha capacidade profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação de Família na Sociedade Contemporânea pelo estímulo à minha seleção de mestrado e ao projeto proposto, além de todo o *staff* da unidade, pela gentileza dos funcionários, pela presteza da secretaria e comitê de ética e pelo acolhimento dado pela Coordenadora Lúcia Vaz de Campos Moreira e equipe de professores competentes e dedicados.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo apoio e investimento na minha qualificação profissional.

A todas as famílias que entrevistei, pela confiança em abrir suas portas e suas histórias de vida, enfim, pela generosidade em me receber.

Por fim, a todos os amigos e colegas de mestrado, que com suas palavras de afeto contribuíram para meu crescimento com ser humano e profissional.

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si  
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti  
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz  
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito  
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar  
Então fazer valer a pena  
Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar  
No topo do mundo e saber que venceu  
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu  
É sobre ser abrigo  
E também ter morada em outros corações  
E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo  
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?  
Por isso eu prefiro sorrisos  
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar  
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar  
Também não é sobre  
Correr contra o tempo pra ter sempre mais  
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo  
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem-bala parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir

(Ana Vilela)

MULLER, Ana Paula Fest. **Valores familiares contemporâneos da ‘geração canguru’ na perspectiva de pais e filhos**. 134 f. Salvador, 2018. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, 2018.

## RESUMO

A “Geração Canguru” se apresenta na contemporaneidade como uma das características do fenômeno do ‘ninho cheio’, o qual faz parte da fase madura do curso vital familiar brasileiro e constitui o período de transição para a fase adulta do curso vital do filho que escolhe adiar o momento da saída de casa, ainda que bem sucedido financeiramente. Esse estudo de casos múltiplos é de natureza qualitativa e tem como objetivo geral conhecer os principais valores familiares contemporâneos que permeiam a transição do jovem adulto que prolongou a convivência doméstica com sua família de origem, através da investigação dos conceitos que pais e filhos possuem acerca dos objetos do tema e da identificação das principais crenças e práticas familiares, a fim de ampliar a reflexão das famílias envolvidas, bem como o conhecimento e a discussão sobre o mesmo, perante as áreas acadêmicas ou agendas públicas. Para tanto, foi elaborado um roteiro para efetuar entrevistas semiestruturadas com as famílias. Ao todo foram entrevistadas quatro famílias da região metropolitana de Salvador (pais casados e filho (a) corresidente com nível superior completo) de classe média alta, critérios baseados nos pressupostos da geração em foco. Após aplicação das entrevistas e transcrição, foi feita a análise dos resultados dentro do caso e posteriormente cruzada, à luz da revisão de literatura do texto, sob o paradigma sistêmico e aspectos teóricos que envolvem o mesmo, como a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e o Curso Vital Familiar. Os valores familiares em comum conhecidos foram: Autonomia, Educação, Realização Pessoal, Vínculos Familiares Duradouros, Humanidade, Padrão de Vida, Segurança e Exemplo. A pesquisa revelou que a família da ‘Geração Canguru’, mantém o papel transgeracional de valores que suscitam a continuidade do sentimento de coletividade necessária para a adaptação dos seus membros ao contexto e ao tempo.

**Palavras-chave:** Geração canguru. Ninho cheio. Jovem adulto. Valores familiares.



MULLER, Ana Paula Fest. **Contemporary family values of the 'kangaroo generation' from the perspective of parents and children.** 134 f. 2018. Master Dissertation – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, (Bahia, Brazil) 2018.

### **ABSTRACT**

The "Kangaroo Generation" presents itself in contemporary times as one of the characteristics of the "full nest" phenomenon, which is part of the mature phase of the Brazilian family life course, and presents itself in the period of transition to the adult life course of the child who chooses to postpone the time of leaving home, even if financially successful. This collective case study is of a qualitative nature and has as general objective to know the main contemporary family values that permeate the transition of the young adult who extended the domestic coexistence with his family of origin, through the investigation of the concepts that parents and children have about objects the theme and identification of the main family beliefs and practices, in order to broaden the reflection of the families involved, as well as the knowledge and the discussion about the same, before the academic areas or public agendas. For this purpose, a script was developed to carry out semi-structured interviews with the families. In all, four families from the metropolitan region of Salvador (married parents with sons or daughters graduated at least) were interviewed based on the assumptions of the generation in focus. After applying the interviews and transcription, the results were analyzed within the case and later cross-checked, in the light of the literature review of the text, under the systemic paradigm and theoretical aspects that involve the same, such as the Bioecological theory of Human Development and the Family Life Course. Common known family values were: Autonomy, Education, Personal Achievement, Lasting Family Links, Humanity, Standard of Living, Safety and Example. The research revealed that the 'Kangaroo Generation' family maintains the transgenerational role of values that elicit the continuity of the collective feeling necessary for the adaptation of its members to the context and time.

**Keywords:** Generation kangaroo. Full nest. Young adult. Family values.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças psicossociais entre as gerações X e Y .....	34
Quadro 2- Portais pesquisados.....	41
Quadro 2 - Conceitos do 'Canguru'.....	110
Quadro 3 – Conceitos dos pais.....	111
Quadro 4 – Principais crenças e práticas familiares .....	113
Quadro 5 – Valores familiares explícitos e implícitos.....	116

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	PRESSUPOSTOS DO JOVEM ADULTO QUE PROLONGA SUA CONVIVÊNCIA FAMILIAR (“CANGURU”) .....	13
1.2	JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS .....	14
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA: NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E O CURSO DE VIDA</b> .....	<b>17</b>
2.1	FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE .....	17
2.2	PARADIGMA SISTÊMICO .....	22
2.3	CURSO DE VIDA FAMILIAR .....	24
2.4	MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO .....	27
2.5	O JOVEM ADULTO EM TRANSIÇÃO .....	31
<b>2.5.1</b>	<b>Gerações X e Y</b> .....	<b>33</b>
2.6	CONTEXTO CONTEMPORÂNEO .....	35
<b>2.6.1</b>	<b>Transformações do cenário político e social brasileiro</b> .....	<b>35</b>
<b>2.6.2</b>	<b>Mudanças sociopolíticas na região metropolitana de Salvador</b> .....	<b>36</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>38</b>
3.1	LOCAL E PARTICIPANTES .....	39
3.2	INSTRUMENTOS .....	40
3.3	PROCEDIMENTOS .....	41
<b>3.3.1</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	<b>41</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Análise de dados</b> .....	<b>43</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Ética da pesquisa</b> .....	<b>44</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO: JUVENTUDE, AUTONOMIA E VALORES NAS PERSPECTIVAS DE PAIS E FILHOS</b> .....	<b>46</b>
4.1	FAMÍLIA Nº1 .....	46
4.2	FAMÍLIA Nº2 .....	60
4.3	FAMÍLIA Nº3 .....	78
4.4	FAMÍLIA Nº4 .....	94
4.5	DISCUSSÃO GERAL .....	108
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>117</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>119</b>
	<b>APÊNDICE</b> .....	<b>127</b>
	APÊNDICE A - ROTEIRO DOS PAIS .....	127
	APÊNDICE B - ROTEIRO DO FILHO .....	129
	APÊNDICE C - TCLE DOS PAIS .....	131
	APÊNDICE D - TCLE DO FILHO .....	132
	<b>ANEXO</b> .....	<b>133</b>
	ANEXO A - QUESTIONÁRIO SUGERIDO PARA ANÁLISE DA CLASSE ECONÔMICA, SEGUNDO A ABEP .....	133

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno do “ninho cheio”<sup>1</sup> passou a ter relevância no país após pesquisas do campo da Psicologia, iniciadas pela Professora Doutora Ceneide Cerveny da PUC-SP, no Programa de pós-graduação de Psicologia (1995) que em orientação a um grupo de alunos que pesquisavam sobre o ninho vazio<sup>2</sup>, constataram características divergentes às encontradas ao descrito na obra de Carter e McGoldrick (1995) sobre o ciclo de vida familiar.

As literaturas internacionais de alguns países capitalistas, como corroboram Henrique, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), também demonstraram o aumento no fenômeno do ‘ninho cheio’ e, assim como no Brasil, ocorria em famílias de nível socioeducacional mais alto e durante o período da esperada fase do ‘ninho vazio’.

Os resultados dos estudos sobre ‘ninho vazio’ serviram como estímulo para Cerveny que, ao observar diferenças nos comportamentos sociais da família brasileira, questionou a existência de outra realidade cultural e econômica e redefiniu as etapas do ciclo vital familiar brasileiro. Assim, a classificação divulgada em 1997 (“Família e Ciclo Vital”) em sua primeira edição, passa a conceber em lugar dos seis estágios “norte-americanos”, quatro fases: Aquisição, Adolescente, Madura e Última. (CERVENY, 2009)

A ‘Geração Canguru’<sup>3</sup> é o objeto principal deste estudo, por entender ser a melhor expressão intergeracional do fenômeno do ‘ninho cheio’, fase do ciclo de vida familiar alterada pelas mudanças sociais contemporâneas. (HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004; MACHADO e PREDEBON, 2008; COBO e SABOIA, 2010) Tal comportamento demanda um maior conhecimento dos valores e

---

<sup>1</sup>Correspondente ao fenômeno da “geração Canguru” e/ou pela saída dos filhos da convivência doméstica (por motivo de casamento ou trabalho) e do retorno à mesma, conhecidos respectivamente por fenômeno do tipo “filhos bumerangues”. (CERVENY, BERTHOUD, 2009, p.25)

<sup>2</sup> Fenômeno encontrado na fase estipulada pelo ciclo vital familiar americano, quando a família fica novamente reduzida ao casal, com a saída dos filhos de casa. (CARTER & MCGOLDRICK, 1995) e estipulada na fase Madura do ciclo vital familiar brasileiro (CERVENY, BERTHOUD, 2009)

<sup>3</sup>Termo denominado pela mídia e academia por fazer analogia entre o desenvolvimento biológico do mamífero marsupial australiano e a relação familiar no(s) qual(is) o(s) filho(s) jovens adultos, adiam suas saídas de casa, prolongando a convivência com seus pais. (FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI; HENRIQUES, 2004)

crenças associados à sua prática, a fim de tentar inferir consequências futuras no curso de vida familiar e intergeracional, além de atualizar o dinâmico conceito de família, na linha do raciocínio desenvolvimental.

Petzold definiu família como “um grupo social especial, caracterizado por intimidade e por relações intergeracionais” (FACO; MELCHIORI, 2009, p.123), conceito que consegue explorar inúmeras variáveis. Seguindo o mesmo pensamento, Cerveny (2015) faz uma releitura da família contemporânea brasileira através da lente das suas pesquisas sobre o ciclo de vida familiar:

O ciclo de vida familiar [...] contém o ciclo de vida individual de cada um de seus membros (Erikson, 1998) e também um ciclo intergeracional familiar (Kaës, 2001; Cerveny, 1997, 2001; Boszormeny-Nagy, 2003), ciclos que interagem não só por meio das diferenças desenvolvimentais de cada indivíduo, como também pela herança trazida das gerações passadas (BASTOS et al., 2015, p.151)

A definição de Petzold é respaldada pelo modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2011), em que o indivíduo é compreendido num processo de interrelações constantes e bidirecionais com os sistemas do modelo, incluindo a família, considerada o primeiro sistema com que o indivíduo se relaciona e o de maior importância devido à sua duração interrelacional (exceto em caso de corte emotivo<sup>4</sup> ou por condição de orfandade psicológica).

O presente estudo integra a linha de pesquisa “Contextos familiares e subjetividade” da pós-graduação *stricto sensu* em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL (Universidade Católica do Salvador) – BA, uma vez que se propõe a investigar e descrever os valores que prevalecem numa relação familiar, foco do Programa. Concilia com o objetivo da pesquisadora em aumentar o repertório sobre este fenômeno que aumenta a cada dia em sua clínica de psicoterapia sistêmica familiar.

As principais perguntas desta pesquisa são: “Quais são os valores familiares que permeiam a transição do jovem adulto que prolonga sua convivência doméstica com sua família de origem? Como pais e filhos lidam com eles?”. Tais questões se alinham à necessidade de contribuir com a discussão sobre família ao buscar avaliar essa escolha convidando vários autores a “dialogar”, dentro da visão paradigmática

---

<sup>4</sup>Conceito denominado por Murray Bowen, em sua teoria evolutiva da família, que indica uma condição de não pertencimento, como o inverso do conceito de massa egóica indiferenciada. (ANDOLFI, 2002, p. 35)

sistêmica<sup>5</sup>, entrevistando pais e filhos que vivenciam este fenômeno de prolongamento da convivência. “[...] A influência mútua entre pais e filhos pode flutuar em importância, através das várias fases de desenvolvimento de ambos, apesar de seus efeitos permanecerem ao longo da vida”. (BRITO; KOLLER, 1999, p.125)

Vários estudos sobre este tema serão discutidos nos capítulos seguintes, e embora a grande maioria trate dos motivos sociais ou da versão de cada ente sobre o fenômeno apresentado, poucos investigam os valores familiares que permeiam o ninho cheio e o jovem ‘canguru’, o que levou a presente análise a focar tendências à adequação do padrão familiar, trazendo um olhar mais sistêmico, ou seja, interrelacional e intergeracional. Com isso, busca-se facilitar aos estudiosos e aos profissionais de família (terapeutas familiares) e às famílias entrevistadas obter uma visão mais interdisciplinar e assim poder expandir as considerações para outros fenômenos similares.

## 1.1 PRESSUPOSTOS DO JOVEM ADULTO QUE PROLONGA SUA CONVIVÊNCIA FAMILIAR (“CANGURU”)

Um fenômeno encontrado na família brasileira, aparentemente crescente segundo o capítulo específico sobre “Família e arranjos”, na PNAD (2016), é que 25,3% dos jovens brasileiros na faixa entre 25-34 anos ainda residem com os pais.

Não há uma avaliação direta dos motivos, mas há identificação de uma maior escolarização por parte destes. E ainda, constata-se que não há motivação de natureza econômica para a manutenção desse vínculo, uma vez que o nível de ocupação foi de 71,1%, enquanto o que corresponde aos que não residiam com os pais, foi de 75,1%, sugerindo não ser um problema diretamente ligado à falta de emprego.

Entre os jovens residentes, 35,1% tinham ensino superior incompleto ou nível mais elevado (contra 20,7% dos não residentes). O indicador de dedicação aos estudos foi

---

<sup>5</sup> Paradigma que sustenta a ruptura de padrões, com pilares na complexidade, na instabilidade e na intersubjetividade para melhor compreendê-las, facilitando o planejamento e as intervenções em qualquer âmbito, sem ser reducionista. (BOURDIEU, 2004; ESTEVES de VASCONCELLOS, 2006; MORIN, 2005)

de 10,7 anos em média (contra 9,8 anos do outro grupo) e 13,2% deles ainda estudavam (contra 7,2% do grupo dos não residentes). (IBGE, 2016)

A cultura brasileira, quando comparada à americana ou europeia, sempre viu com naturalidade a permanência do filho por maior tempo em casa, principalmente se fosse para estudar numa universidade, diferente das demais culturas, que “colocavam” seus filhos ao término do ensino formal (aqui chamado de ensino médio) pra fora, mesmo que não fosse para o mercado de trabalho, mas para uma universidade longe de casa. Entretanto, a permanência doméstica por maior tempo (ficando ou voltando) tem sido uma tendência mundial na atualidade, devido às mudanças sociais que, causando incertezas, dificultam a autonomia do jovem adulto. (MITCHELL, 2005; PAIS, 2005)

As possibilidades de motivações que alguns pesquisadores deste fenômeno justificaram para seu aparecimento vão desde conteúdos que perpassam a estabilização no mercado através de melhores qualificações, maior liberdade na relação entre pais e filhos (resultando num ambiente com menos conflitos), dependência emocional até a acomodação ao padrão de vida dos pais. Entende-se que este fenômeno tornou-se de interesse das pesquisas em ciências humanas por seu caráter sócio-histórico e interdisciplinar.

## 1.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Ao promover uma pesquisa temática sobre um recorte da família contemporânea brasileira na região metropolitana de Salvador, torna-se possível começar a refletir sobre a realidade social regional, numa perspectiva sistêmica, paradigma que sustenta este estudo. Além disso, oferece uma compreensão aproximada dos fatores individuais e sociais produtores do aumento de arranjos familiares bem como permite analisar características comuns dentro da enorme diversidade cultural que é nosso país, facilitando parametrizações com culturas diferentes. (FERRARI e KALOUSTIAN, 2004)

Independente do conceito, a família contemporânea é considerada numa perspectiva desenvolvimental, uma unidade social, um sistema interrelacional, intrarrelacional e dinâmico. Comunica-se através dos sistemas envolvidos, previstos

socialmente com a expectativa de que funcione como uma “guardiã civilizatória” por supor valores envolvidos de afeto, educação, socialização, solidariedade, entre outros, a fim de construir soluções integradoras dos seus membros com o todo. (DONATI, 2008; BRONFENBRENNER, 2011) Desta forma, estudar o movimento familiar e seus valores em qualquer fase do ciclo de vida já estaria por si só justificado.

Ainda se não há delimitações no aspecto conceitual de família por se tratar de um processo em rede e não de uma causa linear, faz-se necessário e sugestivo que constantemente os vetores sejam revisitados e analisados, para melhor conhecer a(s) família(s) a fim de proteger seu(s) espaço(s) social (is), contribuindo para que se mantenha humanizado.

A relevância de estudar o fenômeno do prolongamento da convivência do jovem adulto com sua família de origem se dá pela demanda de discussões reflexivas e produções acadêmicas acerca da intergeracionalidade, das estruturas e dinâmicas familiares, do ciclo vital e de estudos avançados acerca da ciência do desenvolvimento humano<sup>6</sup> e do conceito de família; ampliando os benefícios não só para a academia, mas para as famílias diretamente participantes do estudo e da comunidade ao redor, com possibilidade de abertura em agendas nas políticas públicas.

De acordo com a premissa epistemológica de pensadores como Bourdieu (2004), Savater (2003), entre outros, um fenômeno relacional deve ter uma finalidade analítica e não apenas descritiva. Nesse sentido o **objetivo geral** deste estudo é conhecer os principais valores familiares contemporâneos que permeiam a transição do jovem adulto que prolongou a convivência doméstica com sua família de origem.

Como **objetivos específicos**: 1) investigar os conceitos que envolvem o fenômeno sob a visão entre os pais e o (a) filho (a) canguru, relacionando-os com o contexto social; 2) identificar as principais crenças familiares e práticas associadas, e 3) relacionar os valores implícitos às crenças identificadas.

Para ancorar o repertório do roteiro da entrevista às famílias pesquisadas e orientar a análise dos resultados, foi feita uma revisão de literatura composta pelos objetos temáticos principais apresentados em capítulos. O primeiro capítulo versa

---

<sup>6</sup> É a ciência do desenvolvimento que se dedica a estudar de forma interdisciplinar os fenômenos biopsicossociais do desenvolvimento humano. (DESSEN; GUEDEA, 2005)



sobre a família contemporânea, sua história, conceitos, mudanças sociais que a influenciaram, funções sociais, configurações recentes. O segundo aborda o paradigma que suporta este estudo, o sistêmico. O terceiro e o quarto capítulos abordam as teorias da ciência do desenvolvimento humano que mais se aproximam do tema da “geração canguru”: o ciclo vital familiar e a teoria bioecológica do desenvolvimento humano; o quinto capítulo é sobre o objeto mais aproximado do tema: o jovem adulto (transição para fase adulta e a relação com seus pais) e, por fim, trata do contexto macro nacional e regional do canguru brasileiro.

Em seguida, a dissertação apresenta os quesitos metodológicos (critérios para local e participante, instrumentos usados, critérios para a coleta de dados, forma de análise, questões éticas) do estudo qualitativo e exploratório dos estudos de casos múltiplos sobre o fenômeno da ‘geração canguru’. Ao final, apresentam-se os resultados, discussão geral e considerações finais (conclusão), referências, apêndices e anexos.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA: NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E O CURSO DE VIDA**

### **2.1 FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Segundo Nogueira (2007, p.2) “[...] não há na história dos povos antigos o surgimento de uma sociedade organizada sem que se vislumbre uma base ou seus fundamentos na família ou em uma organização familiar”. A família pode ser considerada a unidade social mais antiga do ser humano, a qual, historicamente, mesmo antes de o ser humano se organizar em comunidades sedentárias, constituía-se em um grupo de pessoas relacionadas a partir de um ancestral comum ou através do casamento.

O motivo da formação dos primeiros grupos familiares provém de inúmeras divagações, teorias e conclusões. Sabe-se que com um trabalho altamente dedutivo e árduo através de fragmentos de fósseis e objetos de pedra do homem da era paleolítica, foi possível estabelecer que, provavelmente os primeiros grupos tenham sido formados por motivo de subsistência, demonstrando que a alimentação, a defesa e a procriação apesar de serem elementos constitutivamente naturais do homem, demandavam do outro para efetivá-los, ou seja, que a tendência do ser humano é de se construir socialmente. (ENGELS, 1984)

Todas as sociedades reconhecem a existência de unidades básicas e organizadas (grupos que foram reconhecidos pelo nome “família” posteriormente) que são mediadoras entre o indivíduo e a sociedade da qual faz parte: “A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais [...]”. (DESSEN; POLONIA, 2007, p.22)

Ao analisar as mudanças familiares sob o ponto de vista das transformações do contexto, percebe-se consequências em sua dinâmica, uma alternância de valores tradicionais e pós-modernos. Embora ainda exista um espaço de tradição travando batalhas com a atualidade e seus significados, a perda dos parâmetros tradicionais como reforçadores dos valores a seguir, geram incertezas, e trazem à família a

necessidade de ser criativa e, como diz Sarti (1997, p.40), “A família vai ser a concretização de uma forma de viver os fatos básicos da vida [...]”.

Uma das formas de se observar as mudanças conceituais e sociais da família é através da formação histórica do casamento (civil e/ou religioso), já que na maioria dos países capitalistas essa era a forma de se constituir uma família. Segundo Jablonski (2003) e Ferro-Bucher (1999) foram diversos os eventos sociais e fatores psicossociais envolvidos nas mudanças dos padrões de casamento, como por exemplo, ampliação do estado de direito e democracia, divórcio, o movimento feminista e suas conquistas, incluindo a entrada da mulher no mercado de trabalho, maior autonomia feminina, secularização da infância, proteção do Estado em relação aos tipos de união conjugal, abertura de agendas públicas voltadas aos programas sociais diretamente às famílias, avanços tecnológicos na área da genética e discussão sobre bioética, facilitação burocrática da adoção, a crise da pós-modernidade (influenciando nas funções da família), entre outros.

As questões de gênero também são abordadas porque nesse quadro de valorização do interesse individual, as mulheres com o discurso de cultura democrática como aliado à revolução da autonomia do papel dissimétrico social, conquistam a partilha das decisões familiares. Entretanto, a liberdade de negociação de papéis tem também um ônus. Como cada cônjuge quer se realizar e alcançar sua autonomia, as disputas se acirram por dificuldade de concessão e o que se tem como resultado é insegurança interior e frustração amorosa. (CASTELLS, 2008)

Essas mudanças de padrão fizeram com que a família não se fundamentasse mais necessariamente no casamento, o que significa dizer que o casamento e a família são para a atual Constituição Federal realidades distintas, assegurando a igualdade de tratamento entre marido e mulher, igualmente aos filhos havidos ou não de um casamento, consanguíneos ou por adoção. (FARIAS; ROSENVALD, 2016)

O processo inicial de racionalização, originado nos ideais iluministas e consolidado posteriormente por descobertas científicas e tecnológicas, usado pragmaticamente nos recursos humanos e materiais, contribuiu com a formação social dirigida ao aumento da capacidade produtiva da sociedade e ao atendimento às necessidades humanas. Tomou conta em todas as esferas do agir humano, com particular relevância na estruturação da empresa capitalista e na organização da burocracia estatal. (BAUMAN, 1999)

Qualquer valor baseado na tradição, contrário aos ideais da razão foi combatido com injustiça e opressão. A esperança de um mundo melhor passou para o futuro, nas realizações da razão científica e tecnológica. O centro gravitacional cultural passou a ser a experimentação do novo. Porém, com a incoerência do discurso utópico da razão com a realidade, não atendendo às exigências mais elementares do ser humano como: liberdade, justiça, verdade, felicidade, a ‘crise da modernidade’ se instala e o futuro perde crédito como meta de realização, obrigando a sociedade a correr para um espaço temporal mais efêmero: o presente. (LIPOVETSKY, 2004)

Lipovetsky e Serroy (2011) no livro intitulado “A cultura-mundo”, articulam as ideias do passado – presente – futuro num primeiro momento, e de como os referenciais humanos contribuíram no processo de organização de um mundo globalizado, chamado pelos autores de hipermodernidade (conceito similar à pós-modernidade), e em um segundo momento, caracterizaram quatro polos estruturantes da mesma como produtos da sua organização (hipercapitalismo, hipertecnologia, hiperindividualismo e hiperconsumo).

São polos interdependentes, mas ao estudo em questão é imperioso se ater sobre o polo do hiperindividualismo e do seu produto na esfera familiar, causando uma forte desinstitucionalização da mesma, na qual está passa a ser um local de realização pessoal, de afeto e de referência psicológica, ou seja, os laços atualmente passaram a ser uma escolha individual.

Ainda sob a mesma análise, a família contemporânea, diante da dinâmica da individualização, vários comportamentos sociais ficaram evidentes: diminuição do número de casamentos; aumento de divórcios; coabitação pré-nupcial, incremento de nascimentos fora do casamento; redução da fecundidade e mais recentemente um aumento significativo de unidades unipessoais e “co-livings”<sup>7</sup>, acarretando nas mais diversas configurações familiares. (CERVENY, BERTHOUD, 2010).

A individualização tornou o indivíduo mais frágil e vulnerável; recluso de si mesmo. Surgem sentimentos de não pertencimento, isolamento, de fracasso pessoal, de crises subjetivas e intersubjetivas; subprodutos do hiperindividualismo e que suscitam prognósticos “niilistas” sobre o indivíduo com sua falta de projeto de vida, afetando a família, pois segundo Erikson (1976) em sua teoria psicossocial do

---

<sup>7</sup>“Co-moradia” (tradução nossa) um movimento que estimula a integração, a sustentabilidade e a colaboração. Tendência comportamental da geração Z.

desenvolvimento humano: basta uma alteração no curso vital individual que esta repercutirá no curso vital familiar e vice-versa. Essas agruras psicossociais estão presentes nas multiplicações dos casos de suicídios e tentativas de suicídio (só no Brasil, esse índice aumentou 29,5% nas duas últimas décadas<sup>8</sup>).

Apesar das estatísticas “cruéis”, os autores abrem questões sobre a possibilidade de se encontrar uma cultura mais democrática e civilizada, ainda que no processo de hiperindividualismo:

A revolução já não está na ordem do dia, porém o poder da história sem dúvida não chegou ao seu termo. Mais do que nunca, com o intuito de viver mais bem unida, a cultura democrática ainda está aberta e para ser inventada, mobilizando a inteligência e a imaginação dos homens. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.29)

Aos aspectos subjetivos da família no lugar das funções objetivas, o que se dá é uma verdadeira desinstitucionalização da mesma e corroborando com a ideia que não devam existir privilégios estatais a um padrão familiar. Cabe à sociedade e seus interlocutores questionarem um problema familiar baseado no pressuposto de justiça e equidade, principalmente no que diz respeito à proteção das crianças provenientes das escolhas sociais dos pais adultos, sendo estas escolhas atualmente baseadas no afeto, no prazer, bem mais do que nos outros parâmetros tradicionais para se constituir uma família, e respaldadas pela própria sociedade atual. (DIAS, 2011)

Corroborando com a ideia da formação de novas configurações familiares, Ceccarelli (2007), em seu artigo sobre o leque de conceitos familiares na contemporaneidade, trata do sentimento de individualidade que se sobrepõe em valores sociais ao coletivo. Estes valores geram mudanças no padrão psicossocial dos indivíduos, que por sua vez ensejam novas formas de sujeição e subjetividades que configuram novos “imaginários sociais”. Com as constantes transformações em nosso contexto, os padrões relacionais sofrem abalos, impactando no modelo predominantemente praticado e construído baseado no vínculo afetivo, no amor romântico, da instituição do casamento bem como no modelo de família. As atuais demandas favorecem o aparecimento de novas configurações familiares coexistindo num mesmo espaço cultural. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011)

---

<sup>8</sup>BOTEGA, J. N. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v.25, n.3, p.231-236, dec. 2014.

Como afirma Amaral (2008, p.94), “O conceito de família é histórico e relativo. Não existe família como termo absoluto e permanente, mas uma realidade social mutável”. Bourdieu (1993) acrescenta que a família é uma reprodução da ordem social, sendo esta uma categoria instituída (*realisée*) por ideologia política, valorizada por suas relações sociais, mas coletivamente construída para parecer uma realidade social (e não uma ficção), uma esfera privada, homogênea, estável e natural. Este autor chama a atenção para a realidade do dia a dia (no qual a família nem sempre é o que se “acha”) e a diferença do discurso do senso-comum, dos noticiários de jornal em relação à instituída socialmente.

Ao contrário do acolhimento, afeto, comunicação dialógica, respeito e cuidado, a família por muitas vezes é o local de violência doméstica direta ou indireta (conjugal e parental) sugerindo ser uma forte variável no crescimento da violência comunitária. (BENNETTI, 2010)

Ainda assim, as tentativas de adaptação contemporâneas são pautadas no seu principal valor e característico motor: a afetividade, que junto aos outros valores particulares de cada cultura, mantém-se como fonte de apego, sentimento de pertencimento, autoestima e resiliência, contribuindo assim para o bem-estar de seus membros. (BRITO; KOLLER, 1999; RAVAZZOLA, 2005; DONATI, 2008)

Os laços de consanguinidade, as formas legais de união, o grau de intimidade nas relações, as formas de moradia, o compartilhamento de renda são algumas dessas variáveis que, combinadas, permitem a identificação de 196 tipos de famílias, produto de cinco subsistemas resultantes da concepção ecológica de micro, meso, exo, macro e cronossistema. (DESSEN; POLONIA, 2007, p.23)

Diante das perspectivas atuais de família, o conceito ecopsicológico de família decorrente das mudanças socioculturais, políticas e econômicas proposto por Petzold em 1996 (VALLE, 2009) é considerado amplo e baseado no modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2011). Traz a família como um sistema altamente diversificado pela complexidade de sua rede, capaz de produzir inúmeras combinações formadas por suas relações internas (conjugal, filial e parental) e externas (contextos) à mesma.

As transformações tecnológicas, sociais e econômicas influenciam nos movimentos intrafamiliares universalmente (no que tange à estrutura, organização, padrão e, também, nas expectativas e papéis de seus membros). São mudanças profundas e permanentes que afetam a dinâmica familiar, principalmente no que diz respeito à concepção de gênero, compreensão da sexualidade, a relação entre os

gêneros, parentalidade e a relação entre as gerações (atividades referentes à educação e socialização). (FIGUEIREDO, 2008; PETRINI, 2005; RABINOVICH; MOREIRA; FRANCO, 2006)

Como exemplo dessas influências do contexto sobre a família, Lanz e Tagliabue (2014) identificaram dois fatores importantes presentes no fenômeno da coresidência do filho jovem adulto com seus pais: falta de apoio do governo e vantagem intergeracional na qual tanto os pais como os jovens ganham nesta situação. Os autores relataram que esta “família em curso” é a forma com que a família responde aos desafios impostos pelas mudanças sociais contemporâneas. Devido às incertezas geradas por um governo enfraquecido no suporte político e econômico, fica à família de origem a tarefa de apoiar os jovens no enfrentamento de seus marcadores de transição para a adultez (sair de casa, ganhar independência financeira, casar-se).

Segundo Cerveny e Berthoud (2002), as maiores mudanças intrafamiliares se concentram na sua dinâmica (cuidado com os filhos, chefia da casa, horizontalização das hierarquias, valorização do diálogo e afeto entre pais e filhos, tipos de lazer e etc.). Essas mudanças geram grandes diferenciações no espaço-tempo do Ciclo Vital Familiar<sup>9</sup>.

No que diz respeito ao mecanismo de valorização do diálogo e do afeto entre as gerações, Kaloustian (1998) acrescenta que no lugar do autoritarismo e da disciplina estas ganharam respeito, tolerância e flexibilidade, num contexto de amplo pluralismo ético e religioso. Outra visão atual é o investimento parental nas áreas da saúde e da educação principalmente por acreditar que esta é uma forma de poder doar mais afeto aos filhos. Convém ressaltar que tal comportamento está dependente da classe social, da renda familiar e da escolaridade dos cônjuges. (PETRINI, 2005; RIBEIRO, 2010)

## 2.2 PARADIGMA SISTÊMICO

A revolução científica dos séculos XVII e XVIII lançou através de nomes como Descartes, Newton e demais fundadores do iluminismo as ideias racionais e mecanicistas, base do paradigma tradicional. Os pressupostos epistemológicos dessa

---

<sup>9</sup>Proposta na Ciência do Desenvolvimento, onde as autoras abordam os seis estágios principais de qualquer família, permitindo uma visão panorâmica e focal simultaneamente. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995)

ciência eram: a simplicidade, a estabilidade e a objetividade. A simplicidade traz a ideia reducionista, para compreender o todo separa-se o objeto em partes (explicações de causalidade linear); a estabilidade traz a ideia de que o mundo é previsível e controlável e qualquer coisa que não for possível repetir ou controlar, é desviante e precisa ser consertado. A objetividade traz a crença na neutralidade do observador e da sua necessidade como critério de fidedignidade com a realidade.

Entretanto, outra crise científica se apresenta com algumas descobertas, inicialmente no campo da física (Max Planck, Einstein...) que desmistificam a proposta determinista do mecanicismo e derrubam o primeiro pilar, a simplicidade, pois evidenciam que a soma das partes não é igual ao todo, introduzindo assim, o princípio da complexidade. Principalmente a partir de 1970, outros conceitos e teorias, não só no campo da física, mas também da biologia (Maturana e Varela) se somam aos demais cientistas que mostram limites ao paradigma tradicional, com ideias mais organicistas, focadas em interações entre sistemas que se retroalimentam. (BÖING; CREPALDI; OJEDA, 2008)

Como exemplo dessas revoluções temos os achados da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética. Num primeiro momento a Cibernética de 1ª ordem traz os conceitos de família como sistema e priorizam as interações de seus membros e seu contexto. A palavra chave é morfoestase (retroalimentação negativa) que procura almejar a correção do desvio ("sintoma"). Este é visto como uma tentativa de manter o equilíbrio do sistema frente às pressões externas ou das demandas oriundas da mudança do ciclo de vida familiar. Na Cibernética de 2ª ordem, o discurso organizador é a transcendência representada pela morfogênese (retroalimentação positiva), ou melhor, na crença da capacidade de modificar a estrutura já existente e de criar novas formas de funcionamento (alternativas) longe da homeostase.

Entretanto, avanços científicos começaram a questionar este conhecer objetivo (Cibernética de 2ª ordem) para uma metáfora familiar. Essa mudança paradigmática transformou tanto a teoria como a prática e inseriu-se no campo da linguagem e do significado. Este novo paradigma se organizou em torno de dois referenciais epistemológicos distintos: o construtivismo (processos bidirecionais entre sujeito e ambiente) e o construcionismo social (ação da relação indivíduo - cultura, nos símbolos e significados, modificando o contexto), e que passaram a influenciar no pensar e no agir da era pós-moderna.



Importante reforçar a ideia que várias abordagens pós-modernas coexistindo não significam estar numa anarquia epistemológica. Existem pressupostos teóricos que as unem de forma interdependente e nos quais o pensamento sistêmico se apoia: complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

O pressuposto da complexidade pensa nas relações do indivíduo, não isolado do seu contexto, não dialéticas (pensamento e-e). O pressuposto da instabilidade pensa no sistema como irreversível (não voltará a ser o mesmo), imprevisível (não temos como saber quando ele irá sofrer mudanças, afinal são tantas conexões) e, portanto, incontrolável. Qualquer movimento (indeterminado) do sistema, por menor que seja, causa um “ponto de bifurcação” na direção dos seus elementos, tirando-os da estabilidade momentânea, forçando o sistema a uma readaptação (uma nova estruturação) da sua realidade. Esse movimento é constante e dependente do tempo.

O pressuposto da intersubjetividade pensa que nenhum ponto de vista pode abarcar o objeto todo, necessitando de diferentes versões complementares na interação com o outro e nas quais a linguagem é mediadora. Mostra que apesar da pluriversão, esta precisa ser consensual (e não determinada por *experts*) e que não existe uma teoria correta para cada caso, mas uma co-construção de uma nova realidade. (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002)

### 2.3 CURSO<sup>10</sup> DE VIDA FAMILIAR

O ciclo vital brasileiro baseou-se no desenvolvimento das características de uma família típica de classe média norte-americana (CARTER; MC GOLDRICK, 1995). Seis estágios foram contemplados pelas autoras, levando em consideração seu contexto:

- a) Saindo de casa: jovens solteiros - foco na diferenciação de *self* (autonomia), nas relações com o mundo do trabalho e com a independência financeira de sua família de origem;

---

<sup>10</sup> A denominação “curso de vida” será usada a partir daqui neste estudo em vez de “ciclo vital” por julgar ser condizente com a ciência do desenvolvimento humano, que segundo a mesma, qualquer movimento relacionado com o tempo, não retorna ao seu estado anterior. Não se trata de um movimento circular, mas espiral, numa conotação de desenvolvimento, de continuidade e mudanças aparentes no processo relacional (proximal) de uma família e é palavra-chave para a apreciação da tríade “família-contexto-tempo”. (DESSEN; COSTA JR., 2005; BRONFENBRENNER, 2011)

- b) A união de famílias no casamento: O novo casal – foco no comprometimento conjugal e integração com a família ampliada e amigos;
- c) Famílias com filhos pequenos – foco no ajuste da parentalidade na rotina do casal; união das tarefas domésticas, financeiras e dos filhos e realinhamento dos papéis da família ampliada, de pais e avós.
- d) Famílias com adolescentes – foco na flexibilidade das fronteiras e nas regras geracionais a fim de permitir gerar o sentimento de autonomia no filho adolescente; novas questões conjugais e profissionais e início dos cuidados com a geração mais velha;
- e) Lançando os filhos e seguindo em frente - renegociação da díade conjugal; olhar os filhos como adultos; aceitar a entrada dos parentes por afinidade e dos netos e lidar com as incapacidades ou morte dos pais (avós);
- f) Famílias no estágio tardio da vida – foco na manutenção dos objetivos do casal frente ao declínio fisiológico; aceitação dos papéis geracionais, permitindo a centralização da gestão familiar na geração do meio; apoiar a geração mais velha sem superfuncionar por ela e lidar com as perdas do cônjuge, irmãos e outros iguais e conseqüentemente com a própria aproximação da morte (momento de revisão da vida).

Cervený (1995), após analisar a falta da “síndrome do ninho vazio” do quinto estágio “norte-americano” nas famílias brasileiras, propôs uma adaptação “à brasileira” do ciclo vital familiar. Dois anos após, apresentou nacionalmente um estudo que dividia o mesmo em quatro fases baseadas nas dinâmicas culturais, caracterizando-as de maneira sistematizada, porém interdependentes, pois, vale lembrar que a ideia do desenvolvimento, não é estática, mas de um *continuum*.

O curso vital familiar estabelece características específicas pela qual a família passa desde o seu início até a morte dos membros que a formaram e as divide sob alguns critérios. Os critérios podem ser: a idade dos pais e filhos, o tempo de união conjugal e a entrada e saída dos membros, a posição profissional do(s) provedor(es) da casa e ainda levar em conta as novas configurações, que exigem outros desafios e tarefas específicas. O curso vital familiar aborda a família numa visão flexível, que permite reorganizações, de acordo com o pensamento sistêmico.

Em 1995, Cervený apresentou num congresso de psicanálise o início do processo de obtenção das características específicas do curso vital familiar brasileiro, já que observou algumas discrepâncias com o já estabelecido estudo norte-americano de Carter e Mc Goldrick. O resultado apresentou quatro fases não rígidas: aquisição, família adolescente, madura e última.

A fase da aquisição seria a que engloba a união do casal até quando os filhos chegam ao período da adolescência. O foco dessa fase é 'aquisição', principalmente de uma identidade própria de família, da parentalidade nas características psicossociais do casal e de objetivos em comum; não é que não existam esses interesses em outras etapas, mas nessa o foco é maior. Na primeira pesquisa, há 20 e poucos anos atrás, o objetivo de um casal era baseado em segurança, através da conquista da casa própria, de uma poupança para garantir os estudos dos filhos e planos de saúde para todos. Já há 15 anos, passou a ser qualidade de vida, através de "*networking*", especializações visando crescimento profissional, empregos em organizações que estendessem benefícios aos familiares e assim por diante.

A família adolescente é o nome dado à segunda fase, visto que a maioria, se não todos, tendem a adolecer e é comum que os pais revisitem suas próprias adolescências, se preocupando com a estética e permitindo um diálogo mais horizontalizado, reduzindo a hierarquia parental, no qual as normas apresentadas na primeira fase se tornam mais flexíveis.

A terceira fase é a Madura (a mais longa do curso vital brasileiro), na qual supostamente compreenderia a saída dos filhos de casa (segundo Carter e McGoldrick [1995] até seu retorno com os netos, mas de forma independente), o início dos lutos com ídolos e com a geração anterior, planejamentos da aposentadoria e cuidados com a saúde antevendo o envelhecimento.

Entretanto, a própria autora verifica que assim como o curso de vida individual, o familiar, que caminha em paralelo, tem sofrido mudanças, principalmente após o processo de globalização nas sociedades capitalistas e das suas transformações decorrentes. Antes havia certa ordem cronológica nas etapas da vida, no entanto o processo de hiperindividualismo (LIPOVETSKI, SERROY, 2011) alterou o papel da família, desinstitucionalizando-a e tornando-a mais heterogênea e articulada, voltada para acordos feitos por seus membros no sentido das trajetórias de vida (sempre

levando em consideração as relações de classe, étnicas e de gênero) e com isso as fases do curso vital familiar também se alteram, tornando-se mais fluidas e as fronteiras entre elas menos evidentes. É época de casa cheia (contrariando os dados do ‘ninho vazio’ americano), da Geração ‘Canguru’, ‘Bumerangue’, ‘Yoyo’, ‘X’, ‘Y’, ‘Z’..., entre outras concepções de geração decorrentes desse processo de mudança social, visto a constante readaptação da família ao mesmo. (CERVENY, 2009)

A quarta fase ou Última foi ampliada pelos avanços tecnológicos que garantiram maior longevidade e se inicia quando o casal fica sozinho novamente. As características e a qualidade desta são dependentes de como as outras foram vividas. Se bons planejamentos e/ou investimentos no afeto, saúde e financeiros foram feitos nas fases anteriores, bons frutos são coletados. Acredita-se que a viuvez, embora seja o fenômeno mais esperado, seja o mais impactante e difícil desta fase.

## 2.4 MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Segundo a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner, o contexto influencia e é influenciado pelo desenvolvimento humano no qual o mesmo está inserido. A família do indivíduo é o primeiro microsistema que realiza a mediação entre ele e seu contexto, daí o porquê do conceito de família mudar de forma espiralizada em espaços e tempos diferentes. Vale a ressalva que o termo utilizado é “desenvolvimento” e não crescimento, trazendo a conotação de continuidade e mudanças aparentes nesse processo relacional e é palavra-chave para a apreciação dos aspectos “pessoa-processo-contexto-tempo”. (DESSEN; COSTA JR., 2005; BRONFENBRENNER, 2011)

Para ele, a família é um sistema constituído de subsistemas que se relacionam entre si e com o contexto. Um espaço de desenvolvimento saudável ou não, de cada um dos seus membros e do sistema como um todo.

As transformações funcionais das relações ou do contexto acompanham o indivíduo durante todo seu desenvolvimento. Essas mudanças são chamadas de transições bioecológicas<sup>11</sup> por Bronfenbrenner (2011). Seu modelo propõe uma

---

<sup>11</sup> A evolução do termo e conceito de transição ecológica para bioecológica provém do reconhecimento do próprio Bronfenbrenner sobre a importância de enfatizar os aspectos biopsicossociais da pessoa,

dinamicidade constante e contínua do indivíduo com seu meio (bioecologia). Nesse modelo, são apresentados quatro aspectos multidirecionais e interrelacionados: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT):

a) Pessoa - refere-se ao processo ontológico em si. O reconhecimento da importância dos processos proximais acarretou numa maior influência da pessoa no modelo do desenvolvimento bioecológico. Sendo assim, três características na pessoa foram identificadas como relevantes:

- disposição comportamental (temperamento);
- recursos (aspectos orgânicos);
- demanda (atributos facilitadores).

Ou seja, é preciso levá-las em consideração quando se pensa no processo de permanência prolongada do jovem adulto na casa dos pais.

b) Processos (Proximais): são formas complexas particulares de interação (intensa, progressiva e duradoura), constituídos na rotina da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas, objetos ou símbolos do seu contexto imediato, as relações face a face. São trocas que operam em longos períodos de tempo, sendo a força motriz básica do desenvolvimento humano. Esses processos são responsáveis pela transmissão dos valores intergeracionais e assimilados em forma de crenças, que acompanharão o indivíduo em todo o seu curso vital.

No modelo ecológico, Bronfenbrenner ressalva que para adquirir habilidades interrelacionais deve haver como condição mínima uma formação de díade, de relação interpessoal recíproca. Destaca ainda que, se um dos pares estiver se desenvolvendo, este contribui para que o outro se desenvolva também: "uma díade é formada sempre que duas pessoas prestam atenção nas atividades uma da outra ou delas participam" (1996, p. 46).

Exemplos de relações diádicas, temos: a díade de atividade conjunta, nas quais duas pessoas fazem juntas algumas atividades, mesmo que eventualmente, bem como, a díade primária na qual as duas pessoas não estão próximas, mas continuam

existindo fenomenologicamente, ou seja, que mesmo afastadas, influenciam o comportamento da outra. Nesses dois exemplos, faz-se importante ressaltar que em ambas existe o fator da intersubjetividade. (MARTINS; SZYMANSKI, 2004)

Entretanto, o sistema diádico pode ir além, através do que o autor do modelo chama de “sistema N+2”, como as tríades, tétrades e configurações consecutivas, estruturas interpessoais significativas e de mesmo grau de importância das díades. Nesses casos, uma díade serve como um contexto efetivo para o desenvolvimento, mas somente se houver a participação de uma terceira (como um cônjuge, parentes, amigos ou qualquer outra figura próxima). Importante destacar que se essa terceira parte estiver ausente ou agir de maneira perturbadora, o processo se “quebra”, em analogia a um banco com três pés. A mesma analogia pode ser ampliada aos contextos, ambientes podem funcionar como “pé”. (BRONFENBRENNER, 2011)

- c) Contexto: refere-se ao meio ambiente global, no qual o indivíduo está mergulhado e no qual acontecem os processos proximais ou desenvolvimentais. Didaticamente são apresentados como sistemas em círculos concêntricos e hierarquizados denominados de microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

O círculo central está o microssistema que é o sistema imediato em que a pessoa está inserida num dado momento. É no microssistema que acontecem as atividades e relações que o jovem adulto estabelece com a família. O segundo círculo é o mesossistema e abrange as interrelações entre dois ou mais locais em que a pessoa participa ativamente (por exemplo: a escola, o clube, a igreja). No círculo seguinte, o exossistema, não há a participação da pessoa diretamente no sistema, mas esta pode ser afetada e vice-versa, por fatos que ocorrem em outros ambientes significativos, também de maneira indireta. (por exemplo: a diretora da escola, o trabalho da mãe ou do pai, a família do namorado (a)). Segundo Bronfenbrenner (2011) o desenvolvimento de uma pessoa pode ser profundamente afetado por fatos que ocorram em contextos nos quais ele nunca presenciou ou participou.

Por último, o macrosistema, que circunda todos os demais sistemas e os contém, além de formar uma rede de interrelações que se diferenciam de uma cultura para outra incluindo os aspectos socioeconômicos e o sistema de crenças e ideologias (por exemplo: valores, cultura, políticas públicas, governo federal, organizações mundiais...). Essa proposta vai além do desenvolvimento individual e aponta para o papel fundamental

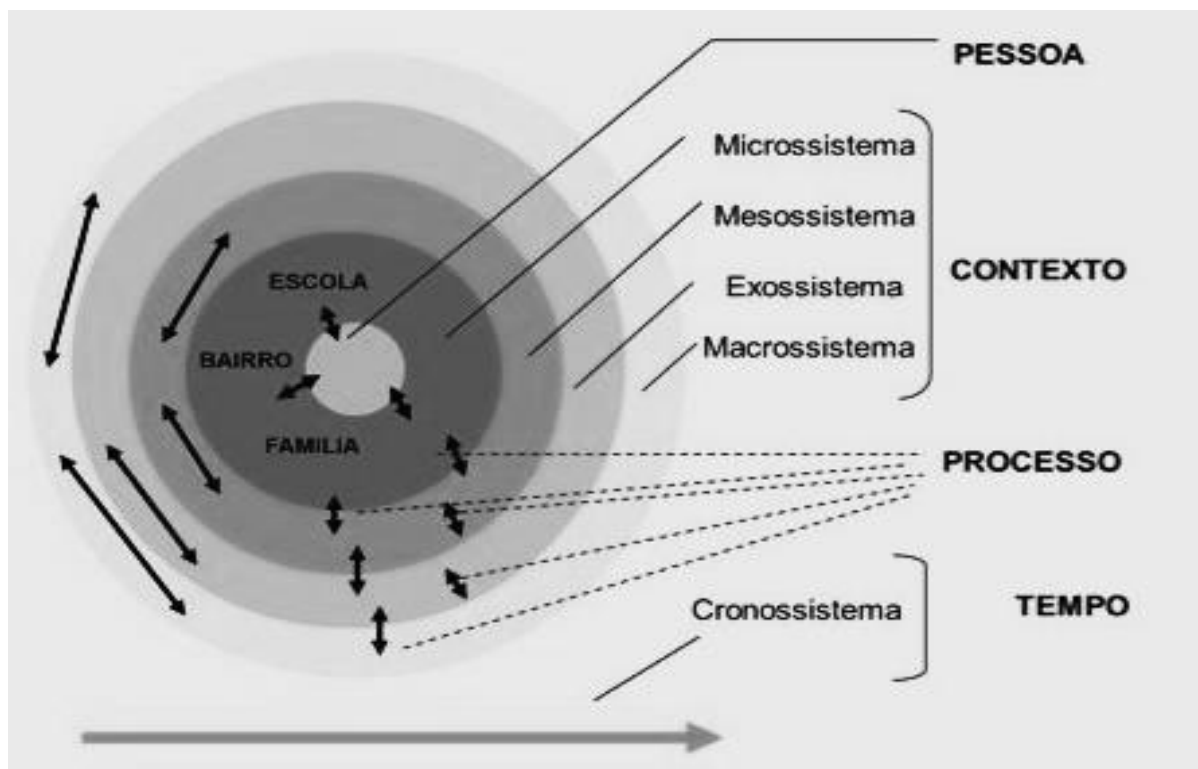
exercido pelo contexto, como por exemplo, os diferentes “rituais” que cada cultura estabelece como forma de transitar para a vida adulta.

- d) Tempo: é o aspecto compreendido para dar sentido histórico, uma cronologia dos acontecimentos e que fornece a palavra-chave para o termo desenvolvimento (a ideia de continuidade). Os eventos históricos podem mudar o curso do desenvolvimento humano.

Maior exemplo disso é o fenômeno do ninho cheio, no qual a escolha do jovem adulto em permanecer na casa dos pais, pode ter sido motivada por qualquer episódio da vida familiar e a mesma pode influenciar significativamente o desenvolvimento do curso vital tanto individual como familiar.

Segue abaixo uma imagem do modelo bioecológico descrito acima que ilustra a integração entre os diferentes componentes do sistema:

**Figura 1 - Modelo bioecológico de desenvolvimento, segundo Bronfenbrenner.**



Fonte: Adaptado de Carvalhosa (2013)

## 2.5 O JOVEM ADULTO EM TRANSIÇÃO

Vários são os autores ou organizações que abordam o tema da adolescência e propõem uma delimitação desta etapa no curso vital individual. Esta etapa é abordada através de diversos vieses, como o biológico, psicanalítico, psicológico e/ou social (Organização Mundial de Saúde [OMS], Erikson, Ariés, Blos, Aberastury e Knobel, Dolto, Calligaris e Bee, etc.). Entretanto, todos parecem confluir em um ponto: a adolescência é um processo complexo de individuação, em que a vivência do luto da separação dos pais só se dará de forma favorável à sua fase final se determinados mecanismos intra e extrafamiliares contribuírem para sua consolidação:

A fase final da adolescência vincula-se a uma maior integração social, a uma escolha amorosa não-edípica e ao estabelecimento de uma pauta de novas formas de convivência familiar. A consolidação dessa etapa, portanto, vem a ser um evento vivido dentro da família, envolvendo todos os seus membros como atores principais. (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p.5)

A fase final da adolescência pressupõe a entrada na juventude, a qual passou a ter visibilidade social apenas entre as duas grandes Guerras Mundiais assim como aconteceu com a fase da infância no início do século XIX e retratada de forma abrangente pelo historiador Ariès (1981), no livro sobre a história da criança e da família. (PAIS, 2009).

Pais (1990), quando começa a discutir sobre a construção sociológica da juventude, caracteriza-a inicialmente sendo uma fase de instabilidades sociais, denotando certo conceito negativo dentro do curso de vida, para mais tarde tornar-se uma fase de referência, trazendo um significado mais positivo e saudável, de sentimento de potência e de alta capacidade de transformação.

Na modernidade, os ritos de passagem eram mais delimitados, mais precisos e, apesar das mudanças sociais e do hiperindividualismo, a expectativa social ainda permanece, exigindo que esse jovem contorne os problemas sociais, inclusive acrescentando esta exigência como mais um “rito” de passagem para a vida adulta. (PAIS, 2009)

“Ser adulto” é metaforicamente um manual de ritos que devam ser cumpridos e, cujos quesitos principais são de foro: ocupacional (emprego fixo e remunerado), conjugal ou parental (família constituída) ou habitacional (provisão e residência



autônoma dos pais). Como se esse conjunto de responsabilidades funcionasse como um *checklist* e conforme os jovens fossem cumprindo tais itens, os mesmos adquiririam o *status* social de adulto e iriam se diferenciando das figuras parentais. (GUIMARÃES, 2010; HENRIQUES, JABLONSKI, FÉRES-CARNEIRO, 2004; PAIS, 1990)

Na atualidade o que se tem é um quadro de jovens vivendo inseguros sobre suas trajetórias em direção à vida adulta. Todo o *checklist* descrito no parágrafo anterior pode ser vivido de forma ambivalente ou esquivada, o que respectivamente em seus estilos, alguns autores trazem como motivos propiciadores da geração “yoyo” (conceito de yoyogeneização criado por Pais em 2005) ou “nem-nem”<sup>12</sup>, o mercado de trabalho bem mais exigente e competitivo e aos vínculos mais “líquidos”, rompendo com os padrões anteriores de *modus vivendi*. (BAUMAN, 2001; BORGES, MAGALHÃES, 2009; PAIS, 2005; TILLMANN, COMIN, 2016)

Ainda em Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004) um “s” ao final do termo juventude é necessário, visto tratar-se de um constructo sociocultural, fase de transição das funções sociais da infância com as do mundo adulto e que para cada contexto cultural, um tipo de comportamento juvenil pode ser descrito, por isso a possibilidade da pluralidade (similar ao que Pais [1990] define em seu livro de mesmo título as “culturas juvenis”).

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), atualmente a juventude se limita dos 15 aos 29 anos. Pais (2009), embora critique essa delimitação cronológica quando abordada sociologicamente, julga-a necessária para legitimar o acesso dos indivíduos a direitos e deveres político-jurídicos, aparecendo como um importante marco de passagem de uma a outra fase de vida.

Entretanto, esta delimitação de juventude engessa a experiência social e não leva em consideração a diversidade cultural. Como afirma Camarano (2004, p.19): “O limite superior diz respeito ao momento em que os indivíduos normalmente concluem o ciclo da educação formal, passam a fazer parte do mercado de trabalho e constituem suas próprias famílias, caracterizando assim, de forma simplificada, a transição para a fase adulta”.

---

<sup>12</sup>Proveniente da expressão espanhola de mesma conotação ‘ni ni’, que significa o comportamento dos jovens na contemporaneidade que **nem** estão estudando, **nem** trabalhando (**grifo nosso**) (TILLMANN, COMIN, 2016).

Falando de transições de etapa no curso de vida individual, Groppo (2000) ainda sugere outra categoria sociológica entre as de juventude e adulto: o “jovem adulto”, termo conveniente para expressar as atuais experiências sociais e afetivas encontradas nos fenômenos do “ninho cheio”, descritas na fase madura do ciclo vital brasileiro. (FIGUEIREDO, 2008; CEVERNY, BERTHOUD, 2009)

Na linha da sugestão do termo ‘jovem adulto’, Guerreiro e Abrantes (2005) ainda pormenorizam, a transição para a vida adulta seria dividida em duas etapas: a primeira isenta de preocupações e dedicada ao ganho de experiências e aventuras e a segunda, na qual o jovem já possui estabilidade econômica e responsabilidade e, no qual poderá pensar em dividir essa conquista e unir-se a alguém, podendo experimentar novo curso familiar com ou sem filhos.

Atualmente o que vemos é uma confusão do senso comum das delimitações das fases, ou melhor, das categorias sociais ditas adolescência, juventude e adulto, dificultando o julgamento do que pode ser considerado natural no processo das transformações sociais ou o que fica à margem, necessitando de possíveis intervenções para alcançar a evolução de seu ciclo. (VIEIRA, RAVA, 2010)

### **2.5.1 Gerações X e Y**

O conceito de Geração deve levar o aspecto cronológico apenas como um dos critérios considerados na sua delimitação (conforme já discutido no item anterior), outros aspectos como o contexto sócio- histórico e os processos proximais entre as gerações também devem entrar na avaliação como importantes. Assim como na ideia da heterogeneidade no termo “juventudes”, as gerações hoje também não formam uma identidade única.

Esta ideia pluriversa é importante para não fixar o foco da discussão intergeracional sempre como fonte de conflito e diferenças marcantes em suas características, mas vislumbrar também as somas da co-construção dessa relação entre grupos geracionais o que também vai ao encontro do pensamento da intersubjetividade do Paradigma Sistêmico.

A ideia unifocal de conflitos e diferenças nas discussões intergeracionais se faz muito presente em artigos e pesquisas atuais sobre as gerações X, Y e a mais recente Z (voltados geralmente para conhecer o comportamento destes, a fim de aumentar o consumo de produtos ou serviços), cujo aspecto histórico está sempre presente em relações entre categorias sociais diversas (muitos destes estudos são formas de controle do próprio ambiente organizacional). Entretanto, o contexto familiar é pouco explorado para delimitar características geracionais, como se a família em nada influenciasse na geração que se quer estudar.

Aliás, esse comportamento já é um reflexo da própria atitude individualista e hedonista, traços comuns em grupos juvenis, embora, seja importante ressaltar que uma geração não se traduz independente da outra. Desta forma, para se entender uma determinada geração de uma sociedade é preciso averiguar não apenas os indivíduos jovens (juventudes), mas a sua relação com as outras faixas etárias. (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012)

Apenas para fins de aumentar o conhecimento das expectativas sociais, segue um quadro com a referência das principais características das gerações envolvidas (X e Y):

**Quadro 1 - Diferenças psicossociais entre as gerações X e Y**

Geração	Contexto	Comportamento
<b>X (de 1960 a 1979)</b>	Transição política, hegemonia do capitalismo e meritocracia.	Materialistas, competitivos e individualistas.
<b>Y (de 1980 a 1994)</b>	Globalização, estabilidade econômica e surgimento da internet.	Abstratos, questionadores e globais.

Fonte: Exame 50 anos (2017).

Embora a maioria dos estudos sobre as diferenças geracionais do tipo “letra”, não tenham sido construídas com fins “familiares”, seus resultados trazem uma generalização comportamental esperada pela sociedade da época e explica bem o conceito ecológico da interrelação entre contexto e pessoa.

## 2.6 CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

### 2.6.1 Transformações do cenário político e social brasileiro

A conjuntura brasileira se vê atualmente diante de uma grave crise político-econômica. Na questão política, o país se viu envolto por delações de esquemas de corrupção, atacadas por uma operação chamada “Lava-jato”, no início do ano de 2014, pela Polícia Federal, com a prisão do doleiro Alberto Youssef e seu envolvimento com a Petrobrás (estatal brasileira de petróleo) e se esticando aos dias atuais, aplicando severas punições, incluindo encarceramento e processos civis de políticos e executivos de grandes empresas envolvidas.

Atualmente o país passa por um impasse político-econômico, no que concerne à reforma da Previdência Social. Alguns estudiosos e grupos políticos são a favor e outros contra essa medida.

Já na questão econômica, o país expressa um quadro de recessão e alto nível de desemprego, mas apesar disso, apresenta uma expansão nas exportações, uma recuperação gradual na produção industrial e no volume de vendas no varejo, o que acarretou numa alta do PIB em 0,6% (Produto Interno Bruto – soma dos bens industriais, agropecuários e serviços produzidos) no terceiro trimestre de 2017, segundo dados do IBGE (2016). Há uma previsão de alta (segundo análise de alguns economistas da área), na casa do 1,0%, o que parece caminhar para sair do quadro de recessão.

O mercado financeiro é suportado pelos contextos externo e interno (político e econômico). Quanto ao cenário externo, o país tem demonstrado estar na linha de investimento, por força dos dados econômicos desse início de ano de 2018, com uma inflação mais baixa, queda do déficit público, das taxas de desemprego, contas externas equilibradas e projeções industriais otimistas. Entretanto, no cenário político interno, o país passou pela condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e segue aguardando o desfecho com possíveis recursos da defesa a fim de saber se seu nome poderá ser indicado a candidato à Presidência da República. Enquanto isso, o mercado oscila entre os movimentos de discurso populista e extremista (como o da oposição de direita de Jair Bolsonaro) e notícias de corrupção envolvendo o atual

Presidente. Segundo a opinião de alguns economistas existem expectativas de alívio à crise, caso haja uma candidatura mais pró-mercado e menos partidária, mantendo os indexadores atuais (bolsa de valores em alta, câmbio e juros dos títulos públicos em baixa) nas próximas eleições para presidente.

Vale lembrar que o desenvolvimento de um país não é medido apenas pelos aspectos políticos, nem tão pouco pelos aspectos econômicos, mas também pelos de cunho cultural e social.

No aspecto social, com o aumento das inovações tecnológicas e decorrente aumento da produtividade, as vagas de trabalho não atendem a demanda populacional. Como resultado, tem-se um quadro de desemprego flutuante economicamente e gradativo tecnologicamente.

Os avanços tecnológicos também interferem no aspecto cultural. Estudos mostram que esses avanços costumam acontecer em maior expressão em países que investem no período em que se está no nível superior (na grande maioria, jovens em transição). No Brasil, estudos apontam para queixas das indústrias que possuem dificuldade em encontrar pessoal qualificado para as inovações tecnológicas (embora exista um grande contingente de jovens a espera de vagas nas universidades). (MENEZES FILHO, 2009)

### **2.6.2 Mudanças sociopolíticas na região metropolitana de Salvador**

A Região Metropolitana de Salvador (RMS) é composta por 38 municípios e está na sétima posição entre as regiões metropolitanas mais numerosas do país e Salvador na quarta posição quando comparada às capitais, segundo dados do IBGE (2016).

Para o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a RMS incluindo Salvador apresentou queda no índice de vulnerabilidade social. O índice leva em consideração três aspectos: infraestrutura urbana; capital humano; renda e trabalho. O que mais contribuiu atualmente para esse dado foi o avanço na Infraestrutura urbana (IU), que quando comparado a outras regiões metropolitanas do país, teve o melhor desempenho, principalmente com resultados das ações da prefeitura de Salvador, Lauro de Freitas e Camaçari. Entre as alterações na infraestrutura recentes podemos citar algumas principais, mais voltadas à mobilidade urbana: construção da

Via Expressa (ligando o porto à BR-324); a Linha Viva (liga o acesso Norte ao Aeroporto), a linha 2 do metrô e as mudanças nas linhas de integração; reforma da estação da Lapa; instalação de várias passarelas, além das reformas de alguns trechos da orla de Salvador.

Apesar dos demais aspectos também terem experimentado melhora (mais na capital e em Camaçari) ou estagnação, a qualificação de mão de obra ainda expõe a RMS a uma posição ruim nos índices nacionais, com um alto índice de desemprego (4º lugar) pela alta taxa de entrada de trabalhadores jovens no mercado e pouca oferta (quase a metade e a maioria na indústria) de postos de trabalho para receber os mesmos, além dos salários com baixo rendimento médio, o que também explica o alto índice de evasão ao ensino superior.

### 3 MÉTODO

Esta pesquisa de mestrado aprofunda a análise de relações intergeracionais, objeto que requer uma abordagem qualitativa, pois além do fenômeno poder ser estudado em seu contexto natural, na acepção de Bronfenbrenner (2001) e do Ciclo Vital Familiar Brasileiro (CERVENY, 1995), exige um repertório interdisciplinar, ancorado sobre as áreas antropológicas, sociais e psicológicas do fenômeno.

Essas teorias se debruçam a explicar o processo de individualização e autonomização dos sujeitos e conseqüentemente da influência do mesmo no sistema intrafamiliar. Singly (2007) afirma que está conseqüência traz para as pesquisas com família um olhar mais relacional, pois ganham na afetividade uma liberdade de escolha dos laços sociais que cada membro de uma família constrói, não mais numa visão homogênea e meramente funcional ou determinista. O caráter relacional do fenômeno intergeracional direciona o pesquisador a buscar a integração de métodos que sejam suficientemente sensíveis para captar tal dimensão.

Na atualidade, pesquisas sobre a família passam a privilegiar a análise dos comportamentos relacionais dos seus membros a fim de compreender os novos arranjos familiares e os fenômenos decorrentes destes marcados pelo processo de valorização da autonomia individual. “Não é, assim, por acaso que crescem as opções pelas abordagens metodológicas mais voltadas às trajetórias e histórias de vida, nos percursos e cursos de vida...”. (SINGLY, 2007, p. 16)

A centralidade da pesquisa sobre as trajetórias e interações entre membros de um grupo decorre ainda de movimentos das ciências sociais em busca do refinamento das estratégias de investigação qualitativas. Minayo (2002) afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, típicas das Ciências Sociais, conforme abordado por Singly (2007), que não podem ser quantificadas (constructos provenientes de relações, de processos e de fenômenos não redutíveis à operacionalização de variáveis).

Epistemólogos como Lakatos (2007) definem a pesquisa qualitativa como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados e se desenvolve numa situação natural,

rica em dados descritivos, aberta e flexível, focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada, contribuição que encontra eco nos pilares do paradigma sistêmico.

Agregando essas características à abordagem dentre as de cunho qualitativo, foi a de estudo de casos múltiplos, pois, segundo Yin (2015), seja qual for a área de interesse, este método pressupõe responder questões complexas de fenômenos sociais atuais, focando em alguns casos (de 4 a 10) e retendo-os numa perspectiva holística e real, criando categorias aos objetos temáticos para fins de análise.

### 3.1 LOCAL E PARTICIPANTES

A pesquisa foi feita com quatro famílias (12 pessoas) que vivem na região metropolitana de Salvador, e nas quais o jovem “Canguru” entrevistado era baiano, a fim de garantir o entendimento do contexto social regional. A escolha das famílias teve por critério pertencer à classe socioeconômica acima de B1 devido à maior expressividade do fenômeno nas camadas mais elevadas da população (B1 é uma das camadas critério ABEP<sup>13</sup> e que poderá ser constatado ao cumprir com a pontuação segundo a sugestão do questionário da própria ABEP para incluí-los - ANEXO A); já que o fenômeno é visível em filhos que residem com os pais por opção e não por necessidade financeira. (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004; FIGUEIREDO, 2008).

Além disso, essas famílias são constituídas por pais que vivem juntos, pois, segundo Bronfenbrenner (2001) os processos proximais sofrem maior impacto em famílias constituídas pelos dois pais biológicos; e têm pelo menos um filho (a) com idades entre 25-34 anos (jovem adulto) convivendo com os mesmos e que já tenham concluído pelo menos, o ensino formal de nível superior (este critério visa eliminar os casos de obrigatoriedade legal/cultural dos pais para com a Educação desse filho até o ensino médio). Essa faixa etária e a escolaridade dos filhos atendem bem aos

---

<sup>13</sup>Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - Esse critério socioeconômico do Brasil está descrita no livro **Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil** (KAMAKURA; MAZZON. Editado em 2013 e baseado na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE).



estudos bibliográficos sobre o fenômeno estudado (PETRINI, 2005; FIGUEIREDO, 2008, ANDRADE, 2013).

No caso de uma família ter mais de um filho na situação estabelecida pelos critérios descritos anteriormente, apenas um foi entrevistado e o critério de escolha foi ser o mais conveniente à família entrevistada. O acesso aos participantes aconteceu por meio de indicações da rede social da autora, embora inicialmente tenha se tentado a técnica da bola de neve, não obtendo êxito nas tentativas.

### 3.2 INSTRUMENTOS

A pesquisa contou com a ferramenta da entrevista semiestruturada, elaborada pela pesquisadora especialmente para a presente investigação. Segundo Minayo (2002), trata-se de uma entrevista de questões fechadas e abertas, em que o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre as mesmas sem se prender literalmente às indagações feitas.

Dois instrumentos foram organizados em torno de três dimensões das relações entre pais e filhos cangurus, de acordo com a literatura revisada - juventude, autonomia e valores. Tais dimensões foram escolhidas por serem provenientes da fase da transição para o jovem adulto, das mudanças sociais e dos valores da família contemporânea (BAUMAN, 2004; CARTER, Mc GOLDRICK, 1995; CERVENY, BERTHOUD, 2009; FÉRES-CARNEIRO et al., 2003; FIGUEIREDO, 2008; GROppo, 2000; 2004; HENRIQUES, JABLONSKI, FÉRES-CARNEIRO, 2004; KALOUSTIAN, 1998; LIPOVETSKY, 2004b; PETRINI, 2005) e sendo assim, direcionados às famílias participantes da pesquisa (pais e filho(a)), e elaborados a fim de não implicar em nenhum prejuízo, de ordem física, psicológica ou moral, para os sujeitos que participaram da mesma.

Foram especificados temas e perguntas norteadoras, totalizando cerca de treze tópicos em cada instrumento – um para os pais (APÊNDICE A), e outro para o filho ‘canguru’ (APÊNDICE B). As perguntas foram precedidas por um preâmbulo em que a pesquisa é apresentada aos participantes. O outro instrumento foi um questionário elaborado como sugestão pela ABEP e adotado nesta pesquisa como norteador da categoria social da família (ANEXO A).

### 3.3 PROCEDIMENTOS

#### 3.3.1 Coleta de dados

As fontes para o desenvolvimento da revisão de literatura que respaldam este estudo foram baseadas no repertório clínico e científico da pesquisadora, em algumas bibliografias conhecidas durante o curso de mestrado de Família na Sociedade Contemporânea na linha de Contextos Familiares da Universidade Católica do Salvador- BA, além de artigos em portais de periódicos em portais ou plataformas acadêmicas como: CAPES, Science Direct, Scopus, Google Scholar, Scielo, Scribd entre outros, usando como descritores algumas palavras que são objetos da pesquisa, como: jovem adulto, ninho cheio, coresidência, geração canguru.

Segue quadro com o número de artigos que faziam referência ao tema estudado nos principais portais de periódicos/artigos:

**Quadro 2- Portais pesquisados**

<b>Combinações de palavras-chave</b>	<b>Portais</b>	<b>Nº artigos c/&lt;5 anos</b>	<b>Relevantes</b>
ninho cheio; adulto	Science Direct	195	0
	Scopus	4	1
	Capes	1	0
ninho cheio; geração canguru	Google Scholar	59	4
coresidência; pais; adulto	Science Direct	4409	4
	Scopus	0	0
	Capes	0	0

Fonte: pesquisa da autora (2017).

Apesar de contemporâneo pode-se observar que o tema ainda é pouco explorado academicamente, embora hajam estudos aprofundados sobre o mesmo, principalmente de origem nacional ou em alguns casos europeus, como por exemplo, em países como a Itália, que apresenta similaridade com a cultura familiar brasileira,

por possuir forte vínculo afetivo na relação pais-filhos. Em paralelo, economicamente, o mundo se apresenta mais desenvolvido tecnologicamente e, portanto, mais competitivo, solicitando assim que os jovens em transição à fase adulta se dediquem mais aos estudos, demandando que seus pais, próximos, presentes e mais compreensíveis, assumam o filho por maior tempo em casa, se quiserem que os mesmos conquistem seus objetivos. (RODRIGUES; KUBLIKOWSKI, 2014)

A revisão de literatura contribuiu para a construção do estado da arte, base para discutir a análise dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas. Dessa forma, os capítulos foram colocados de modo a contemplar tópicos sobre as teorias fundamentais da ciência do desenvolvimento, como o ciclo vital familiar, a teoria bioecológica do desenvolvimento; sobre atualidades: contextos contemporâneos, mudanças sociais, além de conceitos sobre objetos da pesquisa como: família, juventudes e gerações.

Após a revisão de literatura, a pesquisadora teve um repertório aumentado, o que permitiu a elaboração de um roteiro (conforme descrito nos INSTRUMENTOS, APÊNDICES A e B), dividindo-a em três tópicos principais: juventude, autonomia e valores.

Em seguida, a pesquisadora contatou sua rede social para identificar as famílias a serem entrevistadas. Após obter o contato de um participante que atendia aos critérios de inclusão, primeiramente ligava para a mãe, apresentando os objetivos da pesquisa e convidando para agendar a situação de entrevista. Em todos os casos, a mãe foi convidada a atuar como mediadora do contato da pesquisadora com o pai e com o filho 'canguru'. Foram contatadas ao todo nove famílias, sendo que apenas em quatro delas, todos os membros aceitaram participar das entrevistas. Foi então agendado o local, a data e horário com todos os membros, através de contato telefônico.

Ao chegar ao local da entrevista foi solicitado a cada família que os três membros indicassem quem desejava iniciar a entrevista. Coincidentemente os filhos se dispuseram a fazer a entrevista em primeiro lugar, seguidos pelos pais. Apenas em uma família foi necessário o retorno, pois um dos pais passou mal e solicitou adiamento.

As entrevistas com as famílias escolhidas foram feitas com os pais juntos e em situação separada do/a(s) filho/a(s) para evitar contaminação nas respostas. Essa

decisão se deve ao fato de que é fundamental captar a espontaneidade dos relatos dos genitores que não seria obtida, caso a entrevista ocorresse em separado.

O local foi eleito pelas próprias famílias e todas escolheram suas próprias casas. Como a entrevista era gravada solicitou-se que houvesse um ambiente tranquilo, com pouco ruído e que pudesse oferecer privacidade ao entrevistado.

Inicialmente a pesquisadora leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE- APÊNDICES C e D), neste já havia o esclarecimento da necessidade de gravação e posterior transcrição e de todas as condições éticas subentendidas nas cláusulas do mesmo, sendo em seguida assinado pelos participantes em duas vias.

O primeiro instrumento aplicado foi o questionário ABEP (ANEXO A) e o preâmbulo da entrevista semiestruturada, para posicioná-los melhor quanto ao tema que iriam responder.

### **3.3.2 Análise de dados**

Segundo Yin (2001), o estudo de casos múltiplos não busca a generalização de seus resultados, mas sim a compreensão e interpretação mais profunda dos fatos e fenômenos específicos. Embora não possam ser generalizados, os resultados obtidos devem possibilitar a disseminação do conhecimento, por meio de possíveis generalizações ou proposições teóricas que podem surgir do estudo.

Após as transcrições, optou-se por apresentar as análises dos filhos 'cangurus', seguidas dos pais (a fim de manter o sigilo, optou-se por colocar apenas as iniciais dos participantes) e num segundo momento, foi feita uma análise horizontal e integrativa, incluindo breve apresentação das características psicossociais de cada família entrevistada e categorização dos principais valores familiares identificados (após selecionar as declarações mais significativas a fim de encontrar as unidades de significado para contextualizá-las, segundo o modelo bioecológico). Vale a ressalva que, como a transcrição foi feita pela própria pesquisadora, a discussão tornou-se enriquecida e facilitada, pois promoveu a observação da mesma sobre o contexto da relação familiar abordada.

### 3.3.3 Ética da pesquisa

O primeiro contato foi efetuado de forma presencial, a fim de requerer o consentimento informado da participação no estudo (TCLE) assinado por ambas as partes e garantir o sigilo e a preservação das identidades dos informantes. A investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa antes de se iniciar a fase de inserção em campo, em atenção à resolução CNS/MS510/16, elaborada a fim de resolver epistemologicamente questões da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais (CHS), em que a neutralidade e a objetividade positivista esperadas em pesquisas como as de cunho biomédico não acontecem.

[...] Considerando que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teóricas-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico;

Considerando que a Resolução 466/12, no artigo XIII. 3, reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas suas particularidades;

Considerando que a produção científica deve implicar benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado;

e Considerando a importância de se construir um marco normativo claro, preciso e plenamente compreensível por todos os envolvidos nas atividades de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, resolve: [...] (BRASIL, 2016, p.44)

A relação entre o pesquisador e o “pesquisado” no encontro da entrevista, é para ambos um momento de aprendizado e de mudança. Existe uma negociação do significado das histórias, pois poderá haver um entrelaçamento entre a semântica do participante com a do pesquisador. Pode resultar em vários *insights* positivos sobre a vida, por ambos. Facilitando também a ordenação dos eventos e assim assimilando melhor as experiências vividas. (CRESWELL, 2014)

Considerando que a relação pesquisador-participante se constrói continuamente no processo da pesquisa, podendo ser redefinida a qualquer momento no diálogo entre subjetividades, implicando reflexividade e construção de relações não hierárquicas [...] (BRASIL, 2016, p.44)

E cujo benefício foi assim apresentado aos pesquisados:

“(...) esta pesquisa poderá ajudá-lo (a) a refletir sobre a relevância do tema para sua vida. Além disso, será ampliado o conhecimento científico sobre o fenômeno e tais dados poderão ajudar profissionais que trabalham com famílias na construção de práticas sociais em agenda pública”. (transcrito do TCLE- APÊNDICE C e D)

A ética implica ver “os dois lados da moeda”, e riscos ou danos são plausíveis de acontecer. Constrangimentos, bloqueios, pausas, encruzilhadas e mudanças de direção são os possíveis comportamentos e emoções dos quais os participantes estão sujeitos, podendo aparecer como mecanismo de defesa psicológica, ao entrar em contato com um trauma passado, ou mesmo ao revisitá-lo com suas lembranças e manifestações expressas publicamente.

Tais riscos e danos foram apresentados aos pesquisados da seguinte forma:

Há o risco de constrangimento ou algum transtorno psicológico em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, você receberá apoio psicológico gratuito por parte da pesquisadora (que possui especialização para tal) a qualquer tempo, mesmo que o/a senhor/a/(aos pais) ou você (ao jovem) venha verificar o transtorno após a entrevista. (transcrito do TCLE - APÊNDICE C e D)

Além disso, desencadeamento de tensões e conflitos entre os membros da família pesquisada também poderão ocorrer: “Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes” [...]. (BRASIL, 2016, p. 44) A pesquisa de campo transcorreu sem que nenhum evento inesperado ou conflitivo ocorresse.

Corroborando com a ética, nas citações dos participantes no texto do estudo, foram tomadas medidas a fim de evitar revelar a identidade dos mesmos, com o uso apenas das suas iniciais.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: JUVENTUDE, AUTONOMIA E VALORES NAS PERSPECTIVAS DE PAIS E FILHOS

Neste capítulo serão apresentados à luz da revisão de literatura, os resultados obtidos com cada um das quatro famílias, abordando: o(a) filho(a) “canguru” e suas concepções respectivamente aos tópicos previamente elencados sobre: “juventude”, “autonomia” e “valores”, bem como as dos seus pais. Em seguida, será realizada uma categorização das práticas, crenças e valores de cada família para posterior discussão geral dos valores familiares encontrados em comum ou em tensão.

Foram usadas três formas de apresentação do texto para facilitar a interpretação: 1) os pedidos da pesquisadora baseada no roteiro da entrevista semiestruturada ao participante com fonte em *itálico* e espaçamento padrão; 2) a narração do participante com fonte menor e espaçamento simples, e 3) a análise da autora, na fonte e espaçamento padrão.

### 4.1 FAMÍLIA Nº1

Formada pelo pai S.(59) técnico em mecânica, mãe E. (55) formada em pedagogia (com especialização em Matemática) e três filhos do gênero masculino. Os pais se conheceram na igreja católica e se mantêm praticantes. Convivem há 41 anos, 37 de casados. Lembrando o critério de que todas as famílias entrevistadas deveriam pertencer à classe média alta, esta faz parte pelos critérios da ABEP da classe A. Os pais ainda trabalham e a mãe está fazendo doutorado.

O filho mais velho já é casado, sem filhos e atualmente mora no interior da Bahia, de forma autônoma (mas já morou com a esposa na casa dos pais até conseguir autonomia completa), o filho do meio é o “canguru” (G.) e o mais novo ainda reside com eles, pois ainda está graduando, embora na visão do pai seja o mais independente dos três e provavelmente sairá de casa logo.

G. aparenta ter um temperamento introspectivo. Não possui problemas físicos que comprometam a comunicação e/ou locomoção. Observa-se em suas respostas à

entrevista, ter a família como parâmetro principal para demais relações. Não tem filhos. Bacharel em Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) - BA. Atualmente trabalha como voluntário na Igreja Católica, fazendo mediação entre casais, mas também simpatizante da doutrina espírita. Solteiro. Tem 30 anos. Formou-se há seis anos. Possuem um cachorro (ao qual são muito apegados). Possuem muitos retratos de várias fases do curso familiar pendurados na parede.

1) Conceitos do 'canguru':

*Quando solicitado a falar sobre questões que abordavam a juventude e mais especificamente o "jovem adulto", G. começa contrariando a ideia de faixa etária determinista e não acredita num critério absoluto (meramente cronológico) para estabelecer tal regra:*

Bem, eu diria que o jovem adulto tem uma faixa etária, né, não sei bem qual é [...] 25 a 34 anos, no qual eu me enquadro, então seria a nomenclatura técnica do jovem adulto nessa faixa etária. Mas, o jovem adulto acho que tem mais a ver com a questão mental da pessoa, [...] a gente não deve criar nomenclaturas ou padrões para delimitar uma idade.

Tal avaliação vai ao encontro da discussão de Pais (2009) sobre o conceito de juventude, como um critério cronológico engessado e de conotação contrária ao novo paradigma sistêmico, (pilar da instabilidade), apesar de que, segundo o próprio autor, o tratamento de geração demográfica seja um "mal necessário" para legitimar os direitos e deveres político-jurídicos do indivíduo que quer fazer o "rito de passagem" para a adultez.

*Quando foi sugerido a G. que falasse sobre o que ele pensa ser um jovem adulto, surgem frases (na terceira pessoa) demonstrando os medos que ele supostamente enfrentaria com maior dificuldade a transição, como por exemplo, uma gravidez indesejada antes do casamento ou sobre se empregar em algo apenas para se tornar independente ou para prover uma família:*

[...] que na verdade ele não tem uma certeza ainda, na verdade ainda está ainda querendo meio que desbravar, crescer, se desenvolver como indivíduo e táí muitos tendo filhos, sem querer ter filho, muitos no primeiro emprego ou em um emprego que não querem continuar nesse emprego, então é um jovem, digamos assim, que quer crescer, que quer ser realmente oooo adulto (sic) [...]



*Quando abordado sobre supostamente educar o jovem adulto descrito pelo próprio, G. traz a ideia do paradigma sistêmico, mais especificamente sobre o pilar da complexidade nos fatores envolvidos no comportamento humano e na ideia da teoria bioecológica sobre o contexto influenciando no desenvolvimento, lembrando a interdependência das relações entre PPCT, segundo Bronfenbrenner (2011):*

Eu acho que nós não temos, não digo nem um rio, mas um oceano de informações à disposição. Uma criança de 10 anos não é a mesma criança de 10 anos atrás, tem todo um contexto. [...] eu acredito que ensinar alguém é prazeroso, mas é muito complexo, [...]

Ainda investido na ideia de responsabilidade sobre as gerações posteriores G. acredita que se não for para educar esse jovem, mesmo identificando ser um desafio, devido às inúmeras configurações não só no ciclo vital individual, assim como no familiar (CERVENY, 2009), que se torna a cada dia obsoletas quanto a um suposto padrão comportamental, é preferível abdicar desta e segue explanando:

Não, não é fácil, eu não acho que é fácil, mesmo assim eu quero ter filhos, eu quero ter 3 filhos no mínimo, eu acho que vai ser muito prazeroso, enfrentar esse desafio, entendeu? Então eu acho que vou... o ser humano, ele evolui porque ele vence os desafios, então eu acredito que tem que tentar, se você quer ser pai, se você quer ser mãe, tem que enfrentar os desafios, senão não seja pai, não seja mãe.

*G. segue fazendo uma breve avaliação nas mudanças contextuais contemporâneas, demonstrando estar ciente das questões socioeconômicas em nível nacional e mundial (oferta versus demanda e o impacto social do avanço tecnológico) e no grau de dificuldade que isto reverbera na sua condição de jovem adulto em transição. Embora aparente encará-las como pertinentes, demonstra insegurança quanto à possibilidade de soluções:*

Eu acredito que hoje está muito mais difícil, [...] Tá muito mais complexo, tá muito mais difícil, [...], você com seus próprios passos, voar. Eu acho que [...] os concursos de hoje em dia não são como os concursos de 10 anos atrás, [...] Era mais fácil, hoje em dia tá muito difícil, hoje em dia tem mais de mil faculdades de Direito no Brasil. É um comércio de “concurseiros” que está surgindo.

[...] e a tendência é ficar cada vez mais difícil, a robótica tá vindo aí, e eu acho maravilhoso os robôs fazerem um trabalho que seria um trabalho manual, braçal, [...], mas no momento que o robô vai acabar tomando o emprego de alguém, então a própria mecânica do

capitalista tem que ver como é que vai funcionar [...] como é que vai ser esse emprego, onde é que vai colocar esse pai de família? Então tem todo um contexto, toda uma lógica [...]

Essas falas de G. nos remetem às incertezas advindas das situações econômicas difíceis no mundo contemporâneo relatadas em estudos sobre o período de transição do jovem adulto. (BORGES, MAGALHÃES, 2009; CROCKETTI, MEEUS, 2014; LANZ, TAGLIABUE, 2014)

*G. aborda as principais influências sobre as mudanças comportamentais da juventude de seus pais para a sua geração:*

É como eu falei né, a questão da internet, por exemplo, né, que é o grande... Do próprio celular, dos avanços tecnológicos que vem despontando ao longo dos 10, 20 anos, desde os anos 80, digamos assim, que houve um “boom”, uma explosão de informações, eu acho que as pessoas, [...] vêm mudando ao longo dessa evolução, a própria sociedade vem mudando ao longo dessa evolução, né! [...] mas, eu acredito que de certa forma os meios tecnológicos, eles estão influenciando positivamente na família, [...] eu acho que a gente não tem que achar que:—ó é o vilão;—ó eu não falo mais com meu filho por que eu só falo pelo whatsapp, não, às vezes é só uma nova forma de comunicação!

[...] então muita coisa mudou, acho que o diálogo tem que ser muito mais presente, eu acho que a psicologia envolve muito isso, né, acho até que a concepção psicológica da família mudou.[...] e eu percebo como tem mudado a questão, como tá muito frágil as questões familiares, tipo assim, como as pessoas determinam, fazem divórcio de forma consensual numa forma como se fosse trocar uma roupa, é uma coisa que, tá mudando muito, eu acho que a família tá muito frágil.

G. elenca a virtualidade como uma realidade positiva e como mola propulsora para rupturas de padrão comportamental nas relações familiares e a melhora no diálogo como solução para a “liquidez”<sup>14</sup> dos mesmos vínculos. Para ele, observa-se que a exposição da ideia do comportamento jovem vem sempre associada ao da família como parâmetro determinante.

---

<sup>14</sup>Termo criado por Zigmunt Bauman (2001) fazendo analogia entre a instabilidade da forma do estado líquido (menor coesão das moléculas de uma substância qualquer no estado líquido) e os vínculos atuais, flexíveis e instantâneos.

*Seguindo o raciocínio, G. expõe um provável diálogo com o pai, exemplificando as diferenças contextuais intergeracionais:*

[...] Então é muito mais difícil hoje em dia. Antigamente era mais fácil. Ah! Eu casei com 23 anos, com 24 anos eu tive um filho, não sei o quê. Pô, sim, parabéns! Na sua época era mais fácil, na sua época você conseguia um emprego logo, mas na minha época não, na minha época tô aqui com 30 anos, e lutando para conseguir uma... (interrompe a fala, se dando conta da catarse).

*Após G. propor aos pais se manter acolhido em casa a fim de estudar para concurso, já escreveu um livro, já passou na prova da OAB e já concluiu um mestrado, acreditando que com essas ações ele não se veja estagnado ou acomodado na situação de “canguru”:*

Então a minha forma de participar melhor é através da educação. Então estou me educando, tô estudando, não estou parado, não sou a geração neném, né? Que não estuda nem trabalha, eu trabalho, sou advogado.

*Além disso, acredita que está no caminho certo, pois quer manter seu padrão de vida (classe A, segundo o critério de pontuação da ABEP).*

[...] eu bato o pé firme, eu só vou sair de casa quando eu tiver condições realmente de sair, eu não vou me aventurar na rua, para morar num bairro pior do que eu moro, do que eu já moro, se eu não tiver uma condição de sair, tiver condição realmente de enfrentar.

[...] com relação à autonomia financeira, é a única coisa que eu infelizmente não tenho ainda, eu posso ter autonomia financeira, mas não a que eu quero, eu sou oriundo da classe média e quero continuar permanecer sendo classe média, eu acho que é um direito que tenho.

Esta noção de aprimorar a educação formal para manter ou melhorar o padrão social encontra voz nos estudos de Quadros (2003) é típico da Geração Y e suportado pela camada “superior” (A ou B1 na classificação da ABEP):

*Camada superior:* formada por empresários e microempresários e a alta classe média (assalariada e autônoma) que tem como projeto de vida a expectativa de expansão contínua em termos de renda e *status quo*, oferecendo condições para o desenvolvimento de seus filhos. (RIBEIRO, 2010, p.123)

*G. acredita na possibilidade de autonomia, se enxerga independente, mas não está satisfeito com o nível atual atingido e espera que com as ações propostas e justas e com o apoio dos pais, diante dos reveses contemporâneos, alcance suas metas profissionais:*

[...] eu tenho minhas causas, eu tenho meu cartão, eu tenho meu site, eu tenho meus processos com êxito, então [...], acredito que no momento atual eu estou independente, mas não é a independência que eu quero ainda, entendeu? Não é a independência que eu preciso, eu gostaria de ter uma independência maior, eu gostaria de ser um juiz, eu gostaria de ser um promotor, um defensor público, ganhar mais do que eu ganho hoje em dia, então eu acredito que eu posso fazer isso, no momento que eu posso, no momento que meus pais me dão essa possibilidade de eu estudar um pouco mais, me esforçar um pouco mais, no conforto do meu lar, citando aí o Canguru, né, eu acredito que é possível, acho que, porque não, né? Eu acho que o mundo tá muito cruel, [...]

*G. critica sua profissão e acredita que para ganhar autonomia completa precisa da ajuda dos pais:*

[...] mas a advocacia em si ela é uma atividade cruel também, ela não é só..., para você ter um ganho financeiro é difícil, você ganha, você ganha nove mil reais aqui, dois mil ali, mas isso não tem como você se manter com isso, só com isso. Então a gente tem que estudar mais, acho que advocacia, você tem que... Se você não tiver um...alguém que te ajude, que só te auxilie, que te ajude a fazer um escritório, alguma coisa assim [...]

*Como meta pessoal, sequencial e complementar à ideia de autonomia, G. pensa no casamento como fonte de acolhimento e tranquilizador e, seu discurso é coerente com a ideia de um vínculo fortalecido, voltando à ideia da família como unidade básica, como valor principal:*

[...] eu tenho uma concepção de casamento muito mais enraizada, digamos assim [...], pra mim é sério, pra mim casar é para a vida toda, não é para casar e daqui a dois anos terminar e ter um divórcio. Acho que basicamente o casamento é algo muito valioso. [...] São complementares, na verdade. Acho que o casamento tem uma função de acolher os problemas. [...] Eu acho que o casamento é para você chorar as mágoas do trabalho, do estresse, chegar em casa e ter a sua família, e ver que vale a pena continuar lutando, vale a pena continuar trabalhando, vale a pena enfrentar os dragões, porque você vai ter uma família.

*Em relação ao conceito próprio de família G. acredita ser sinônimo de união entre pessoas que possuam afeto entre elas e como manifestação social dos seus direitos individuais de escolher suas afinidades, podendo gerar várias configurações:*

[...] a família é multifacetária, né, [...] tem família monoparental, tem família aparental, sem pais, só filhos, só primos, enfim tem vários tipos de família. Eu acredito que família é uma união de pessoas que se gostam, que tem uma afinidade entre si, acredito que seja isso, não tenho uma concepção clássica de família não, acredito que família é uma manifestação social que as pessoas tenham entre si, que tenham a vontade de permanecer juntas.

[...] tem que ter união, é um princípio fundamental. Não existe família sem união, independente de que família seja, pode ser família monoparental ou aparental, se não tem união não é família.

Este conceito de G. sobre sua interpretação sobre família nos remete a ideia da família contemporânea apreciada na revisão de literatura, onde a base é o afeto, as escolhas de estarem unidos são individuais, explicando as variadas configurações. (CEVERNY, BERTHOUD, 2010; LIPOVETSKY, SERROY, 2011)

*Quando questionado sobre os valores familiares recebidos e quais perseveraria transmitindo aos seus filhos, G. relata: honestidade, união, respeito, apoio e apenas acrescentaria a necessidade de adaptação às mudanças:*

Os valores de honestidade, eu acho que me marcaram muito a questão de honestidade, de vc não roubar, não furtar nada dos outros. Acho que a questão de união, de respeito, de apoio [...] Talvez eu acrescente só como mudar, porque eu acredito o mundo está mudando, que estamos numa transição, então eu tenho que mudar como o mundo, né... porque quem fica prisioneiro dos seus pensamentos, não vai conseguir ter um ensino adequado para os filhos.

Essa fala de G. remete à adequação geracional necessária ao auxílio às transições no mundo contemporâneo e mais particularmente, no recorte deste estudo, na transição do jovem adulto que precisa do apoio familiar para dar conta de transpor os estágios do curso de vida individual:

A família sempre cumpriu a função de apoio físico, emocional e financeiro para sua prole, mas a necessidade de apoiar os membros mais jovens na longa transição para a idade adulta é um fenômeno novo, que agora é visto com frequência crescente em todos os países industrializados avançados. **(tradução nossa)** (LANZ, TAGLIABUE, 2014)

*Ao final, quando solicitado que G. fizesse uma reflexão sobre os valores transmitidos por seus pais, ele traz que o maior legado da família é o de transmissor de valores frutos de experiências que deram certo:*

O grande viés da família é esse, poder passar o melhor de si para a outra pessoa, [...] Eu tenho ganhado alguns troféus aí [...] então acredito que sim, são coisas positivas, né... Não engravidei ninguém até agora (risos), então acredito que sim, que tá dando certo.

## 2) Conceitos dos pais:

*Quando os pais são solicitados a falar sobre o que entendiam por “jovem-adulto”:*

- Pai:

Bom, é alguém que já passou da adolescência, que já tem os valores constituídos e sabe que necessita de ingressar na vida adulta, seja economicamente, seja constituindo família, é a transição do filho para o adulto (risos), né!

- Mãe: acha que é uma fase de dúvidas sobre sua identidade social:

[...] ele ainda tá na dúvida se ele vai em busca de algo ou se ele ainda continua perto da família, para ela poder dar mais apoio. Eu vejo esse jovem muito indeciso nessa luta da busca dele.

O pai acredita ser a fase onde os valores já foram assimilados e tem a expectativa que o filho demonstre autonomia, realizando os “ritos de passagem”, com o objetivo de adquirir o *status* de adulto. (PAIS, 1990, 2009) Preocupado em atender as exigências do seu padrão cultural de autonomia.

Observa-se que na fala da mãe o discurso é diferente, não traduz o conceito em si, mas aborda o prolongamento da fase de transição, onde o jovem adulto ainda está inseguro para sair totalmente e, portanto, ainda se mantém no processo das ‘trajetórias yoyo’. (BORGES, MAGALHÃES, 2009, p.44) A mãe está focada nos aspectos psicossociais do filho, da pessoa e dos processos proximais que nestes se implicam.

*Quando solicitados a descrever semelhanças e/ou diferenças com a fase de transição do jovem adulto, iniciam relatando sobre suas próprias fases:*

- Pai:

[...] meu pai, minha mãe e quatro irmãos, aí decidi já ter logo uma carreira cedo, [...] porque queria uma independência como pessoa, financeira, seguro, me senti até muito estipulado na época, já comecei a trabalhar logo depois que terminei o curso, não era muito, mas já me deu certeza que podia partir para ter uma família. Na minha família tinha muito acolhimento, mas foi uma opção pessoal. Optei por me sustentar.

- Mãe:

Eu saí mais cedo porque [...] não tínhamos liberdade e outra: minha família era de classe média baixa, trabalhar era primordial para ganhar a liberdade, quanto financeira, como amorosa, formar minha família. [...] S. tinha família grande, embora uma vida mais estável, com pai médico, mas a mãe não trabalhava, mas meus pais não tinham dinheiro para me dar certas regalias S. em busca da independência dele e eu de correr atrás da liberdade.

Para o pai, a independência financeira durante a fase do jovem em transição foi uma questão de escolha atender as exigências culturais (contexto), pois, já se sentia livre em escolher o caminho do desenvolvimento como quisesse, pelo respaldo que recebia de sua família. Era a autonomia possível na fase em que se encontrava, havia a crença do ganho da independência psicossocial conforme o tempo e experiência com as relações proximais.

Para a mãe, a independência financeira nesta fase foi um imperativo social, não era dada opção de não querê-la, ou isso ou nada, apesar de ter o respaldo afetivo familiar assim como S., mas tinha também a questão de gênero, outro aspecto que aprisionava a mulher, naquela época com maior preconceito, em vários meios e quanto aos objetivos sociais, impondo também que a busca pela autonomia completa fosse ainda mais imperativa e rápida.

*... Para depois estabelecerem as diferenças com o contexto atual:*

- Pai:

[...] hoje o jovem pensa em sair mais pronto, mais formado, sem pressa de constituir família, de já ter salário, de já ter emprego. [...] hoje eles não tem o anseio de sair com segurança, hoje preferem ficar mais confortáveis com papai e mamãe. [...] Na minha adolescência, não existia tanto bombardeio de informação como existe hoje, então era estudar, trabalhar e constituir família, quem não fazia esse caminho...

Podia ficar à margem da sociedade. Não tinha o que discutir com pai e mãe. Hoje a sociedade aceita mais as opções e a quantidade de informação é fantástica!

- Mãe:

“[...] a sexualidade da minha época não era igual ao desse povo agora, éramos bem privados, né, [...] Os jovens agora não precisam dessa luta. Então essa é a diferença.”

Ambos trazem as diferenças do modo como a juventude era compreendida na geração deles e no contexto deles, fase “imprensada” entre a adolescência e o querer “ser adulto”, para ter a própria liberdade de escolha.

*Quando solicitados a falar sobre as expectativas na fase de transição dos filhos:*

- Pai:

Não, por ter três, [...] Tudo diferente. S. precisou um empurrãozinho para sair de casa e tocar a vida dele, [...] muito crítico às relações familiares, parecia um galinho no terreiro, questionador, crítico. G. é mais introspectivo, não interferia tanto. F. deve sair cedo, é independente, sabe o que quer, define as coisas rápido, parecido com a gente na nossa época. Eu com a idade de G. já tinha dois filhos.

- Mãe:

“Imaginava que na idade deles, já não estariam mais com a gente. Com quarenta anos já me achava velha, pelo menos que eles já teriam família constituída.”

O Pai considera que o temperamento também é fator importante no processo de transição, corroborando com a ideia de ‘Pessoa’ na teoria bioecológica de Bronfenbrenner (2011), mas não deixa de expressar a expectativa de que os filhos experimentassem os ritos como ele, apesar de respeitar, demonstra certa frustração.

A mãe aparenta conceber as diferenças de transição atual no contexto e demonstra que antes era presa à ideia da idade cronológica como limite das fases de vida.

*Quando solicitados a falar sobre as influências do contexto nas mudanças da fase de transição do jovem adulto contemporâneo:*

- Pai:



Eu acho que o movimento yuppie americano influenciou essa ideia de sair formado, preparado para sair ganhando muito, naturalmente, diferente da realidade do nosso país. [...] novelas, pessoal alcançando o sucesso muito rápido, a mídia, um jovem promotor com 26 anos ganhando trinta mil reais, é um em mil! Isso mexe com o imaginário deles. A ideia da minha época antes era ficar muito tempo numa empresa e hoje é dito que o jovem tem que mudar de emprego para galgar novas experiências, não sei qual o certo. Na minha época tinha que ter consistência na profissão, o tempo ia dando experiência.

- Mãe (apenas complementou):

“Nossa sociedade anda perversa com eles, não está ajudando não.”

A fala do pai nos remete à ideia de Contexto de Bronfenbrenner, no qual o autor lembra que sistemas, mesmo que não relacionados diretamente (como o caso do Exossistema e do Macrossistema) exercem influência sobre os sistemas hierarquicamente menores (como no modelo dos círculos concêntricos), principalmente agora num mundo globalizado, no qual a distância física é suprimida pelos avanços tecnológicos da internet que, ao trazer “notícias fresquinhas” do outro lado do mundo traz a ilusão de que a cultura é uma só. Além disso, outro aspecto visível é o aspecto ‘Tempo’ que nos dá um sentido desenvolvimentista e integrativo com o contexto que nos cerca (cronossistema) e que interfere nos desenvolvimento das pessoas. (BRONFENBRENNER, 2011; LIPOVETSKI, SERROY, 2011)

A narrativa do pai também expõe o conflito filosófico entre as práticas e crenças dos paradigmas tradicionalista e sistêmico.

*Quando solicitados a falar sobre o conceito de autonomia, ambos usaram narrar suas trajetórias para expressar sobre o que pensam a respeito:*

- Pai:

Eu me julguei autônomo, quando na escola eu comecei a fazer o ginásio e me mostrei competente e quando escolhi minha profissão e me vi um profissional competente no estágio e então eu vi que podia viver sozinho, ser autônomo, [...] Logo depois decidi me casar, casei cedo, com 22/23 anos e ela 21. [...] na hora que deu condições, [...], de me sentir competente para sobreviver financeiramente, ter minha vida independente com ela, foi que... Nesse momento aí.

- Mãe:

Quando eu conheci meu emprego depois de formada. [...] Então eu optei: faculdade e o casamento e tive que sair do emprego, então eu fiquei dois anos, quase três anos sendo sustentada, dependente de um marido. Então logo depois que me formei, eu fiquei louca, comecei logo a trabalhar, mesmo ganhando pouco, eu comecei a sentir que podia voar e voei.

Ficam evidentes duas coisas: a fase de aquisição segundo Carter e McGoldrick (1995) foi caracterizada cronologicamente, mas diferencia-se quanto aos aspectos psicossociais, principalmente na análise das diferenças de gênero e da categoria social de origem dos cônjuges, conforme evidenciado nas ideias de Quadros (2003), sobre as diferenças do investimento parental no desenvolvimento educacional dos filhos de acordo com o status social.

*Quando solicitados a falar como veem a conciliação entre casamento e trabalho:*

- Pai:

A gente não complicava muito naquele tempo, não. Talvez por... Não sei se é pragmatismo. Mas era o exemplo que a gente tinha de pai e mãe era: trabalho, família, filhos, constituir outra família, né... Crescer, viver e depois morrer! (risos) Era mais ou menos o que a gente imaginava.

- Mãe:

O trabalho nunca atrapalhou muito. [...] O pai dele foi uma peça importantíssima na vida da gente, [...] Meus pais também foram importantes porque em relação ao equilíbrio. [...] porque famílias diferentes, educações diferentes [...] Tivemos que conciliar quem lavava a louça, quem arrumava a casa. Primeiro ano foi o ano dos ajustes. Às vezes me pergunto: Como consegui administrar trabalhar ter filho pequeno e trabalhar? Foi difícil, não foi tão difícil porque meninos estudavam no mesmo contexto que eu trabalhava. E o S. não podia dar muito apoio, porque trabalhava fora o dia inteiro.

Repetem as questões de preocupação pelo pai às exigências do cumprimento aos ritos de passagem e os questionamentos de gênero da mãe como importantes aspectos influenciadores no conceito de autonomia. Lembra o período de ajustes da fase de aquisição do ciclo vital familiar brasileiro.

*Quando solicitados a falar sobre criar filhos nos dias de hoje:*

- Pai:

“Quando nasceram queria que fossem mais felizes que eu, coisa de pai. Acho que só alcançam a felicidade quando se sentirem seguros de si, que são capazes de ter uma vida digna.”

- Mãe:

“A convivência familiar, isso fortalece eles [...] Nós somos espelhos. Acaba passando os valores. Eles querem ter a mesma energia, a mesma união. Sentem falta de estar juntos.”

3) Crenças familiares identificadas:

- A família é importante para oferecer apoio psicossocial aos seus membros;
- O trabalho é libertador;
- O respeito às disposições comportamentais é prioridade na forma de educar;
- A autonomia é um processo importante para o sentimento de identidade social;
- O sentimento de união se constrói pelo fortalecimento dos vínculos familiares;
- Realização pessoal se ganha com união, segurança e dignidade.

4) Práticas familiares narradas:

- escola com uma pedagogia voltada para uma formação de cidadania completa (católica);
- procuraram residir em moradias que oferecessem segurança;
- proporcionaram atividades extracurriculares na época da infância e adolescência (natação, circo, clube);
- durante o ensino infantil e fundamental estudaram na escola que a mãe lecionava;
- atividades ligadas à igreja (sacramentos e missa);
- viagens em família (continua vigente nos dias atuais).

*Quando solicitados a falar sobre valores que supostamente receberam e retransmitiram ao G.:*

- Pai:

Primeiro; trabalho. Então união, cuidado entre si. [...] família unida, embora meu pai fosse mais seco, acho que da época, apesar de diferente com os netos. Minha mãe não, sempre foi rígida e carinhosa. Respeito ao temperamento de cada um. [...] Resumindo; uma família que cuida dos filhos, se preocupa, acolhe, apesar de serem 3 homens, a gente dá uma forçada para se aproximarem mais.

- Mãe:

“Meu pai: respeito; rígido, mas amoroso. Cuidado com as filhas. E minha mãe largou o trabalho só para cuidar dos filhos.”

O Trabalho é o valor que dá sentido aos comportamentos da família nº1, mantém o padrão familiar e garante a certeza de um porvir seguro e feliz para as demais gerações.

A União (Acolhimento, cuidado pelo outro) também é um valor fortemente evidenciado na família nº 1. S. alega que sua história de vida “nômade” contribuiu muito para que esse valor fosse instituído como fonte de resiliência, em virtude da família (Pai, mãe e 5 filhos, 4 biológicos e uma de criação) precisar acompanhar o pai nas mudanças que sua carreira de sanitaria exigia a cada 3 anos.

*Quando solicitado se haveria algum valor diferente/a mais da família de origem, transmitido ao filho:*

- Mãe:

Mais no contexto financeiro, não nos valores. Hoje damos melhor qualidade de vida, que não tive. [...] Mas não só isso, a abertura do diálogo, também é forte, antes não tinha, o diálogo era um pouco podado, ditavam muitas normas na minha época, é isso é isso, o contexto de hoje dá mais abertura para dialogar. Você dá os argumentos para sugerir o melhor caminho, mas dá para deixar ir e quebrar a cara e depois eles voltam, a gente acolhe...

- Pai:

Não questionava muito na minha época não, confiava que era como meus pais diziam: o caminho do bem viver. Na nossa época não tinha muito tempo para complicar as coisas. Hoje eu acho que necessita de uma formatação de novas ideias, de material com base para que oriente a quem precisa.

Um terceiro valor é o Respeito ao tempo de cada um. Quando imbuídos nesse espírito de se responsabilizar pelo bem-estar do outro, a família apoia o *timing* de cada membro, fazendo acordos entre temperamento, maturidade, suportando a busca dos filhos pela autonomia, facilitando o ganho de vínculos mais duradouros, satisfação pessoal e automaticamente na continuidade de um desenvolvimento em direção à vida adulta com maior segurança e a assimilação dos outros dois valores explícitos.

#### 4.2 FAMÍLIA Nº2

Formada pelo pai J.(54), técnico em eletrotécnica e paranaense e mãe S. (58) formada em Ciências Contábeis e três filhos do gênero feminino. Os pais se conheceram numa micareta de Feira de Santana/BA (cidade natal da mãe). Convivem há 31 anos, 30 de casados. Lembrando o critério de que todas as famílias entrevistadas devem pertencer à classe média alta, esta faz parte pelos critérios da ABEP da classe A. Moram numa casa interna a um condomínio de luxo no bairro de Nova Brasília de Itapuã. O Pai trabalha e a mãe atualmente está cuidando da casa.

A filha mais velha é solteira, sem filhos e atualmente mora em Londrina, estudante de medicina (residência), mas ainda com dependência financeira, a filha do meio é a “canguru” (R.) e a mais nova reside em São Paulo, também dependente financeiramente, estudante de Artes Cênicas. São católicos praticantes.

R.: Aparenta ter um temperamento extrovertido e comportamento social responsável. Não possui problemas físicos que comprometam a comunicação e/ou locomoção. Observa-se em suas respostas à entrevista, ter os dogmas católicos como parâmetro principal para sua visão de mundo. Não tem filhos. Bacharel em Direito pela Universidade Salvador (UNIFACS) - BA. Atualmente trabalha na área de defensoria pública como analista no Centro Administrativo da Bahia (CAB). É católica e frequenta as missas regularmente. Solteira, mas namora há quatro anos e pretende se casar. Tem 26 anos. Formou-se em março de 2014 e logo após fez mestrado em Coimbra, Portugal, por 18 meses.

Possuem um quadro pintado da família pendurada na parede principal da mesa da sala de jantar (local da entrevista)

## 1) Conceitos do 'canguru':

*R. ao relatar suas ideias sobre o conceito de jovem adulto:*

Adulto porque já tem determinadas responsabilidades que o adolescente não tem, mas é jovem porque o conceito de juventude modificou [...] todo mundo passou querendo se divertir mais, porque as pessoas adulteciam, tipo casavam, então tinham que trabalhar e sustentar seus filhos, as responsabilidades chegavam muito cedo. E hoje não, às vezes você já está trabalhando, você tem as responsabilidades, mas quer continuar se divertindo, continuar sendo jovem, [...] jovens adulto, nesse conceito caricaturado de jovem. Trabalhando esse conceito, não o de alma jovem.

R. identifica a diferença de ser adulto, apontando o '*checklist*' das expectativas do rito de passagem (PAIS, 1990; HENRIQUES, JABLONSKI, FÉRES-CARNEIRO, 2004) em gerações anteriores e ressalta a primeira parte da juventude pós-moderna, conforme identificado por Guerreiro e Abrantes (2005).

*E continua ao avaliar essa fase com a da adolescência:*

[...] é como se ele não tivesse mesmo a responsabilidade, a não ser o estudar. Pode até fazer alguns estágios. [...], as famílias de baixa renda já procuram um estágio para o filho ir fazendo alguma coisa, mas ainda assim, ele não tem o compromisso de estar contribuindo com a casa, o estágio é para ele aprender, é o momento sempre que ele está em formação, ele só é receptor, não doa nada, então o adolescente ele não tem essas responsabilidades para com os outros, é o momento dele se descobrir dentro do mundo, [...], e é uma fase que acaba se divertindo mais, como as responsabilidades não são tão grandes, porque não tem as pressões sociais, então te permite curtir mais a vida.

Importante o destaque que R. faz ao contexto social, onde a rotina da adolescência difere um pouco dependendo da camada social, mas não no conceito, quando visto sob uma perspectiva mais sistêmica.

*Ao questionar R. sobre a educação do jovem adulto contemporâneo:*

[...] Nossos pais nos dão muitas liberdades. Eu vim de uma família de classe média alta. [...] Então você tem acesso, [...] com o mundo mágico, [...] mas isso não pode se estender para toda a adolescência. [...] o acesso aumentou muito hoje em dia, então, saber dar esses limites é muito difícil! O que pra mim diferencia liberdade da libertinagem é justamente o saber ensinar a ter responsabilidade. [...] como ensinar seu filho que embora o acesso chegue fácil ele precisa ter responsabilidade e não sair fazendo o que ele quer? Acho que esse

é o ponto mais importante. Porque o adolescente precisa descobrir, ter as experiências, para criar a identidade dele, ele precisa disso, então saber conversar e dialogar, criar esse canal de abertura antes que o adolescente comece a querer ser completamente independente, [...].

Uma observação importante aqui, R. foi questionada sobre o jovem adulto e sua resposta foi toda em cima da adolescência, revelando uma noção de continuidade e da necessidade de cuidar bem da fase que antecede, vislumbrando o desenvolvimento do indivíduo, do ganho da autonomia.

*Ao questionar R., sobre educar esse jovem adulto na época dos seus pais:*

Acho que isso não era uma preocupação muito grande antigamente. Antigamente a gente tinha muito o modelo tradicional, de ensinar. Mandava para o colégio, aprendia as disciplinas, o que aprendia em casa, estava aprendido, não estavam preocupados com as questões emocionais [...], estava dando roupa, estava dando comida, dava o carinho, mas o resto a educação vc vai aprender aqui no colégio depois meu filho vc vai trabalhar e ter a sua casa. Hoje em dia, como estamos mais atentos as questões psicológicas, os filhos, até porque a gente começa a protegê-los mais, entender essas necessidades, até as doenças são de fundo emocional, [...]

O discurso de R. é todo na primeira pessoa, demonstrando reconhecimento da representatividade da sua geração e responsabilidade no processo educativo das futuras gerações. Observamos a noção do afeto, da abertura do diálogo, entrando no relacionamento intergeracional contemporâneo, diferente das responsabilidades instituídas à família antigamente, apenas com a obrigação da educação formal e dos cuidados com higiene, alimentação e vestuário.

*Quando questionada quanto à mudança nos comportamentos juvenis da época dos seus pais com a sua:*

[...] Não dos querereres dos jovens, acredito em diferenças exteriores. Meus pais também queriam muito curtir enquanto eram jovens, se conheceram numa micareta (risos), Influências das alterações intergeracionais. Vc percebe que os anseios eram os mesmo. Eu acho que fui criada por esses primeiros jovens que criaram o modelo do que é juventude. [...] Não tive que conquistar, eu já recebi o modelo conquistado de juventude por esses primeiros jovens. Como tudo que é recebido tem um gosto diferente do que é conquistado. Então o mundo me permite muito mais, tá na hora certa de fazer isso, fazer certas coisas porque eu sou jovem, posso fazer isso, [...] Conquistar também tem o seu sabor, eu acho que tem até um sabor melhor, ou

pior, sei lá, difícil de julgar, mas é diferente porque nossos pais nos entendem, os pais dos meus pais não entendiam, no dia seguinte, não estavam nem aí, vocês quiseram curtir, mas o dia seguinte... Não davam esse tempo para o jovem querer ser jovem, principalmente o que o nosso corpo aguenta quando se é mais jovem.

R. continua focada no conceito de juventude e retrata como ele é construído sócio historicamente (PAIS, 1990), semelhante à ideia do “s” que deveria ser incluído no termo, como em Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004). Enfatiza a fase na qual a energia vital está no auge, fase de questionamentos, embora atualmente compreendido desta maneira pela família. (LANZ, TAGLIABUE, 2014)

*Quando solicitada a narrar sobre sua opinião acerca de fato ou marco histórico que tenham contribuído para as mudanças conceituais de juventude:*

O Woodstock já tinha acontecido, já tinham passado pela década de '80, pela geração Coca-Cola (risos). [...] Internet, brinco muito com meu namorado, ele sempre foi chegado, [...], é de 89, se ele que é dessa época já pegou tudo isso, imagino quem é de agora. Meninos de playground versus meninos de rua, que brinca de bola na rua, [...] minha infância e adolescência em Villas do Atlântico, bem solta, bem livre parecia um interior. Capital versus interior, uma liberdade, inocência maior, jogos de poder diferenciam a infância. Mapas de Salvador antes de 80, 90 ia até o Caminho das Árvores, depois que explodiram os prédios, em direção ao Imbuí, Paralela. Outra realidade, outro modelo.

R. elenca alguns marcos de conquista da ideia de “juventude responsável” e ressalta influências do Contexto para a diferença nos processos proximais entre pais e filhos, conforme é visto na integração proposta por Bronfenbrenner de 2001(2011) do PPCT, baseado em sua teoria ecológica também. Vale ainda reconhecer a importância de seu discurso quanto às disposições geográficas da região metropolitana de Salvador, influenciando nos “jogos de poder” sobre o indivíduo, conforme descrito no trabalho sobre segregação socioespacial, demonstrado nos mapas dos anos 90 e nas respectivas interpretações dos autores, semelhantes às ideias da entrevistada. (CARVALHO, PEREIRA, 2007)

*Quando questionada sobre como se via no conceito de autonomia:*

[...] tenho 26 anos, eu digo que hoje eu vivo dentro da casa dos meus pais também por isso porque dá muito receio, você sair, viver com que recebe do seu trabalho e estar acostumada a outro padrão de vida.



[...] E até digo que depois que eu fui morar sozinha, que pra mim foi muito importante porque eu botei na ponta do lápis: olha, o quanto eu preciso e quanto eu acho que é crença minha de que eu preciso de tudo isso de conforto, tá eu vivo com esse valor X, esse valor X é o que eu recebo hoje no trabalho, é, mesmo que eu quisesse estar morando sozinha hoje, eu moraria só e não moraria na casa dos meus pais, [...]

[...] Autonomia como este querer ser independente, acho que era muito forte em mim. Eu quando pequena não precisava de me mandar dormir, eu pegava minha fralda e ia dormir, [...], acho que a gente é muito protegido, principalmente o pessoal de classe média daqui de Salvador, nossos pais o que eles podem dar pra gente eles dão, embora nós até temos muita consciência, a gente não experimenta na pele, justamente porque é protegido, então quando você vai estudar fora, você necessariamente tem que ficar só com você. [...] e esta relação vc cresce muito mais. É a hora que você bate bem com a realidade, para de ter muleta. [...] e depender de outra pessoa você começa a entender o que é independência, [...] Eu saí porque eu queria, [...] Aí eu entendi que independência não é vc fazer o que vc pode e nem fazer tudo pelos seus méritos, não é só a prática, que eu tinha muitas vezes essa ideia de independência, que se eu puder me sustentar, eu posso fazer as coisas que eu quero, [...] Ainda assim, eu não sou um ser independente, [...]

R. conceitua autonomia como meta, alvo da prática da independência financeira e psicossocial. Acredita ter a disposição comportamental necessária a fim de não se tornar vulnerável às influências do contexto, mas sabe que os processos proximais também são importantes no apoio ao cumprimento das metas individuais. (BRONFENBRENNER, 2011) Nessa ideia de autonomia, R. não considera ainda ter atingido seu objetivo, embora perseverante.

*Quando questionada sobre casamento e família:*

Casamento pra mim é um sacramento, tá. Eu sou católica, eu penso que é a união é a três (risos), marido, mulher e Deus. Sem isso, acho que nós só como homem e mulher, a gente vai passar por muito desafio (risos), tem que ter Alguém pra estar dando junto o sustento. E o casamento é onde vc propicia começar uma família. Eu gosto do modelo tradicional de família, espero ter meus filhos depois de casada. [...] Ter um companheiro, alguém com quem testemunha a minha vida e ele a dele, para crescer juntos, construir juntos, é uma parceria. É isso!

Fica em evidência a confluência dos valores familiares de R. neste breve relato sobre casamento: família, lealdade conjugal e religião.

*E ainda sobre casamento e trabalho:*

[...] Eu vejo que o jovem hoje ele em dia é bastante ansioso, ele quer fazer a carreira dele, depois que ele está com a carreira dele pronta, que ele conseguiu o status financeiro que ele queria, então agora ele tá pronto para casar, eu não acho que essa é a melhor parte, porque eu perco o “construir junto”, tá. Então se o jovem diminui um pouco esta ambição (risos), ele pode construir algo junto com alguém. E aí é preciso o diálogo para saber: olha, eu gosto isso, essas são as minhas metas e meus sonhos, o homem também fala: \_olha, essas são minhas metas e meus sonhos. Então quando a gente é companheiro e amigo a gente também quer a felicidade do outro. Então aí vai conciliando [...] E aí as coisas vão uma mão lavando a outra. Por isso também é uma parceria o casamento. É preciso que um entenda ao outro, um queira bem o outro. Por isso que eu estou falando, a gente precisa muito de Deus (risos), a gente vive muito numa cultura individualista. Quem anda sozinho, pode chegar primeiro, é o mais rápido, mas quando a gente anda junto, eu acho que a gente vai mais longe, acho que o gostinho é diferente.

R. seguiu na “contramão” da expectativa da geração dela (hiperindividualismo), por que o valor da fé religiosa sustenta sua escolha e hierarquicamente eleito em suas prioridades.

*Falando sobre conceito de família:*

Família é aquele lugar em que você é você sem máscaras, família é aconchego, família é relacionamento, família também é porto seguro, Família é... Diante de tudo isso, família pra mim é o lugar onde você constrói..., é um pouco chato dizer isso, porque eu não sei se todo mundo vivencia isso, mas pra mim família deveria ser o berço onde começa o amor para a pessoa se desenvolver, onde você tenha a possibilidade de amar e ser amado. Por isso que hoje em dia a gente aceitou tanto os modelos de família, porque todo mundo prefere hoje em dia viver numa família que tenha afetividade do que viver numa família que atenda a padrões sociais, mas não esteja feliz, não receba o seu carinho. Por isso também é relacionamento, porque você compartilha, [...]

R. aborda a afetividade como fonte das mudanças sociais na família e como um lugar de produção de identidade.

Quando R. foi abordada sobre quais os valores familiares que prioriza:

### Fé em Deus;

Deus é um desses valores, eu sou católica, então assim, pra mim é muito interessante essa ideia do livre-arbítrio que Deus dá para Adão e para a Eva, mas que Ele embora aceite toda nossa independência, nossa liberdade, Ele nos quer... Não dependentes, [...] mas que a gente tenha a humildade de saber que Ele é maior, então nesse ponto você não chega a ser independente de nariz em pé, você passa a ser independente, porque você é seguro.

[...] meu pai vai pegar um avião e me levar de volta? Não! Não era isso que eu queria e Deus cuida, você experimenta a bondade.

### Família;

Família é um desses valores, tá, [...] graças à Deus eu tenho um boa relação com meu pai com minha mãe, então não me impede de fazer as coisas, é mais por facilidade mesmo, se eu quisesse sair, acho que não tinha problema nenhum eu sair eu só acho que não tem muito sentido. Eu gosto de chegar em casa, tomar café e ter com quem conversar, Pra quê eu vou morar só, na mesma cidade que meu pai e minha mãe, com meu namorado morando na casa da mãe dele? Pra ficar longe do meu pai e da minha mãe, [...]

### Ordem;

Eu estudo muito política. E toda vez que eu vou experimentando, e vou vivendo eu vejo que o mundo funciona é na direita. E eu gosto realmente de conforto, como já falei pra vc, eu gosto da minha casa arrumadinha, eu gosto de ordem. Então este é um valor, tá! [...]

### Crescimento Profissional;

[...] Eu trabalho na defensoria pública, sou analista no CAB, eu recebo, poderia dar conta de mim mesmo, tá, e moro num apartamento, faço meu mercado e... Só que se eu puxar todas essas responsabilidades pra mim no cargo que eu estou hoje, eu diminuo minhas chances de crescer ainda mais. Porquê? Porque eu vou puxar mais responsabilidades, que eu tenho essas facilidades aqui em casa, [...], porque aqui eu sei que eu aumento as minhas chances, [...]

### Padrão cultural tradicional;

[...] meu namorado vai ficar lá, não vou ele pra morar comigo? Não é isso que eu quero. Senão eu vou tirar ele de casa e eu não vou estar no modelo tradicional, e eu quero o modelo tradicional, eu quero casar pra depois que ele venha morar junto comigo [...]

*Questionada se acredita estar cumprindo expectativas dos pais:*

Eu espero que sim (risos), acho que no fundo todo mundo quer que os pais fiquem felizes com o que você faz, [...], eu busco também atender nesse ponto e é interessante isso, quando se fala de autonomia, porque enquanto você busca atender as expectativas do seu pai, você acaba fazendo menos as coisas que você quer pra você. Então esse é um jogo, você tem que saber balancear, durante muito tempo eu fiz muito as coisas que eu sabia que atendia as expectativas dele, até começar a fazer as coisas que eu queria. Só na faculdade que comecei, a saber, o que eu queria e não apenas o que era solicitado como filha. Enquanto a maioria na adolescência já faz isso. Eu na adolescência eu fiz tudo o que estava no script. Eu sempre fui boa aluna e eu fazia o que eu queria. Na minha adolescência tinha poucas responsabilidades, fazia o que era solicitado. Tá feito, tá feito então eu ganhei o direito de ganhar o que eu queria. O que eu queria não era nada demais, como quando tinha 15 anos queria ir pra Disney, nada fantasioso.

R. relata sua experiência tardia de diferenciação de *self* em relação ao padrão de sua geração (segundo a teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen (GUIMARÃES, 2010). Sugere que esse adiamento tenha sido uma forma de manter seus anseios de adolescente atendidos. Vale lembrar que nesse 'jogo', os pais ganham ao manter o controle dos filhos, mas perdem ao não oferecer oportunidades de experiência de autonomia. O mesmo para os filhos, que ganham no acolhimento aos seus anseios imediatos, mas perdem no tempo em experimentar a liberdade de tomada de decisão. O tempo de duração desse 'jogo' é o que irá determinar a relevância das possíveis consequências no curso vital individual e familiar.

2) Conceitos dos pais:

*Ao perguntar aos pais sobre o que pensam ser um jovem adulto:*

- Pai:

Eu entendo que existem várias etapas na vida de uma pessoa, desde quando ela nasce, cresce, criança, adolescência e logo depois da adolescência, ele passa a ser um jovem, que é uma etapa entre a fase adulta, onde já é uma fase em que ele vai ter as suas responsabilidades e o jovem adulto se a gente fosse colocar numa situação profissional, por exemplo, ele seria um "trainee".

- Mãe:

**“Eu pensei análogo, num jovem aprendiz.”**

A ideia do pai remete ao reconhecimento da importância da fase da juventude (CAMARANO, 2004; PAIS, 2009) e, diferencia esse jovem, em “jovem adulto” (“estágio de adulto”), semelhante à ideia de Groppo (2000).

*Ao solicitar semelhanças e diferenças de um jovem adulto da sua época com a atualidade:*

- Pai:

Semelhanças: Ele acontece numa etapa da vida igual, logo depois de formação escolar, e por aí que acontece, quando ele é jogado no mercado de trabalho, né! E quais são as diferenças: Eu penso que o jovem hoje ele tem um nível de formação superior ao que nós tivemos no passado, eles são mais cobrados, mas em contrapartida eles têm menos experiência, pelo fato deles terem estudados mais, terem se preocupados mais com a parte teórica do que com a parte profissional, como o colocar a mão na massa, o jovem adulto hoje é mais experiente na forma acadêmica, porém ele é menos experiente na forma prática.

- Mãe:

Eles, na minha visão também, prorrogam muito esse entrar no mundo de verdade, né, e fica no racional, no estudo e quando vão enfrentar, aí tem o choque entre o que tem no papel e entre o que vive verdadeiramente. Então, na nossa época o que tinha de diferente é que a gente já vivia e fazia as duas coisas juntas, eu, por exemplo, eu fiz faculdade e trabalhava na indústria, faculdade à noite e trabalhava de dia, hoje em dia ou está estudando ou está trabalhando.

Nessa questão, o pai aborda a semelhança da aceitação social de que o jovem cumpra seus ritos de passagem, pura e simplesmente por uma questão etária, na qual a sociedade em nível mundial ainda se vê presa e acrescenta que, em sua opinião, o não cumprimento imediato deva-se ao fato do jovem adulto estar mergulhado em um contexto altamente competitivo, exigindo uma diferenciação na teoria e não na prática, daí o fato do adiamento da entrada no mundo adulto, pela necessidade de conquistar repertório, recursos competitivos, a fim de ganhar espaço no mercado de trabalho e manter sua condição social. (BAUMAN, MAY, 2010; PAIS, 2009)

A mãe traz em sua narrativa, primeiro o fato de em sua geração não haver tempo para dissociar a fase do jovem adulto em etapas, como em Guerreiro e Abrantes (2003), e num segundo momento narra a consequência do adiamento da autonomia, sem implicar a influência da parentalidade nesta questão, como se fosse um comportamento geracional espontâneo [“ou-ou”] que costuma ser observado em classes sociais mais altas (com maior poder), onde a liberdade de escolha é diretamente proporcional ao grau de oportunidades (BAUMAN, MAY, 2010).

O comportamento “ou-ou” vem a ser inversa ao comportamento da geração “nem-nem”, que pressupõe, segundo os autores, ser um conceito de geração mais voltado às classes menos favorecidas, mergulhada em uma crise socioeconômica importante (países capitalistas), a qual reduz as esperanças futuras, com consequente ausência de metas e perda do sentido de vida, se entregando ao imediatismo do “viver aqui e agora”. (LIPOVETSKI, SERROY, 2011; TILLMANN, COMIM, 2016)

*Quando questionados se havia uma expectativa nesse estágio do curso de vida familiar:*

- Mãe:

Eu acho que a gente é bem tranquilo em relação às nossas filhas. A gente está sempre junto das decisões, mostra os caminhos, mas as escolhas são delas, porque são elas que vão viver! A gente só está, como diz J., é... Coadjuvantes, só por perto, mas são elas. Então eu não tenho como dizer: Ah! Com 25, que já estivesse formada, que já estivesse casada, claro que tem isso, mas pelo menos da minha parte eu não forço essa imaginação. Eu vou acompanhando os fatos. Porque cada um, a meu ver, tem um ritmo. Um filho de 23 pode estar aqui agora e o outro que chegou aos 23 pode estar além, mas também pode estar aquém. Porque cada um tem o seu ritmo de fazer o caminho, né!

- Pai:

[...], Eu sou uma pessoa bastante racional. Como pai, se eu tivesse condição, eu gostaria de todas as três, de ter em casa. Porque filho é uma das melhores coisas que existem nas nossas vidas! Então é difícil de cortar esse cordão umbilical. Todas as três foram criadas de uma forma aonde eu nunca desejei que elas saíssem, mas eu sempre incentivei que elas assim o fizessem. Então, se eu imaginava que R, hoje, que no caso é o nosso canguru, que ela estaria em casa, não, não imaginava. Por mim, ela já estava morando..., inclusive eu já até ofereci pra ela, pra ela viver num imóvel que a gente tem, que ela podia fazer isso, mas ela:—poxa, eu gosto mais do conforto, eu preciso desse conforto para eu poder chegar no meu objetivo que eu quero. Então é isso que eu queria trocar, do imaginário pelo objetivo que a gente quer.

Então é claro para conseguir alguma coisa a gente imagina, sonha, mas coloca ele como objetivo. [...], É claro que existe algumas mudanças, né, [...]na idade dela eu já era pai dela.

Ambos demonstram afeto e respeito às decisões dos filhos e visível compreensão das mudanças sociais como base desse respeito e coerência ao narrar conquistas geracionais em relação ao poder hierárquico das gerações anteriores, embora sejam honestos ao demonstrar estar cientes da tendência sócio afetiva do excesso de controle.

Durante a entrevista o pai sugere ser maior incentivador na direção de ganho de autonomia e sugere que a mãe tenha ainda alguma dificuldade quanto à isso (divergente do discurso), embora muitas vezes justifique ser em caráter de fazer com que o jovem se sinta protegido e cuidado.

Essa autonomia eu vejo ela meio conflitante dentro da nossa família. Ao tempo em que eu sou mais flexível nessa parte delas terem a sua autonomia, a S. ainda monitora as que estão fora, tá, se utilizando dos meios tecnológicos. Então, eu penso que isso... É positivo? Tem um grau... Porque a pessoa sente que tem alguém cuidando, que tem alguém olhando [...]

O pai aqui mostra um paradoxo prático-filosófico: controle dos pais na fase de transição do jovem adulto é fonte de apoio afetivo ou de adiamento da autonomia? Afinal, ele já emitiu seu pensamento sobre a necessidade de educar para o ganho de autonomia, como uma crença da responsabilidade parental. Parecendo ser um fator de discussão conjugal. A mãe parece ter a crença que monitorar a vida dos filhos é uma forma de cuidar e demonstrar afeto e que esta é a prioridade parental, dar suporte afetivo.

*Ao sugerir que indicassem marcos histórico que possam ter influenciado nessa mudança do modo de viver do jovem adulto e de que forma:*

- Mãe:

Eu acho que na formação dos pais dessa geração, nós somos de uma geração que ralou muito, começou de baixo e nós temos o prazer da conquista e da vitória do alcançar, já a geração que veio de nós, [...], a gente já deu outra formação que os nossos pais não deram, deu um pouco mais, entregar as coisas prontas, ensiná-los a desfrutar disso, e aí eles buscaram com mais oportunidade esse prolongar o estudo, prolongar mestrado, doutorado e até o sair de casa ou formar a família. A gente, como os pais deu esse muito esse modelo para eles, é muito influência nossa, os pais. Vejo muito isso no condomínio também, acham que os filhos com 28 anos ainda estão muito novos, ainda tem

que fazer mestrado, doutorado, para depois sair de casa. Então esses jovens escutam isso, claro que tem a comodidade, mas é emprenhado pelo ouvido. Na nossa época se falava muito do conquistar, vc precisa conquistar. E a gente ouvia muito isso de ir atrás, de conquistar. A geração de hoje a gente não diz isso, você precisa conquistar, não usa o precisar.

- Pai:

Eu penso também que, vc falou em fato histórico, dentro do tempo em que nós vivemos, não houve nada de forma tão marcante para que eles precisassem tá, não se criou uma necessidade, por exemplo, na segunda guerra mundial, as pessoas precisavam correr evolução, industrialismo e por aí vai, o quê que aconteceu hoje? Foi mais facilidade.

[...] Então nós tivemos um incremento forte da tecnologia e a tecnologia diferente dos brinquedos com os quais nós brincávamos tá, ele foi mais passivo, ele passou a ser só mais pensante, então a pessoa lidava com a mente e com os dedos, né e faltou ativar as outras partes do corpo. Então, aquele desenvolvimento criativo que nossa geração teve de construir brinquedos, de construir coisas diferentes...

[...] Hoje você monta alguma coisa, o cara fica só pensando em:—não, eu tenho que fazer um aplicativo hoje pra ficar rico. É isso! As coisas são imediatistas, eles querem os resultados rápidos. Então eu penso que faltou algo que ferisse o brio dessas pessoas. Então quando a gente fala no nível social em que a gente vive, uma das coisas que eu tento fazer as vezes é ferir o brio delas, pra que elas possam correr atrás e fazer alguma coisa. É claro que se a gente pudesse a gente dava mais ainda do que já dá, mas a gente sabe que se a gente der mais, vai acabar não ensinando direito.

[...] Então onde eu quero chegar? A nossa geração ela foi muito permissiva, ela foi muito amiga. Ela deixou de ser pai, deixou de ser mãe e passou a ser amigo e pai e mãe não foi feito para ser amigo de filho.

Observam-se no discurso da mãe, o empenho de uma geração voltado às promessas neoliberais e sua influência no curso de vida familiar da geração seguinte, responsabilizados pela mudança proferida e motivados a não impor as pressões da expectativa social sobre o desenvolvimento na forma tradicional (estudar, se formar, conseguir emprego, independência financeira, casar e ter filhos) no qual os ritos de passagem deviam ser cumpridos dentro de uma determinada ordem cronológica. Sua motivação é confirmada por pares de mesma classe social (vizinhos do condomínio classe A de Salvador) que respondem à manutenção do poder socioeconômico adquirido.

Quanto ao discurso do pai, a fragmentação do mesmo foi para facilitar a discussão.



No primeiro fragmento, o pai reconhece que a geração dos seus pais e a sua ainda estava sob os efeitos do contexto pós-guerra, da Revolução Industrial e demais eventos fomentadores de ideais progressistas, geradores de atitude em prol de objetivos de vida. Estes movimentos geraram algumas conquistas baseadas nesse espírito otimista, tanto sociais como tecnológicas, trazendo facilidades para as gerações seguintes.

No segundo fragmento, observamos o foco na crítica à ênfase tecnológica e que esta tenha mudado o eixo do modo de pensar, da criatividade natural e ecológica [...]

Continuando a ideia no terceiro fragmento, [...] para um consumismo individualista globalizado e digital. “[...] o corpo deixaria de ser o ancoradouro real da vida, organiza-se um universo descorporificado, dessensualizado, desrealizado: o das telas e dos contatos digitalizados.” (LIPOVETSKI, SERROY, 2011, p.45) Além disso, reconhece que a sua condição social propicia ainda mais as “facilidades” tecnológicas e todo o *modus vivendi* decorrente destas e por isso, como pai se vê responsável em ‘ferir o brio’ delas a fim de trazer uma consciência mais ecológica, menos individualista.

E finaliza acreditando que a parentalidade é responsável pela continuidade saudável das gerações que sucedem e, para tanto devam seguir um pensamento mais holístico, mais ecológico, mais sustentável e duradouro, pois, responder aos anseios imediatistas dessa geração seria prazeroso, não fosse a responsabilidade de a parentalidade dever falar num nível hierarquicamente mais alto.

*Ao perguntar quando acreditaram ter autonomia:*

- Mãe:

Olha me senti quando eu estava trabalhando, e já estava no último ano da faculdade, eu já tinha comprado uma casa e ainda morava com meus pais, mas eu me senti autônoma, eu tomava conta da minha vida, eu tinha as minhas decisões, eu partilhava a eles, não pedia nada a eles, eu participava porque eles gostavam disso, como a gente faz, por cuidado, por segurança.

- Pai:

Bom a gente teve um desafio grande na família, meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha 13, eu era o homem da casa, não é que eu tenha ganho autonomia, mas eu tive que adiantar o espaço do jovem-adulto, pulei a adolescência. Tive que prover a casa e saiu de

casa para estudar com 14 anos. Tive um peso maior, terminei a oitava série e foi fazer escola técnica em Curitiba. Estudava à tarde e morava na escola técnica.. Final de semana fiz muito biscate e vi muita coisa nesse mundo. Aí com 18, no alistamento militar, [...] me tornei “laranjeira”- morava no quartel, estudava e tinha remuneração. Fiz uma família no quartel, eram 40 irmãos [...] e terminei como segundo tenente. Conheci muita coisa de sexo, drogas e *rock'n roll* muito cedo!

A mãe associa autonomia ao sentimento de ser livre nas tomadas de decisão, não faz correlação com dependência financeira. Por ter bom relacionamento com os pais, mantinha-se vinculada, não precisando recorrer aos ritos de saída para “parecer adulta”, demonstrando ter sido educada num contexto seguro, propiciando uma diferenciação de self adequada e saudável.

O pai responde que sua autonomia veio forçosamente, narrando sua história de vida, movida por luto psicológico e baixo poder aquisitivo, sem possibilidades de escolha. A seu ver, a saída era única, galgar espaço pelo mérito, estudando e trabalhando. Vale a ressalva que foi num contexto de luta e de reconhecimento da semelhança de histórias de vida, que J. encontrou acolhimento, fazendo analogia com uma “família”.

*Ao questionar sobre terem uma expectativa do futuro de R.:*

- Mãe:

“Eu diria desejo, mas plano eu não tenho.”

- Pai:

Se for dizer o que eu planejo para ela, eu planejo que ela seja feliz, o mais importante pra uma pessoa é ela ser feliz, independente do que ela venha conquistar, o meu desejo é que ela seja feliz, como esposa que ela tiver que ser, como advogada que ela tiver que ser, como juíza, procuradora, ou então assumindo o meu lugar pra cuidar do que a gente tem. Que ela seja feliz, se não, não adianta nada.

Demonstram serem pais presentes no afeto, no acolhimento e, no respeito às tomadas de decisão, a crença maior aí é que a felicidade deva ser a prioridade.

*Ao questionar possibilidade de conciliação casamento e trabalho:*

- Pai:

“Eles precisam se conciliar, não é que eles podem, eles precisam, porque a gente precisa dos dois... é possível perfeitamente.”

- Mãe:

Vc se compromete ali. Principalmente quando vc faz como um sacramento perante Deus. A gente fez sem saber. Depois que a gente tomou consciência, o valor é maior. Porque casamento é sacramento. Aliança que o homem não pode romper é eterna. Porque casamento é somente a parte burocrática e sacramento, feito na igreja católica, são as promessas diante do altar é para a vida toda, não é o padre quem está celebrando o casamento, não, somos nós quem assumimos, quem prometeu, esse compromisso. [...] e as nossas filhas foram educadas dessa maneira!

Consideram a aliança e o comprometimento com o outro como recurso à conciliação das necessidades humanas e alicerçadas pela felicidade.

### 3) Crenças familiares identificadas:

- o sistema econômico baseado no capital oferece melhores oportunidades de se viver bem, com ordem e conforto;

Essa motivação, e é uma crença que meu pai passou pra mim e eu fui vivendo e eu confirmei ela, [...] esse modelo econômico, seria um valor que ele me transmitiu, tipo assim: O dinheiro é importante, não é vou viver e ser hippie, tá! [...],

- o casamento é um sacramento e como tal deve seguir a ordem do dogma religioso e não apenas o civil;

[...] só que eu namoro e eu quero casar. Eu posso ir começar a morar sozinha, sem problema nenhum, mas eu converso bastante com meu namorado e eu acho que tem mais sentido se sairmos juntos [...]

- a conjugalidade é uma aliança prioritária ao alcance da realização pessoal;

[...], ele agora está desempregado e eu estou esperando ele arranjar algo e na hora que ele arranjar, eu posso caminhar mais longe, por isso eu que eu falei a crença que eu posso caminhar até sozinha e chegar mais rápido onde eu quero, mas eu estou optando por caminhar junto, para tentar chegar mais longe.

“[...] porque o casamento também ele passa pela felicidade, o casamento, a gente foi feito para fazer o outro feliz, [...] não para ser feliz, mas para fazer o outro, é diferente.”

“[...] independente se o outro vai te ajudar ou não, mas você precisa dar o seu melhor ao outro.”

- a prioridade da função da parental é de orientação aos caminhos do bem estar coletivo e da realização pessoal.

“[...] porque nossa tarefa é essa, é de sermos transmissores de valores, para que esses valores possam se perpetuar na eternidade.”

“Pai e mãe foi feito para ser orientador, estimulador, uma pessoa que tá ali querendo ver o bem dela, não a mordomia que ela vai ter.”

*Pós- entrevista:*

Termina falando sobre não ter tido a oportunidade de ter tido um filho homem, que gostaria de ter tido a oportunidade de educar esse gênero e gera a hipótese que perderam o instinto masculino, virando presa, ao invés de caçador:

Mais fácil um canguru masculino que feminino. A onda do feminismo contribuiu muito, não que não precisa de haver igualdade, mas estão perdendo a feminilidade. Está sendo cômodo, não precisa ralar para ter a sua presa. E a mulher ainda dá boa vida para eles. A própria mãe. Deixa na prateleira, bonitinho.

O pai acredita haver uma confusão conceitual contemporânea entre as noções de luta feminista e questões de gênero, provocando confusão comportamental no gênero masculino e parece acreditar que isto influencia no adiamento do ganho de autonomia desses jovens.

#### 4) Práticas familiares narradas:

- cumprimentar as pessoas do ambiente onde convivem;
- família toda indo à missa todos os domingos;
- compartilhando os finais de semana conforme a vontade de cada membro;
- revisão às mochilas das filhas diariamente;
- checar a conta e devolver se houver troco errado.

*Quando aos pais foram solicitados os valores intergeracionais:*

- Pai:

Meu pai é um cara muito trabalhador, um cara honesto, um cara que gosta de ver as coisas limpas, um cara criativo, a minha mãe é uma pessoa extremamente determinada, corajosa e temente a Deus. Então o somatório disso tudo é uma coisa que a gente tentou transmitir para elas, [...]

- Mãe:

Meus pais transmitiram também valores assim fantásticos, as meninas puderam conviver, dentro da honestidade, do respeito, da colaboração um ao outro, [...] A minha mãe uma mulher de muita garra também, de fé, sempre querendo ajudar ao próximo, com uma capacidade de ver a humanidade, de ver Deus no mendigo, em pessoas carentes e acolher todas elas e conseguir enxergar nisso e mostrar esse valor também para as nossas meninas e elas acompanharam isso. E também outra coisa muito bonita que nossos pais ensinaram, [...] a gente aprendeu a lidar com o idoso.

- Pai:

Na prática, a sogra cuidava dos andarilhos. O andarilho voltava com o dinheiro de pedinte e pedia para ela administrar o mesmo. Havia uma relação de confiança, de cuidado, de amor, ela dizia que sentia falta quando eles desapareciam. As meninas viram isso, por isso mesmo gostando de conforto, mas mesmo que falte, elas vivem do mesmo jeito. Talvez se a gente fosse colocar em uma palavra a nossa família, seria: surpreender!

- Pai:

Apesar da separação dos pais muito cedo, [...], a gente se uniu muito como irmãos e um apoiava o outro, então eu acredito que elas também têm essa cumplicidade entre elas. Uma pela outra são mata e morre uma pela outra, é: não mexe com minha irmã não! E eu penso que essa herança elas levam. [...] Elas têm uma consciência de família muito marcante.

- Mãe:

Pra minha família não ficar em sacrifício, o Carnaval e a Páscoa eram na nossa família. Dividia. E elas sabem que o mais importante em tudo, é se fazer presente, é estar com o outro, mais do que dar as coisas e do que ter as coisas, é ter o outro, estar com o outro.

- Pai:

“A nossa diferença maior eu penso é que nós temos um padrão de vida diferente do que... (risos). A realidade era muito diferente.”

- Mãe:

“[...] (risos) A gente ralava muito. Era muita dureza, nossa! Tive que trabalhar muito cedo. Com 11 anos eu já dava banca.”

Ambos apresentaram como valores intergeracionais: lealdade familiar, apoio familiar, honestidade, solidariedade, confiança, humildade e fé religiosa. Como valor adquirido: consciência da influência do contexto nos valores familiares.

Vale observar que o valor adquirido é congruente com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (2011) no qual o desenvolvimento humano sofre influências das relativizações do espaço-tempo (“[...] a realidade era [...]”), dos vínculos (em outros momentos da entrevista, falam dos processos proximais como, por exemplo, “dar o exemplo”, “hierarquia”, *etc.*) e do temperamento da pessoa (“risos” demonstrando uma visão otimista).

Ainda, a respeito da ideia da interrelação entre as práticas com o conjunto de crenças e valores assimilados e influenciadores intergeracionais, foi observado que esta família tende ao valor implícito da “tranquilidade de cidade do interior” quando levado em consideração as narrativas do pai e da filha e observações acerca dos históricos de vida e dos contextos residenciais escolhidos até então.

O pai veio do interior do Paraná, da cidade de Londrina, e conforme relato próprio teve que pular fases, assumindo responsabilidades precoces e presenciando situações que julgou inapropriadas para um jovem enfrentar, acabou conhecendo a esposa também numa cidade que também possuía condição de cidade do interior.

Bom a gente teve um desafio grande na família, meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha 13, eu era o homem da casa, não é que eu tenha ganho autonomia, mas eu tive que adiantar o espaço do jovem adulto, pulei a adolescência. Tive que prover a casa e saí de casa para estudar com 14 anos. Tive um peso maior, terminei a oitava série e fui fazer escola técnica em Curitiba. Estudava à tarde e morava na escola técnica. Final de semana fiz muito biscate e vi muita coisa nesse mundo. Aí com 18, no alistamento militar, fiz NPOR por exceção à regra, por que não era universitário e me tornei “laranjeira”, que é morar no quartel, estudava e tinha remuneração. Fiz uma família no quartel, 40 irmãos, e terminei como segundo tenente. Num carnaval fui para Feira de Santana na casa de um amigo laranjeira e conheci S.[...]

Além disso, R. também em seu discurso sobre movimentos históricos que possam ter influenciado nas mudanças contemporâneas sobre a juventude, trouxe à sua narrativa a diferença dos comportamentos entre a capital e o interior, além de narrar que já morou Num condomínio de casas em Lauro de Freitas, na época da adolescência e da experiência da liberdade que sentia por conta de parecer ser um interior, apesar da proximidade com Salvador.

E atualmente moram num condomínio de luxo, já no município de Salvador, mas que proporciona a mesma sensação de proximidade com a tranquilidade e segurança de uma cidade do interior da época da adolescência de todos os membros entrevistados, sugerindo ser um valor familiar implícito a ambos.

#### 4.3 FAMÍLIA Nº3

Formada pelo pai P.(54) formado em Direito (juiz), mãe C. (51) formada em Direito, (servidora judiciária) e dois filhos do gênero masculino. Ainda trabalham. Os pais convivem há 30 anos, 28 de casados. São católicos e se mantêm praticantes. Lembrando o critério de que todas as famílias entrevistadas deveriam pertencer à classe média alta, esta faz parte pelos critérios da ABEP da classe A. Moram numa casa interna a um condomínio de luxo no bairro de Nova Brasília de Itapuã – Salvador. Características do contexto marcantes: Pinheiros no sobral da entrada. Possuem um piano no centro da sala.

Durante a entrevista dos pais, houve momentos de muitas superposições de narrativas (na maior parte das vezes pelo pai), mas não houve nenhum momento que tenha sido observado supressão de opinião por conta deste comportamento.

O filho mais velho é T. ('canguru') e o mais novo, 23 anos, ainda reside com os pais, graduando em design gráfico.

T.: Tem 25 anos. Aparenta ter um temperamento tímido. Não possui problemas físicos que comprometam a comunicação e/ou locomoção. Observa-se em suas respostas à entrevista, ter a formação religiosa como parâmetro principal de visão de mundo. Solteiro, não tem filhos. Bacharel em Direito pela Universidade Salvador

(UNIFACS) - BA. Formou-se em março de 2017. Atualmente estuda por conta própria, através de aulas virtuais com o objetivo em passar na prova da OAB.

Demonstrou simpatia em participar da pesquisa. Discurso objetivo, com algumas evasões e repetições, sugerindo pouco comprometimento ou incertezas nas reflexões próprias sobre o assunto, características do comportamento indiferenciado (GUIMARÃES, 2010)

1) Conceitos do 'canguru'

*Quando perguntado sobre o que entende por jovem-adulto:*

Existe a definição legal que está no estatuto da criança e adolescente. Mas sem falar de uma forma objetiva e falando numa forma subjetiva, eu acho que jovem adulto é aquele indivíduo que adentrou a fase adulta agora e que está buscando o espaço no mercado de trabalho, da sua independência, acho que é por aí...

T. inicia falando no que conhece de instituído, baseado no conceito etário, mas opta por expressar uma expectativa própria, sugerindo uma fase de luta, de responsabilidades, porém sem apresentar desfecho, parecendo ser uma expressão com o fim de atender às expectativas parentais de "rito", mas movida às incertezas (PAIS, 2009) e certa confusão nas fronteiras entre adolescência, juventude e adultez em seu discurso (VIEIRA, RAVA, 2010).

*Quando perguntado sobre a diferença com a adolescência:*

A principal diferença é a mudança de responsabilidade. Existem responsabilidades que a pessoa tem quando é adolescente e que mudam quando a pessoa atinge a fase adulta, outro tipo de preocupação, como trabalho, as vezes até formação de família, problema com dinheiro, com contas e até com estudo mesmo, que não para nunca, mais ou menos por aí.

T. parece ter alguma ideia sobre as responsabilidades esperadas para as demais fases, mas ainda demonstra confusão (próprio da contemporaneidade) sobre a que fases pertencem.

*Quando solicitado a falar sobre educar esse jovem adulto:*

Eu acho que na verdade é um processo que tem que partir das fases anteriores. Desde a infância, adolescência, como se fosse uma preparação mesmo, pra quando a pessoa chegar na fase adulta já ter a responsabilidade que ela precisa ter, nem sempre acontece, mas acho que a ideia é mais ou menos essa.



T. demonstra ter a noção de continuidade no processo de desenvolvimento das responsabilidades pretendidas às transições de fases.

*Quando solicitado a comparar as gerações:*

[...] hoje para adentrar no mercado de trabalho eu acho que é muito mais complicado do que antigamente. Era muito mais fácil, por exemplo, um jovem empreendedor que não tinha nível superior antigamente conseguir algum sucesso do que hoje um jovem empreendedor que tem nível superior, nem falando nível superior, as vezes pós-graduação, mestrado e doutorado conseguir alguma coisa no mercado de trabalho hoje.

*Quando solicitado a falar sobre as mudanças de comportamento do jovem adulto entre as gerações:*

[...] na minha idade meus pais já tinham muito mais responsabilidades que tinham que por obrigação que assumir do que eu tenho hoje. Eu tenho algumas coisas que são responsabilidades na minha casa. A gente tem essa divisão aqui, mas na minha idade minha mãe, minha mãe já tinha me tido, uma diferença pouca, né, ou meu pai casou com minha mãe quando tinha 27.

T. assume haver mudanças que dificultam a sua geração a fazer a transição para a fase adulta, mas ainda não desenvolve reflexões a respeito, como se demonstrasse não se sentir estimulado a tomar consciência dos motivos.

*Quais as responsabilidades eram esperadas para um jovem adulto:*

Eu acho que a vida é um pouco disso, as pessoas vivem as coisas mais ou menos por um "script", mudando pouquíssimas coisas. Hoje mudou um pouco, as pessoas não casam tão jovens como casavam antigamente, na verdade o pessoal que eu conheço que casou é exceção, se for pensar, antigamente, antigamente que eu digo, na época dos meus pais, os amigos dos meus pais deviam estar casando e formando uma família já.

Eu não tenho perspectiva de casar tão cedo, de ter uma obrigação com uma família, eu não trabalho ainda, meu pai já trabalhava. [...] meus amigos, por exemplo, não consigo me lembrar de um que more sozinho, todos moram com os pais ainda, entendeu? [...] eu não sinto que a juventude hoje...especificamente em relação à mim por exemplo, eu não sinto que eu esteja exposto as mesmas responsabilidades e dificuldades que meus pais tiveram na minha idade.

Na hipótese da falta de reflexão sobre os motivos das mudanças (pessoa, processos proximais, contexto, tempo, seguindo a teoria bioecológica de

BRONFENBRENNER, [2011]), a pergunta foi refeita de maneira a tentar resgatar tais ideias. Ainda assim, T. parece preso aos fatos que mudaram, mas não se sente implicado no processo de transformação, como se estivesse apenas “dançando conforme a música” (passivo no processo), nem tão pouco indica achar que os demais vetores possam estar favorecendo.

*Quando perguntado sobre quais marcos históricos possam ter influenciado nas mudanças descritas:*

Eu acho que o crescimento da sociedade e o aumento da violência representou uma grande mudança no comportamento da juventude da época dos meus pais para a minha época. Meu pai tinha condição de sair, de andar na rua à noite sem se preocupar com a violência e voltar de ônibus de madrugada, passar o fim de semana fora de casa sem dar notícia, hoje, meus pais ficam extremamente preocupados, eu não posso ficar assim meia hora fora de casa sem dar notícia que eles morrem de preocupação,

[...] isso também tem haver com os meios de comunicação, né com a facilidade de acesso à informação e de comunicação que existe hoje. Do ponto de vista dos meios de comunicação que eu acho que influenciou bastante na cultura jovem, da mudança, eu acho que o surgimento da internet, e do desenvolvimento da tecnologia do celular foi fundamental nisso aí.

Teve a mudança que ocorreu foi a transição do período da ditadura para a democracia que aconteceu no Brasil, que também influenciou muitas coisas, né, porque existia a censura, então na verdade as pessoas não tinham acesso irrestrito à cultura como se tem hoje, embora ainda não seja plenamente irrestrito, mas infinitamente maior do que na época dos meus pais, então eu acho que essa mudança também foi importante.

Ao responder esta questão, T. traz algumas opções contextuais para as mudanças na sua geração em diante, alguns favorecendo outros desfavorecendo o jovem adulto na sua transição: o crescimento demográfico e decorrente violência gerando insegurança; os avanços tecnológicos mundiais facilitando a comunicação global e a mudança no sistema econômico e político nacional, favorecendo a acessibilidade às culturas diferentes. (BAUMAN, 1999, 2001; LIPOVETSKI, SERROY, 2011)

*Quando solicitado a falar sobre ter autonomia:*

Eu acho que eu nesse ponto eu demorei um pouco a começar a desenvolver a autonomia em relação aos meus pais, acho que até eu entrar na universidade, no nível superior, eu não tinha quase nada de autonomia, na verdade, acho que nada, comecei a ter mais um pouco depois... Tinha muito problema de timidez, de relacionamento com as

peças e eu acho que foi uma coisa que na universidade foi resolvendo e isso também influencia tomar iniciativa para resolver as coisas e é um processo na verdade é diário para mim pelo menos. Eu acho que hoje eu sou muito mais autônomo que eu era até 2 anos atrás, mas eu acho que ainda não é o suficiente para a minha independência.

T. começa neste momento a expressar, segundo análise bioecológica, uma função ativa do *self* no processo de autonomia e consegue ver que a pessoa (seu temperamento tímido) influencia os processos proximais e vice-versa (relacionamento com as pessoas), o contexto (a demanda de um centro universitário) e o tempo (evolução das conquistas - "até dois anos atrás").

*Quando solicitado a falar sobre casamento:*

Eu tenho algumas coisas, eu sou católico, eu sou advogado, então eu tenho algumas visões que eu tenho de berço sobre casamento, mas independente de qualquer coisa, do Direito e da religião, eu acho que casamento é a união entre duas pessoas que se amam.

T. escolhe a versão da sua lente dogmática da fé cristã e propõe a afetividade como mote de união conjugal.

*Quando solicitado a falar sobre a possibilidade de conciliar casamento e trabalho:*

Como assim?(depois de explicar) Sim, entendi. É, bom eu não sei se nessa seara de relacionamento, esperar o sucesso profissional para depois casar ou vice-versa, seja o caminho, na verdade, as pessoas que a gente conhece, passam pela vida da gente e a gente estar fechado às pessoas simplesmente pelo motivo de tá procurando sucesso profissional pode às vezes ser um empecilho para conhecer a pessoa que pode ser a pessoa com quem você vai se casar ou não se casar, enfim, passar tempo com a pessoa, eu acho que uma coisa influencia na outra porque relacionamento e trabalho demandam tempo, então a pessoa não pode viver só cem por cento trabalho ou cem por cento relacionamento, tem que haver na verdade concessões, né, como todo relacionamento é uma troca de concessões, né entre as partes, as vezes existe a figura do trabalho influenciando negativamente o relacionamento e o relacionamento também influenciando negativamente o trabalho, então eu acho que tem que haver um equilíbrio nessa relação.

T. volta a demonstrar alguma incerteza quando lhe é solicitado falar sobre responsabilidades que aparenta estabelecer estar longe de alcance, por vontade ou não, mas mantém o exercício da reflexão sobre autonomia e o *modus vivendi* da época.

*Quando solicitado a falar sobre família:*

[...] eu tenho duas convicções, da parte do Direito e da parte da religião, [...] mas principalmente a religião, traz o conceito que diminui o que é a família. O Direito tem um conceito novo no direito, recente na verdade, que se chama família afetiva, que na verdade engloba não só os parentes que são consanguíneos, mas os parentes que o pessoal chama de agregado, né, as vezes amigo, tio que não é pai mas que tá ali como pai, entendeu? Então família é na verdade uma união de pessoas que tá ali no intuito de se fazer bem. Não tenho noção de quando, mas pretendo ter filhos ou uma família. Não vejo perspectiva de ter condição de ter uma família.

Quando T. fala da convicção religiosa diminuir a família, ele está conceituando a família de origem burguesa europeia, nuclear, pai, mãe e filhos. Ao falar do conceito 'família afetiva', ele fala aparentemente com mais simpatia por esta que se trata da família pluralista, herdada da ideia da família extensa de origem patriarcal. (CECARELLI, 2007, VALLE 2009, FREYRE, 2013) Sobre a perspectiva de não ter família, ele fala sobre o contexto atual, que não oferece meios de alcançar o casamento idealizado.

*Quando solicitado a falar sobre os principais valores que seus pais lhe transmitiram e como eles contribuem no seu modo de viver:*

Eu acho que o principal mesmo foi a criação cristã católica que eu tive, né, e sempre tive no meio da igreja e eu acho que os valores da igreja me fizeram a pessoa que sou hoje, os valores cristãos católicos. Claro que sempre tem valores, por exemplo, de amigos, gente que acompanha a sua vida que vão agregar à sua constelação de valores, mas eu acho que praticamente foi a religião que me formou, transmitido principalmente pelos meus pais.

*Quando solicitado a falar sobre os valores oriundos da sua religião:*

Quando se fala da religião católica já se traz muita coisa aí. [...] a religião parte do princípio que a pessoa não é perfeita e que tem falhas, e que ela está sempre tentando corrigir as suas falhas, então eu acho que esse é um dos valores principais, é o valor do reconhecer a pequenez, os erros, é muito de humildade, na verdade, são valores como... em relação à família, aos pais, ao amor ao próximo, ao amor de maneira em geral, caridade, são várias coisas, na verdade.

T. tem a religião como fonte de outros valores, tais como: humildade, vínculo familiar, respeito aos pais, solidariedade, amor, caridade entre outros.

*Quando perguntado quais valores transmitiria aos filhos:*

É difícil pensar porque com a tecnologia, o acesso à informação crescendo da maneira que tá, eu não sei como é que vai ser o mundo na época que eu for ter filhos, [...] quando eu nasci em '92, não existia o que existe hoje de tecnologia, também a gente morou em uma cidade pequena, morava no interior, e passou a morar numa cidade grande, aqui em Salvador, então teve uma mudança inclusive no momento que eles estavam me criando, ou seja, durante a minha criação já foi uma fase de transição enorme, na verdade, não sei como vai ser no futuro. Na verdade, eu acho que o modelo que meus pais seguiram para me criar foi muito bom.

T. fala da obsolescência que os avanços tecnológicos trazem e com consequências nos vínculos, (BAUMAN, 2004) demonstrando a necessidade de frequente revisitação às reflexões sobre a contemporaneidade por conta das diferenças culturais que altera a acessibilidade às informações. Esta reflexão de T. encontra voz nos achados ecológicos de Urie Bronfenbrenner sobre a importância da influência do Contexto sobre os processos proximais e abre precedente para a entrada dos vetores da pessoa e do tempo, como na sua revisão com a teoria bioecológica (BRONFENBRENNER, 2011). Outra questão levantada foi sobre a transição do curso de vida familiar e de como a mudança de uma cidade pequena para uma cidade grande pareceu para T. um ponto crucial, uma “crise” e pela qual T. avalia que sua família tenha passado por este ponto de forma evolutiva. (CARTER, MCGOLDRICK, 1995)

*Quando perguntado se acredita que tenha assimilado os valores transmitidos por seus pais:*

Não sei [...] mas que eu tenho tentado, eu tenho tentado.

*Pós-entrevista:*

Eu tenho amigos que foram criados sob valores completamente diferentes dos meus e estão na mesma situação que eu, entendeu? Então talvez tenha muito uma questão de valores da sociedade hoje. São as coisas da sociedade que influenciam. Até por isso que eu falei da criação que meus pais me deram da educação para a criação que eu venha a dar aos meus futuros filhos. É uma coisa que a gente não tem como saber, uma coisa que mude completamente o meio como a gente enxerga a sociedade e não saiba mais se a maneira que eu fui criado é adequada aos meus futuros filhos. Tenho um amigo ateu, relação ruim com os pais, que está em casa até hoje em dia, porque não conseguiu alcançar independência financeira, mas eu acho que tem uma parcela dos pais dele também não querem que ele saia de casa apesar da relação não ser tão boa. Eu não me sinto compelido por meus pais a sair, diferente do meu amigo. Eu não sei se eu tivesse independência financeira de sair de casa, eu nunca pensei sobre isso, talvez eu vá sim. Vou começar a me preparar para investir num pé de meia, não automaticamente, mas paulatinamente.

T. pareceu levar um tempo para gerar suas reflexões, conforme a entrevista foi avançando, foi fazendo grandes evoluções, talvez por ser tímido ou por não ter sentido demanda para tal até então, ou até ambas as hipóteses. Sua reflexão culminou sobre a força que os valores de uma sociedade têm sobre o indivíduo e sua necessidade de readequação para fins de sobrevivência. Outra contribuição que a entrevista parece ter revelado à ele foi sobre a ideia do valor cristão, do qual ele elencou como prioridade individual, mas que ao final observou não ser um fator de alteração no comportamento do jovem adulto contemporâneo. Ele identifica a abertura do diálogo (processos proximais) como um fator que influencia no prolongamento da coresidência, mas, acrescenta que a educação dos pais para autonomia pode ser um fator que funcione na contramão. Ele sugere que o sentimento de autonomia está se formando de maneira paulatina, diferente do amigo, onde provavelmente exista uma disfuncionalidade no subsistema parental neste sentido. (MINUCHIN, FISHMAN, 1984)

2) Conceitos dos pais:

*Quando os pais de T. são solicitados a falar sobre o termo “jovem adulto”:*

- Pai:

“[...] nunca tinha pensado nessa expressão, mas é aquela pessoa que já passou dos 25, que já tem uma formação universitária, esse seria o jovem adulto.”

- Mãe:

“inclusive age em determinadas situações como um adulto, né...”.

-Pai:

“inclusive assume algumas responsabilidades também.”

Assim como T., seus pais quando abordam nunca terem refletido sobre esta fase de transição, parecem sugerir que veem o prolongamento como uma expectativa natural do curso vital familiar. Aparentam relatar a realidade de T.

*Quando solicitados a falar sobre ser um jovem adulto na época deles e atualmente, semelhanças e diferenças:*

- Mãe:

“[...] me casei aos 24 anos, aos 22 anos já estava formada e logo em seguida eu já consegui um trabalho, mesmo que ainda fosse um jovem adulto tivesse na casa dos pais, eu já estava trabalhando, pelo menos isso.”

- Pai:

“... [...] e já tinha alguma renda, porque o mais difícil hoje é essa questão, de colocação no mercado de trabalho.”

- Mãe:

“Os jovens tem mais dificuldades de se encaixar em alguma coisa, as escolhas às vezes são por vocação, às vezes não são.”

- Pai:

“As alternativas são muito poucas, isso é que é verdade, independente da vocação, e aí requer que vc se prepare mais, estude mais, tenha mais formação, não é mais suficiente só a faculdade pra se tornar mais competitivo no mercado de trabalho.”

A mãe fala das incertezas dos jovens adultos em relação às dificuldades da formação profissional (passo inicial do rito de passagem para a fase adulta segundo estudiosos sobre juventude) considerando o aspecto da liberdade de escolha segundo afinidades pessoais, já o pai desconsidera a possibilidade nos dias atuais de “escolha”, mas no aprisionamento que o contexto socioeconômico altamente competitivo oferece:

O indivíduo inserido no contexto da educação formal geralmente é submetido a situações de limitação quanto à realização pessoal. A realidade social, permeada pelo modelo capitalista, tem induzido à pedagogia da exclusão [...] e sua inserção no mercado de trabalho se dará, propensamente, por conveniência, uma vez que o preenchimento de vagas pode acontecer por uma questão de oportunidade e não de preferência ou vocação. (ROCHA, OLIVEIRA, 2015, p.27)

Conforme a entrevista seguiu foi possível entender a “lógica” do pai, porque falava da própria história, por ter seguido uma profissão que não queria inicialmente,

mas ao que a mãe, iluminada por Deus (segundo palavras dele) à época pensava ser o melhor a fazer.

- Mãe:

“Antigamente as pessoas se casavam mais cedo. Hoje eles não pensam assim. Bom, pra ver se dá certo [...]”.

- Pai:

“Não é só para ver se dá certo a relação, mas a renda, nós mesmos quando casamos e compramos o apartamento reduzimos nossa condição social e com o tempo fomos recuperando, hoje não, tá difícil até para sair.”

- Mãe:

“Sem contar com a liberdade que o namoro tem hoje em dia. Não se sai de casa pra casar, porque não precisa. Não é determinante, mas influencia.”

Ambos falam das características contemporâneas abordadas pelo sociólogo Bauman (2001, 2004) quando trazem questões sobre os vínculos. A mãe ainda numa visão mais “sólida” fala numa perspectiva em longo prazo, mas o pai traz um tom mais “líquido”, hedonista e imediatista para os comportamentos dos jovens adultos de agora e faz um contraponto com a noção do jovem adulto da sua época que ainda tinha uma noção de vínculo duradouro e de sacrifícios no presente para uma compensação no futuro. A mãe também sugere falar na condição de gênero de sua época, que por conta da falta de liberdade sexual, fugia para o casamento e demonstra entender que a mudança nesta questão criou facilidades para os jovens não se apressarem em sair da casa dos pais.

- Mãe:

“[...] Os meninos [...], Hoje eles se isolam mais, existe uma coisa de chegar em casa e quarto, se enfia no quarto, não sei se era porque nossa casa era sempre cheia, TV na sala, mesmo que fosse pra brigar pelo controle. [...] Cada um no seu mundo, não tem convivência. Acho que tinha que ter uma TV só na sala, para ver um jornal juntos, sei lá.”



- Pai:

“Mas eles não veem mais televisão, se enfiam no computador. [...] Tem menos apego (risos)”.

O quarto, já falavam historiadores e filósofos sociais (Ariès, Perrot, Beauvoir) sobre a história da vida privada, já é o desejo do indivíduo à sua privacidade, decorrente do processo de individualização, característico dos dias de hoje (LIPOVETSKI, SERROY, 2011). Vale a ressalva que, não apenas o macrossistema, mas o comportamento de isolamento do jovem também pode ser reflexo a um sistema familiar (microsistema) emaranhado ou difuso estruturalmente que não oferece meios de tornar-se autônomo. (MINUCHIN, FISHMAN, 1984)

*Quando solicitados a falar sobre supostos marcos histórico que possam ter influenciado nas mudanças descritas:*

- Pai:

[...] piora econômica do país afetando no trabalho, mas também tem a concorrência, pelo aumento populacional dificultando o desenvolvimento do jovem adulto, mais gente disputando o mercado de trabalho. [...], por exemplo, a quantidade de faculdade de Direito é enorme. [...] É gente que divide o patrimônio e não produz patrimônio, gente que não realiza pesquisa científica, não investe em bens de consumo, em indústria e fora que a infraestrutura daqui é uma droga, [...] agricultura por estrada, um modelo difícil de... Não tem um marco histórico específico. Foi um processo desde a época que a gente começou a vida profissional até hoje, em vez de melhorar, piorou, por exemplo, hoje em dia é muito mais difícil o acesso à universidade pública, você continua com o mesmo número de vagas e maior número de pessoas tentando entrar, [...]

O pai não estende a resposta para contextos além do nacional, nem tão pouco com argumento de valores partidários de direita ou esquerda; apenas comenta sobre o processo de piora na economia do país desde sua época de jovem adulto (início dos anos '90). Amplia a discussão sugerindo como fator determinante o crescimento demográfico, contribuindo para a baixa acessibilidade às universidades públicas, para a realidade do surgimento desenfreado de faculdades como forma compensatória de acomodação do ensino superior para todos os jovens, porém reduzindo a qualificação de pessoas que supostamente retroalimentariam o processo de piora do quadro econômico já descrito. (MENEZES FILHO, 2009)

*Quando solicitados a falar sobre que expectativas têm para T.:*

- Mãe:

“Apenas que se forme naquilo que ele quer fazer, é claro que você cria expectativas para os filhos, ah era bom que vc fizesse isso, era bom que fizesse aquilo, [...]”

- Pai:

[...] Mas se não tem vocação não adianta ficar insistindo com isso, claro que existem polêmicas no ponto de vista de renda, então vá ser o melhor no que quer ser [...], então vai estudar pra ser o melhor [...], trabalhar e ser reconhecido no mercado.

- Mãe:

“[...] não é ser famoso. [...] só T. que cumpriu exatamente como prevíamos, só espero que já que fez a formação acadêmica, que já consiga uma posição no mercado de trabalho, embora a gente saiba que tá difícil.”

A mãe não responde em termos pessoais e assume que gostaria de ter o controle sobre as escolhas profissionais dos filhos, mas se policia disso, em nome da crença de que a escolha profissional por vocação deva ser mais importante no cumprimento da felicidade dos mesmos.

O pai se contradiz, quando diz que apoia o discurso da vocação, provavelmente por sentir-se dividido entre a história de T. e a história de J. (que largou a arquitetura por pensar não ter vocação e escolher design artístico).

- Pai:

“Você falou em expectativas, começa pelo Direito, eu mesmo tive uma expectativa frustrada: queria ser engenheiro, não pensava em fazer Direito, mas com a obra de Deus, eu não passei em Engenharia, comecei a fazer o curso, por insistência da minha mãe, e depois ela vai ser juiz, vai ser juiz e hoje eu gosto de ser juiz.”

Apesar da pergunta ter sido sobre as expectativas sobre T., o pai aproveita para fazer uma revelação de como foi sua escolha da profissão.

Supõe uma crença que tem sobre a formação profissional e a providência divina orientando suas escolhas através da iluminação sobre a mãe, figura que aparenta ser

de apego e figura participativa de sua “tríade” N+2 (processo proximal com a mãe + contexto [obra divina]). (BRONFENBRENNER, 2011)

*Quando perguntados se é possível conciliar casamento e trabalho:*

- Pai:

“Já tivemos dificuldades. Do tipo, eu ficar desempregado, depois ela ficar... Não foi um mar de rosas. [...] tivemos um escritório de advocacia juntos.”

- Mãe:

“Fomos para o interior, os meninos eram pequenos, eu larguei, fiz concurso, passei e hoje sou servidora do judiciário...”.

-Pai:

“Primeiro ela me apoiou depois eu apoiei ela, Então a gente foi se apoiando.”

Essa parte da entrevista mostrou bem a fase do curso vital familiar descrita por Carter e McGoldrick (1995) “Famílias com filhos pequenos”, em que é possível identificar nas narrativas de ambos os ajustes conjugais e parentais, ainda mais que estavam longe de suas famílias de origem.

*Quando falaram sobre conceito de autonomia:*

O pai conta uma estória de um amigo, de um filho que comprou um carro, mas ainda não paga o seguro do carro. E o amigo diz que quem não paga seguro ainda não amadureceu completamente. Porque pagar para não usar, é um pensamento na suposta consequência, coisa que ele não tem essa noção de previdência: “[...], aliás, os jovens sempre acham que não vai acontecer nada de ruim (risos)”. Ele parabenizou o amigo, achou fantástica essa metáfora dele.

*Quando solicitados a falar sobre a própria autonomia:*

- Pai:

“Quando a gente começou a namorar, apesar de ainda morar na casa dos pais, a gente já trabalhava, já estava na faculdade, já tinha dinheiro pras contas da gente e quando a gente resolveu casar, foi quase que automático, foi só comprar um apartamento e passar pra dentro dele e morar.”

- Mãe:

“Pra mim já foi mais difícil naquela época eu virar para a minha mãe e dizer que ia sair antes de casar, acho que pra ela ia ser um impacto muito grande. Há 27 anos pra fazer isso teria que ser mais voluntariosa e eu não tinha essa coisa...”.

- Pai:

“É, para mulher era muito mais difícil.”

Aqui fica bem evidente o paradigma da época quando reportam a questão de gênero como uma forte questão social. A mãe ainda sugere que se tivesse um temperamento de vetor oposto à pressão social poderia ter conquistado o direito à autonomia sem precisar seguir a ordem cronológica determinada para as mulheres na época, mas preferiu acatar e seguir o padrão tradicional.

3) Crenças familiares identificadas:

- obra divina como “terceiro pé” dos processos proximais;
- educação como instrumento para libertação, para autonomia;
- a educação da escola é complementar a de casa;

- Pai:

“[...] colocamos num colégio com ideologia humanista, para uma formação mais completa, não apenas no ponto de vista da formação profissional, mas também humanista.”

- Mãe:

[...] não deixar a educação só por conta do colégio; participávamos efetivamente da vida deles, acho até que pegamos muito no pé, não deixávamos passar as situações passarem em branco. Saber como agir com o próximo, como ser leal, como ser honesto.

- bens materiais podem se perder, ao contrário dos bens de capital humano;
- a formação profissional deve ser contínua;
- melhor forma de transmissão de valores familiares é através do exemplo e da presença;

- Pai:

[...] sempre presentes; na nossa época era costume ver que pai e mãe não participavam muito da vida do colégio, o pai não indo a um futebol, porque estava cansado, por causa do trabalho [...] por isso morar em casa para conhecer os amigos dos filhos, e meus filhos sempre acharam bacana isso, podiam achar que pai chato, mas não, os amigos as vezes vem até pedir conselho pra mim. Às vezes dá até 50 amigos aqui (risos).

- manter o afeto e a proximidade com a família de origem.

#### 4) Práticas familiares narradas:

- conversas familiares sobre valores;

- Mãe:

“Conversávamos sobre o futuro, durante o namoro [...]”.

- Pai:

“[...] até hoje a gente conversa sobre isso.”

- os filhos frequentaram colégios religiosos;

- T.:

“então eu sempre fui à igreja com meus pais, eu estudei em colégios religiosos, mesmo quando a gente morou no interior, eu estudei num colégio religioso lá, estudei no Vieira a minha vida toda aqui em Salvador.”

- pai e mãe fizeram cursos de aperfeiçoamento;

- levavam os filhos para conhecer situações-exemplo;

- Pai:

[...] história de um amigo que morava na ladeira da Barra com mordomo, resolveu parar de estudar depois do segundo grau, não fez faculdade, para viver dos negócios da família de comerciantes, achou que o conhecimento de balcão ia ser suficiente e a família começou a brigar sobre o pouco patrimônio que ainda restou e eu sempre levava meus filhos para eles observarem isso, ele acabou morrendo de obesidade, fumo e álcool [...]

- manter o convívio com a família de origem.

- Pai:

“Ainda frequentamos a casa da minha mãe. Todo domingo vamos lá.”

- Mãe:

“[...] ficou viúva muito cedo, com 55 anos, acho que ficou muito carente e sempre teve uma relação de cobrança com a gente. Eu era a caçula da casa, a relação era maior ainda. Meu pai teve vários outros, teve 10 filhos. Saí para casar e minha mãe não aceitava minha independência. Morava longe, no Parque Júlio César, agora eu coloquei ela aqui perto.”

*Quando solicitados a descrever os valores que retransmitiram para T.:*

- Pai:

O projeto nosso sempre foi dar a melhor educação possível aos nossos filhos, é o maior bem que podemos deixar, acreditamos em educação, na formação, e sempre dizendo a eles que não vamos deixar patrimônio pra eles... Não acredito em deixar dinheiro, deixar imóveis, não acho que isso funcione, não é isso que vai fazer a vida da pessoa, você tem que deixar algo que ajude a auto sobreviver e não depender de algo que pode desaparecer, como dinheiro, patrimônio, enfim.

- Pai:

“[...] Formação religiosa. Se eu fiz o que não queria e deu certo (risos).”

- Mãe:

“[...] honestidade, verdade, solidariedade. Agimos assim com eles, sempre jogamos limpos com eles, [...] sempre quis ensinar a eles o mesmo.”

- Pai:

“Essa coisa de Agregação, né. Nossos irmãos são muito unidos. Tem que viajar escondido se quiser sair só o casal, porque eles sempre querem ir junto. (risos)”.

*Pós - entrevista:*

- Pai:

Pra nós é muito confortável que ele fique em casa. Existe uma expectativa pra que ele saia, mas que saia preparado, autônomo

realmente. Que se sinta pronto, que se for para almoçar aqui em casa seja para nos ver por afetividade e não por necessidade. A gente dá mesada a ele, mas a ideia é ir diminuindo.

Essa narrativa espontânea (nota-se que o mesmo aconteceu com o filho) resume bem um espírito reflexivo que a entrevista promoveu a essa família. Volta à questão da afetividade e inicia a ideia de necessidade de promover mais autonomia.

#### 4.4 FAMÍLIA Nº4

Formada pelo pai B.(57) formado em processamento de dados, mãe J. (55) formada em Direito e Pedagogia e dois filhos de gêneros opostos (E. a 'canguru', e M. tem 16 anos) O pai trabalha numa indústria petroquímica e a mãe é professora no curso de Direito na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) A mãe atualmente está no mestrado. Os pais convivem há 33 anos e optaram por não fazer registro civil da união. Não são praticantes de nenhuma religião, mas não são ateus. Lembrando o critério de que todas as famílias entrevistadas deveriam pertencer à classe média alta, esta faz parte pelos critérios da ABEP da classe A. Moram numa casa interna a um condomínio em Villas do Atlântico no município de Lauro de Freitas. Características do contexto marcante: Varanda ampla. Quarto montado para estudo.

B. e J. demonstraram em seus discursos, ora opiniões congruentes, ora opostas, ora complementares, permitindo um bom fluxo na condução da entrevista e sinalizando respeito mútuo e autonomia de pensamento, condição positiva na ideia de indiferenciação de *self*.

E.: Tem 27 anos. Aparenta ter um temperamento decidido, extrovertido. Não possui problemas físicos que comprometam a comunicação e/ou locomoção. Observa-se em suas respostas à entrevista, ter um pragmatismo antropológico como parâmetro principal de visão de mundo. Solteira, mas comprometida há 13 anos, não tem filhos. Adotou um filhote de cachorro recentemente. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Formou-se no segundo semestre de 2012. Atualmente trabalha no CAB, no Tribunal de Contas, fez especialização em Direito do Trabalho e atualmente está fazendo de Processo Civil.

Demonstrou simpatia em participar da pesquisa. Foi bastante comunicativa, manteve um discurso objetivo, porém bastante elucidativo, sugerindo constância na ação reflexiva.

1) Conceitos do 'canguru'

*Quando solicitada a falar sobre o que entende de ser um jovem adulto:*

Imagino que seja uma pessoa no início da fase adulta, ou seja, não é mais criança, não é mais adolescente, passou dos 18 anos, mas ainda está na fase inicial, então ainda não está completamente estabelecido, por exemplo, não se formou, ou não iniciou plenamente digamos assim sua fase adulta, no sentido de criar uma família nova, ter o seu próprio emprego, enfim, como indivíduo autônomo, na sociedade.

E. estipula uma idade a idade do fim da adolescência segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente que estipula entre 12 e 18 anos de idade, afinal é uma pessoa que trabalha na área do Direito e como tal, conhece os deveres e direitos político-jurídicos. Entretanto, também fala das expectativas sociais sobre os ritos de passagem para adultez e conforme Guerreiro e Abrantes (2005) separa a fase em duas etapas.

*Sobre caracterizar a fase da adolescência:*

Eu acho que os adolescentes são mais impulsivos e mais inconsequentes. Jovens adultos geralmente estão superando essas duas características, porque eles percebem que a vida traz outras exigências e você precisa agir conforme algumas outras expectativas e pensar nas consequências dos seus atos e se responsabilizar por elas efetivamente.

E. segue falando a respeito da fase final conforme descrito em Henriques; Jablonski; Féres-carneiro (2004), demonstrando estabelecer bem quais expectativas aguardar de cada fase do curso vital individual.

*Quando solicitada a pensar em educar um jovem adulto na contemporaneidade:*

Primeiro eu acho que, a educação especialmente nos moldes como a gente tem hoje em dia, a gente espera que o jovem adulto você já chegue educado, [...], perfeitamente capaz de suprir todas as expectativas sociais, de trabalho, de família, dirigir, de andar na sociedade mas geralmente se pensa muito na educação profissional e se esquece da educação psicológica, do apoio, do suporte afetivo. [...]. Hoje em dia a sociedade não educa, [...] ela só te considera como



profissional, as outras coisas ou são irrelevantes ou já deveriam estar prontas então eu não preciso me preocupar com elas.

E. inicia seu discurso na segunda pessoa, como se houvesse um “dedo indicador” da sociedade exigindo os “ritos de passagem”, mas segue num tom de indignação por esse comportamento social autoritário e incoerente, por não proporcionar os meios prometidos no discurso neoliberal e de fazer uma distinção apenas no campo profissional, porque é onde estaria o interesse do poder. Vale a ressalva que sua narrativa termina na primeira pessoa, como se incluísse no grupo que não deveria apresentar um comportamento de cidadania completa, mas que reflete sobre esse condicionamento.

*Quando solicitada a pensar como seus pais, a respeito do jovem adulto:*

Eu acho que é mais difícil para os pais e para as instituições de ensino, porque existe toda essa perspectiva de que quando ele chegue nessa idade, ele já esteja pronto e educado, mas acho que é mais fácil no sentido de existir maior facilidade de diálogo, pelo menos eu tenho essa perspectiva, tanto com os próprios pais como com as outras pessoas, nós vivemos num mundo que se comunicar é muito fácil, não necessariamente bem feita, mas é mais fácil de acontecer. Então têm os dois aspectos.

E. traz dois aspectos sociais na atualidade como supostamente dialéticos: o imediatismo e a facilidade de comunicação, frutos do processo de globalização. (BAUMAN, 2001)

*Quando solicitada a falar sobre a visão das gerações em relação às expectativas sociais de um jovem adulto:*

[...] o nível de rigor e exigência era conhecido por todo mundo, todo mundo sabia o que esperar e o que uma pessoa dessa idade precisava fazer, [...] e do que esperar em cada fase da vida e hoje em dia não, a gente tem um monte de jovens adultos que parecem crianças e crianças que parecem jovens adultos, [...] hoje se tem facilidade maior de comunicação e conceito de amizade, que pais são amigos de filhos, e que antes tinha se uma noção maior de respeito e autoridade e hierarquia, então isso cria uma delimitação mais elástica por assim dizer, do que se espera de cada faixa etária, de como cada faixa etária age.

Neste trecho E. traz a ideia das fronteiras de uma fase de transição individual estarem menos delimitadas e mais flexíveis (PAIS, 2009), e sugere ser pela troca entre

o poder hierárquico e a afetividade nas relações familiares, acreditando ser um dos motivos de certa confusão social nas expectativas dos ritos de passagem.

*Quando solicitada a falar sobre as principais mudanças de comportamento juvenis entre as gerações:*

Acho que nossa geração é mais conservadora, no sentido ruim da palavra, mais preconceituosa, menos mente aberta, aceita menos as diferenças entre as pessoas, mas entre os semelhantes, por assim dizer, entre as pessoas que tem as mesmas realidades, as mesmas condições de vida, eles aceitam mais, eles se ajudam mais, eles são mais cooperativos e colaboradores, essa é a diferença principal foi [...]. acho que infelizmente foram mudanças mais negativas do que positivas.

E. parece trazer uma noção etnocêntrica sobre a geração e os grupos sociais, lembrando a ideia de hiperindividualização (um dos pilares da “cultura-mundo”) influenciando nos comportamentos dos grupos. (LIPOVETSKI, SERROY, 2011)

*Quando solicitada a pensar sobre possíveis marcos históricos influenciadores das mudanças:*

Acho que a geração anterior quando jovem tinha acabado de passar por muitas repressões, mundialmente falando, momentos de, enfim, guerra, ditadura e similares, então você tem uma tendência maior ser mais liberal, pensar em liberdades em geral, que a minha geração não viveu, então acho que as vezes a gente não dá valor pra isso ou não sabe dar valor pra isso e por isso a tendência mais retrógrada e conservadora em certos aspectos. O mesmo para a ditadura a nível nacional.

E. fala de momentos de crises do macrossistema influenciando no indivíduo e de como esse momento apesar de gerar modificações em todo o sistema se dilui com o tempo, a espera de “nova crise” para gerar reflexão e mudança comportamental. (BRONFENBRENNER, 2011)

*Quando solicitada a falar sobre ter autonomia:*

Eu acho que eu tenho autonomia com relação a trabalho, estudos, mas teria condições de ser autônoma em relação aos outros aspectos da vida também, mas escolhi não ter, então a falta de autonomia é por opção, por assim dizer.

Apesar de E. dizer não ter autonomia “por opção”, o conceito segundo a teoria intergeracional de Bowen mostra que E. alcançou a indiferenciação desejada para uma condução equilibrada no seu curso vital. (GUIMARÃES, 2010)

*Quando solicitada a falar sobre casamento:*

Sob a visão jurídica? (risos) Casamento é contrato (risos). Acho que é acordo entre duas pessoas, do mesmo sexo ou não, para gerirem responsabilidades e vantagens da vida, expressando isso para a sociedade formalmente através de contrato, documentos, planos de saúde, enfim, casa, trabalho, etcetera. Não acho que casamento tem versão romântica, porque eu sempre achei que versão romântica era namoro e eu não gosto de denominar visões românticas com o casamento, [...] e uma coisa não exclui necessariamente a outra, não é porque é casado, porque você efetivou esse contrato, que você precisa abandonar o lado romântico da coisa ,[...].

E. demonstra seu paradigma ao separar o amor romântico da decisão de casar. Casamento para E. não é um comportamento natural como o namoro (que envolve o sentimento de amar sem pressão social) e sim um comportamento social.

*Quando solicitada a falar sobre conciliação do mundo pessoal com o profissional:*

Acho que seria fácil A gente meio que se adapta ao longo da vida, entendeu, então eu não acho que eu teria problema de adaptação entre casamento e tudo aquilo que eu já faço hoje, porque eu tenho um relacionamento de muito tempo. E não acho que as pessoas necessariamente têm um problema com isso também, [...] só conseguem efetivamente a se casar, ou se unir, seja morando junto ou não ou se relacionar como com namoro informal, se elas conseguirem conciliar a vida pessoal do que ela já tem com esse novo relacionamento, tanto de amigo, quanto de trabalho, quanto a relação que ela tem com a família dela, [...] então as pessoas estão adequando seu relacionamento à sua própria vida, se o relacionamento não se adequa à sua própria vida elas abandonam esse relacionamento, e passam para o próximo.

E. traz a facilidade de adaptação à realidade da geração atual com a fluidez dos relacionamentos. (BAUMAN, 2004)

*Quando solicitada a falar sobre conceito de família:*

O conceito que a gente dizia antes é que família é sangue compartilhado, né! [...] eu acredito que família tem muito relação com cuidado, criação e convivência, então geralmente eu expando meu núcleo familiar, de pai-filhos pra outras pessoas da família que estão necessariamente próximas, que sempre conviveram muito tempo,

primos, tios, eventualmente amigos de infância dos pais que sempre conviveram, que acabam sendo tios e primos de certa forma que crescem juntos e vivem juntos, mas sem necessariamente tirar a parte da família consanguínea porque o Direito não deixa, a gente tem que viver com as duas coisas, mas meu conceito é um pouquinho mais abrangente.

E. não esquece o discurso de sua condição profissional, entretanto, expande para um discurso mais sistêmico, quando apresenta a ideia da família extensa, fugindo do conceito nuclear de origem burguesa. (FREYRE, 2013)

*Quando se pergunta em ter filhos:*

Não. Não gosto de criança. Cachorro é diferente, pois não tem as exigências que uma criança demanda. Não tenho paciência com “calundu” de criança, embora minha família seja de pedagogos, mas acho que seria uma mãe chata, reclamona e ia ficar dando bronca e eu acho que a criança não merece isso e acho que o mundo já tem gente demais e não sabemos o que estamos fazendo, não acho que eu tenha direito de colocar mais pessoas no mundo pra sofrer. Se meu filho dissesse: eu não pedi pra nascer, a culpa é sua, eu não ia poder falar nada. Acho que mesmo assim a sociedade vai me pressionar a ter, mesmo sem querer e eu vou acabar tendo e provavelmente eu vou gostar da criança, vou cuidar dela, óbvio, mas não vai ser por vontade minha não.

E. traz várias questões aqui: demonstra autoconhecimento das suas disposições comportamentais, conhecimento da responsabilidade social que a parentalidade exerce na educação dos descendentes (influência do microsistema familiar no desenvolvimento do curso vital individual de seus membros) e o pensamento sistêmico quando abre a possibilidade para os processos idiossincrásicos familiares, embora não seja sua pretensão atual (sua mãe não queria quando jovem adulta ter filho, mas com a satisfação profissional resolvida, deixou acontecer a gravidez de E.).

*Quando solicitada a falar sobre os valores familiares e como eles influenciam seu modo de agir:*

Honestidade, esforço e dedicação, esse dois últimos a gente subdivide em estudo e trabalho. Eles basicamente guiam todas as coisas que eu faço, desde dirigir até a forma de eu trabalhar, até minhas outras relações, minhas relações interpessoais com outras pessoas, tanto meu namorado, quanto meus amigos, quanto meu chefe, acho que são os valores principais para conseguir ter uma boa convivência com outras pessoas e para exercer nossa profissão, nossas relações de forma adequada e harmônica, na sociedade gigantesca em que nós vivemos hoje.

E. demonstra reconhecimento por ter recebido os valores necessários a fim de desenvolver recursos pessoais que a possibilitaram viver de forma adequada socialmente.

*Quando solicitada a pensar quais valores reproduziria para a próxima geração:*

Do que recebi não, porque eu acho que felizmente meus valores foram muito bem aprendidos e consolidados, sem nenhuma modéstia, tá! (risos) Mas, talvez esses não sejam os mesmos valores que estão sendo passados por aí, então a tal mudança não seria dos valores que eu recebi, mas na amplitude da educação das crianças futuras de que recebam os mesmos valores também.

E. demonstra preocupação com a equidade social, próprio de quem valoriza a educação como valor principal.

*Quando solicitada a indicar o valor que respalda seu pensamento sobre não ter filhos:*

Nenhum (risos). Acho que meus valores nunca colaboraram com isso. Minha mãe sempre gostou muito de criança. Tenho um irmão muito mais novo que eu e não gostei dessa experiência de “maternidade”. Minha família toda é muito afeta à crianças. Gosto de pensar na coletividade às vezes antes de pensar em mim, acho que ter filhos não é uma boa ideia no momento. Tento passar essa ideia adiante para várias pessoas, mas não estou conseguindo, não (risos)

Esse trecho respalda a citação anterior, de ideal coletivo, contrário ao movimento hiperindividualista descrito como comportamento social globalizado por alguns sociólogos contemporâneos. (BAUMAN, 2001; LIPOVETSKI, SERROY, 2011)

*Ao perguntar sobre cumprir as expectativas dos pais:*

Acho que sim, e acho que se eu não estivesse atendendo acho que eles me diriam, talvez eu seja muito estressada, eles me dizem isso sempre! Faz parte do meu jeito, apesar de tranquilidade e paciência tenha sido também valores que tenham me passado também.

E. mais uma vez reconhece seu temperamento e não demonstra em suas narrativas preocupação com sentimentos como falta de pertencimento ou não acolhimento dos sistemas ao entorno.

*Ao questionar os pais de E. sobre o que entendem por jovem adulto:*

- Mãe:

O jovem adulto seria alguém que atingiu uma idade de 18anos, porque até 18 anos ainda tem uma discussão sobre ser criança ou não e que tem plena independência com o trabalho, administra a sua vida, consegue tomar decisões se trabalha, se faz a opção por estudar, as mesmas decisões em torno do estudo, com independência, autonomia, acho que isso caracterizaria pra mim o jovem adulto.

- Pai:

Eu acho que jovem adulto na realidade é, no nosso caso, aquele jovem que já saiu, já fez a faculdade, já conseguiu se colocar no mercado e já consegue sobreviver com isso, isso é o jovem adulto.

Ambos falam do lugar de pais de E., jovem adulta que já possui fortes indicativos de sentimento e comportamento independente. A mãe ainda acrescenta as indagações sociais na contemporaneidade a respeito da flexibilidade das fronteiras etárias sobre as expectativas sociais.

*Semelhanças e diferenças de um jovem adulto da sua época com a atualidade:*

- Mãe:

[...] era muito mais comum aos 18 anos vc já estar entrando no mercado de trabalho, hoje você faz um projeto, o pai e a mãe junto com a família de que ele só entrará no mercado de trabalho geralmente após a universidade, então a grande diferença do momento, o jovem adulto dentro da universidade, ele tem autonomia, tem decisão, mas não está vinculado ao trabalho, o jovem adulto da minha geração ele já estava vinculado ao trabalho, ele já saía para o mercado de trabalho, ele amadurecia e tomava decisão e tinha autonomia, dentro do mercado de trabalho.

- Pai:

Acho que a primeira diferença é que, se 18 anos é jovem adulto, já saía de casa, primeira coisa, já começava trabalhar e segunda coisa, é que ele decidia a hora que ele ia fazer a universidade, [...] já começava a viver só, já tinha seu salário, já se sustentava e definia o que ia fazer da vida, independente de uma opinião familiar, a diferença do que é hoje, né! O filho fica e acaba fazendo a faculdade também em casa e continua também, como é hoje.

Ambos trazem a questão da contemporaneidade ser mais condescendente com o jovem adulto no processo de autonomia e abrem a discussão na diferença dos processos proximais das diferentes gerações. A mãe traz o contexto do trabalho como influenciador destes processos e o pai como algo da pessoa.

*Fatos históricos que possam ter influenciado nessa mudança:*

- Mãe:

A configuração do modelo educacional e econômica do país, na época que nós saímos... O acesso à universidade era restrito, esse acesso amplo é muito recente. A camada de população como a classe média, partiam para o mercado de trabalho, as classes mais elevadas elas tinham a opção de ir para o mercado de trabalho ou estudar, era um benefício, era uma regalia o estudo universitário, [...], mas existia uma possibilidade real de trabalho, [...] estava pronto o mercado, hoje não, você encontra situações em que para ser gari, o pessoal da seleção tem nível superior, [...], como nós éramos de classe média, a tendência era irmos ao mercado de trabalho e como nós tínhamos uma formação técnica que agregava valores para um trabalho bem remunerado, maior a chance de a gente ter trabalho e acesso.

J. sugere que o contexto do trabalho seja seu paradigma. Permanece na indicação do mercado de trabalho como fator principal nas questões desenvolvimentais do jovem adulto.

*Marcos históricos nacional/regional que respaldam essas mudanças:*

- Mãe:

No Brasil, mais especificamente no Nordeste, até a década de 90, era muito reduzido o número por pessoas nas universidades [...]. O número de faculdades de Direito, que eu fiz, cresce assustadoramente nos últimos anos. [...] nossa industrialização é tardia. Ela cria um mercado de trabalho técnico de ensino médio voltado para a indústria, [...] governos mais é... Democráticos, numa perspectiva mais social, definindo essas regras [...]

- Pai:

[...] eu acho que tinha uma característica diferente do que ela falou e, na nossa geração, as pessoas precisavam quebrar barreiras, quebrar rotinas, principalmente as familiares [...] o jovem nessa época ele se revoltava contra os conceitos sociais, esse era um dos grandes motivos para sair de casa, principalmente [...] incentivo das escolas técnicas, que na época era muito forte, [...] e a perspectiva de mudar o mundo. Depois nos anos 80 o foco da educação mudou um pouco, as indústrias já tinham mão de obra suficiente, voltou a ideia de ter que ter o nível superior pra se colocar no mercado. Foi uma geração de descoberta, de encontro a todos os movimentos sociais, o que não tínhamos na época, batalhamos para ter. Completamente diferente da geração de agora. [...] Outra forma de pensar. Eu por exemplo, não tive as oportunidades de ter o que meus filhos têm. Os filhos dessa geração já têm muito mais facilidade todo tipo de acesso, o acesso de toda tecnologia, começou a surgir dos anos 90 pra cá, a globalização, o início da tecnologia, os acessos às mídias, muda completamente a realidade do jovem, hoje o conhecimento é compartilhado, ele está

disponível, não precisa de correr atrás da informação como a gente teve. Mudando a realidade da família em função disto.

- Mãe:

A necessidade de transformação é peculiar do jovem, [...], o diferencial é pelo acesso à informação. A leitura do mundo é diferente da nossa. [...] Nosso país era agrícola quase. Um distanciamento enorme. O que se esperava dos jovens era de mudar tudo. O sonho de mudar o mundo continua, mas a disponibilidade de meios era diferente, era muito difícil, mas se conquistava com o próprio trabalho da nossa época é que se criava autonomia. Eles hoje têm que romper com o pai-patrão, tirano e a mãe tirana que controla o mundo, eles não precisam romper com a família para conquistar nada. Os jovens hoje têm voz.

Ambos mantêm os discursos dentro das suas perspectivas de vida, mas sempre em alto grau reflexivo nas questões sociais. A mãe traz inicialmente a baixa acessibilidade associada a não haver necessidade do ensino superior para entrada no mercado de trabalho como um diferencial nas mudanças intergeracionais, já o pai complementa com a ideia da globalização, da facilidade do acesso à informação fomentando o movimento revolucionário peculiar do jovem nos dias atuais. A mãe mantém a opinião nas questões de mudanças sócio-políticas com maior impacto nas mudanças do que o ímpeto juvenil, além de trazer a questão da visibilidade da juventude na sociedade contemporânea como fator que facilite ao jovem não precisar quebrar paradigmas.

*Quando solicitados a falar sobre autonomia:*

- Pai:

Hoje existe uma inversão, não se valoriza a mão de obra técnica, nem do jovem universitário. [...] nenhum quer cumprir funções técnicas, manutenção, inspeção, etcetera [...] já sai com a visão: daqui eu vou sair no mínimo um gerente, [...] , graças a distorção que as faculdades estão promovendo, de que o jovem ele é capaz de sair pro mercado capaz de assumir cargos sem vivência, só com currículo. O Jovem sai se achando qualificado. Não podemos negar que são pessoas extremamente rápidos, ágeis, vamos ter que ver como o mercado vai se adequar.

- Mãe:

O problema está na demanda do mercado. Cargos medíocres que exigem na seleção de nível superior, não porque a vaga exige conhecimento acadêmico, mas porque se tem que aproveitar esse excedente. O jovem que sai da universidade, acha que pode mais e se frustra muito quando vê que não usa a metade da sua capacidade.



Continua no discurso sobre as questões socioeconômicas, o pai fala da dificuldade de satisfação do jovem adulto em adquirir autonomia frente uma frustração gerada pelo excesso de “teorismo” e a mãe mantém o raciocínio da frustração por excesso de pessoas no mercado de trabalho com poucos postos e exigências aquém das suas qualificações.

*Ao ampliarem o conceito de autonomia:*

- Pai:

Eu acho que a autonomia continua existindo em relação a independência financeira, Eu acho que é muito mais pelo papel da família, hoje, eu, por exemplo, não vejo problema nenhum dela sair de casa, se perguntar se eu gostaria que ela saísse: eu diria que não e ela sabe que eu gostaria que ela ficasse, é muito legal estar junto. Talvez isso contribua muito para que eles fiquem mais, não sei. Pra quê sair se convivo num mesmo espaço numa boa, pra quê criar outro espaço se eu tenho autonomia no espaço que já estou? [...] Vou levar meu namorado para casa? Ok, não vejo problema em relação a isso, como no passado se via. Então eu acho que essa característica é que mudou completamente a maneira de se pensar a autonomia, a maneira de se relacionar num mesmo espaço.

- Mãe:

Eu acho que a autonomia é construída individualmente, que a pessoa vai construindo através de valores tanto internos: a coragem, vontade, possibilidade de desafios, mas ainda acho que a influência externa, da estruturação social e econômica influencia muito nessa questão interna, bloqueando-os. A possibilidade de afeto e carinho isso facilita, deixa o jovem pronto para enfrentar alteridade sem precisar romper com a família. A proximidade propicia a troca de afeto. Seja lá como for, a geração aceita a geração posterior, então porque eles vão precisar romper? [...] Os pais hoje são empáticos, os filhos hoje fazem parte da mesma tribo que os pais, por isso o ficar em casa.

Ambos se investem na ideia da afetividade, na abertura do diálogo e aceitação dos pais à intimidade do jovem dentro de casa, ou seja, de um meio que propicia acomodação (a mãe pondera que a condição social deva ser levada em consideração) sem romper com a ideia de autonomia completa, de tornar-se diferenciado.

*Ao solicitar falar sobre casamento e trabalho:*

- Mãe:

“Nós nunca nos casamos (risos), não fizemos planos de casar. Não queríamos esse conceito de obrigatório, impositivo, limitante do casamento, [...], vivíamos muito para o trabalho e aos movimentos sociais.”

- Pai:

“Fui trabalhar em Maceió, depois que voltei, ela foi e quando ela voltou é que a gente decidiu comprar um apartamento para morar junto,[...]”

- Mãe:

A gente vivia para ser feliz, respeitar o outro e construir um mundo melhor, não importava a forma. [...] mas a partir que se tem um filho não, é uma construção coletiva, não há mais como romper não tem mais volta. Se o conceito era família ou não, não era essa de constituir uma família formal, mas era porque se tinha uma terceira pessoa, fruto de um relacionamento nosso então nós tínhamos que assumir conjuntamente este filho. Com filho passa a não existir mais independência individual.

O pai contextualiza com a estória da moto. Eles andavam muito de moto mas no momento que descobriram a gravidez da E., acharam que existia agora uma terceira pessoa, que não tinha pedido para vir ao mundo, não dava mais para viver de uma forma doída, então o pensamento virou coletivo, resolvemos a comprar um carro. “Ôpa virou família!”

Ambos mantinham objetivos em comum, a meta era a satisfação profissional atendida, mantendo a individualidade de cada um até que a chegada de um filho vem para apresentar um universo novo, plural.

### 3) Crenças familiares identificadas:

- ser presente para passar os valores familiares;

- Mãe:

Exemplo. Fazer. Ela via o que é que estava acontecendo. Olhar o outro com respeito. O tempo todo o outro é algo importante. O pedinte, a faxineira, o mais velho...Não adianta ficar falando, falando e não fazendo nada. Agindo com respeito, com compreensão, enxergando o outro lado. Acho que isso é fundamental.

- Pai:

Eu acho que a pedagogia da presença mesmo. Sempre fomos muito presentes. Tudo muito transparente. O bom, o ruim, o certo, o errado. Sempre tudo conversado e discutido abertamente. O exemplo, mostrando o que a gente acredita, o que a gente faz.

- o indivíduo deve ter uma formação educacional mais humanista;

- Mãe:

[...] nenhuma escola tinha o que a gente esperava: uma formação humanista, voltada para o outro, pra partilha, pra solidariedade e não fosse focada para a profissão exclusivamente.

- a formação escolar instrumentaliza, mas é complementar, a familiar é fonte de reflexão;

- Mãe:

Essa preparação é na totalidade, acho que é impossível uma escola completa. O que ela é acho que a escola influenciou muito pouco. Sempre ela e nós criticamos muito a escola. Ela tomava a frente e discutia na escola quando havia algum problema, desde pequena. Acho que a escola ajuda muito sobre o acesso a uma boa literatura abre a visão do mundo.

- a afetividade deve ser espontânea

Não somos melosos. Muita autonomia, muito respeito aos limites. Se entrar no quarto e fechar a porta, por mais que eu queira entrar e dar um abraço, vc se segura. Eu acho que não adianta vc amar profundamente seu marido, seus filhos, e não amar o outro na rua, o afeto tem relação direta com a compreensão do humano em essência, não por obrigação formal, moral, mas pelo respeito, pela necessidade do outro, pelo afeto em si.

- a rede de apoio familiar dá base para que a autoestima e a determinação gerem oportunidades;

- Mãe:

Não precisa fazer uma escolha. A vida é longa, dá para fazer muitas faculdades, muitas áreas, pode acumular. Como nós temos esse perfil ela também se sentiu à vontade. Entendeu?

- Pai:

Então não teve uma determinação. Eu não imaginava. Deixa a coisa ir acontecendo e ela vai situando e achando o espaço dela. Que é tudo muito pautado naquilo que a gente já falou: se você dá liberdade, dá educação, dá carinho. A escolha vai ser um processo natural, lógico de que alguma forma a gente influencia.

- o avanço na fase do curso de vida influencia nas crenças.

- Mãe:

Eu nunca quis ter filho quando era jovem, achava que, como na minha geração pra ter independência vc não tinha filhos, então eu não pensava inicialmente em ter filho, [...] Eu acho que não esperava que eu tivesse a expectativa um dia de ser vó, já que não tinha expectativa de ser mãe, tem outras coisas pra fazer, antes de ter filho. [...] não era o sonho de realização. Eu acho isso interessante porque eu não pensei em termos de expectativa de ser vó, e quando eu vi minhas amigas todas sendo avó... Poxa, eu acho que eu preciso ser isso também! (risos)[...] é como se o tempo fosse diminuindo, vc quisesse abraçar o mundo. Ih! Tenho que ter tempo pra ser vó, porque senão não fica completo (risos). E. diz: não, não tente não! Por que não vou ter filho. Então eu acho que isso é importante, essa coisa do significado de ter filho, depois que se tem filho, porque antes de ter, vc pode viver muito bem sem ter filho, mas depois que vc tem: Puxa, isso é tão bom! É uma vivência muito legal, é uma experiência muito boa, as pessoas precisam experimentar também isso! Não é obrigado, mas precisam. Eu acho que isso aí em alguma forma a gente influencia, entendeu: Ah é bom! Ter filho é bom, família é bom.., Essa coisa é novidade, né! Porque na minha geração a gente não defendia isso.

4) Práticas familiares narradas:

- os pais estudando e E. ao lado desenhando.
- dar atenção ao porteiro do condomínio;
- colocaram numa escola particular quando E. era pequena;
- “abraço coletivo”.

*Quando perguntados sobre os valores de suas famílias de origem que retransmitiram à E.*

- Pai:

Educação, eu vou dar pra vocês o que eu não tive. Eu não estudei, vocês vão estudar. Respeito pelas pessoas. É o legado que deixo pra eles.

- Mãe:

Minha mãe tinha esta questão de gênero muito forte. [...] da mulher ser autônoma. Outra coisa que eu acho importantíssimo: eles tinham muito afeto, mas expressavam pouco. Era difícil eles expressarem esse afeto. Educação, independência, afeto, família estruturada de forma nuclear (tem que aprender a fazer sacrifício, abrir mão de muita coisa por algo que valha a pena, vem de B.).

- Pai:

Independente de família estruturada, mas a relação pai-mãe-filhos é muito importante [...] e muito carinhosos e respeitosos: “bença pai, bença mãe”, como exemplo de afeto, essa forma de acolhimento é fundamental. Acho que é isso.

Os pais de E. destacaram neste quesito a Educação, a Autonomia, o Afeto e a Estrutura Familiar como principais valores familiares. Anteriormente a mãe havia listado a Solidariedade.

#### 4.5 DISCUSSÃO GERAL

A teoria bioecológica foca a atenção nas interinfluências entre o indivíduo e o contexto e, como teoria apoiada no pensamento sistêmico, é suportada pelos pressupostos co-construcionistas, levando a cultura do contexto (espaço e tempo) em conta, com seus valores e crenças. Sendo assim, é possível pensar que as práticas de um determinado sistema estejam diretamente relacionadas com as crenças e valores desta relação.

Ainda segundo Bronfenbrenner (2011), este conjunto de valores e ideologias do macrosistema e de suas interconexões com os demais sistemas e subsistemas circunscritos influenciam no desenvolvimento psicossocial do indivíduo, que “responde” aos mesmos sistemas que o cerca. Essa “resposta” (responsividade) do desenvolvimento psicossocial é complexa e inclui as concepções que o indivíduo faz do mundo que o cerca, que em resumo, seriam as ideias e práticas que seu sistema proximal compartilha. (LORDELO, FONSECA, ARAÚJO, 2000)

Segundo essa linha de pensamento, a forma como os pais cuidam de seus filhos tende a seguir as crenças do contexto, pois estariam interligadas e sujeitas às mudanças históricas e que, por sua vez, estariam ligadas sucessivamente aos valores e ideologias, assim como a análise da responsividade do filho (conceitos e práticas) tenderia a mostrá-los, ainda que implicitamente.

Sendo assim, o presente estudo apresentou como objetivo geral, após a escolha do recorte da etapa do processo de desenvolvimento do curso vital individual (o jovem adulto que ainda reside no ambiente doméstico), conhecer os respectivos valores familiares que estão integrados aos processos proximais dos pais

(microsistema) com este filho jovem ‘canguru’, segundo o contexto descrito nos critérios. Três degraus metodológicos foram criados para atingir o fim: investigar as ideias ou conceitos, conhecer as práticas educativas e correlacioná-las com as crenças familiares identificadas.

A discussão na sessão anterior, à luz da literatura, das transcrições das quatro famílias entrevistadas, procurou-se identificar as ideias principais de forma particularizada. Nesta seção buscou-se identificar as interseções e o que ficou de fora do conjunto dos parâmetros valorais do desenvolvimento do jovem em transição, a começar pelos conceitos afins ao recorte. Para tanto, foram elaborados dois quadros panorâmicos (Quadro 3 e 4, ‘canguru’ e pais, respectivamente) divididos em categorias para melhor assimilação dos conceitos e ideias (“Ser jovem adulto”, “Marcos históricos” e “Expectativas”).

A primeira categoria “Ser jovem adulto” fala sobre os conceitos de adolescência, juventude e adulez e todos os significados afins, a segunda categoria “Marcos históricos” fala sobre os contextos conhecidos pelos participantes em todos os níveis de sistemas) e a terceira categoria “Expectativas” sobre as ideias de presente e futuro acerca dos principais objetos do recorte – satisfação pessoal, relações pessoais, familiares, profissionais e contribuições sociais, visando cumprir com o primeiro degrau metodológico, ou o objetivo específico de “investigar os conceitos envolvidos no fenômeno de acordo com a visão do(a) filho(a) canguru e dos pais”:

Quadro 3 - Conceitos do 'Canguru'

Família	Ser jovem adulto	Marcos históricos	Expectativas
1	Não é um critério etário, é mental; período complexo de busca de identidade e autonomia; aumento de responsabilidades e investimento na formação profissional.	Avanços tecnológicos e seus impactos +/-; conflitos causados pelo hiperindividualismo.	Enfrentar os desafios vitais com honestidade; passar num concurso para manutenção do padrão de vida familiar; assimilação mercadológica da geração em tempos "robóticos"; ampliação do diálogo entre as pessoas; casar e ter filhos; família nuclear como rede de apoio psicossocial; uso da era digital para manter vínculos familiares.
2	Mais responsabilidades que a adolescência, período de diversão.	Woodstock, Internet, jogos de poder na infraestrutura urbana.	Proteção divina; manter padrão de vida; casar e ter filhos.
3	Buscar espaço no mercado de trabalho e independência, uma das etapas do processo de adultez.	Crescimento demográfico, internet, avanços tecnológicos, democracia no Brasil, abertura do mercado externo.	Passar no OAB
4	Ainda não cumpriu todos os ritos de passagem para a adultez, fase inicial.	Guerra, ditadura, facilidades na comunicação.	Ampliar formação profissional

**Quadro 4 – Conceitos dos pais**

<b>Família</b>	<b>Ser jovem adulto</b>	<b>Marcos históricos</b>	<b>Expectativas</b>
1	Transição do filho para o adulto, valores constituídos, comportamento ambivalente (autonomia ou apoio dos pais)	Yuppies americanos e mídia televisiva (novelas)	Que os filhos tenham uma vida com segurança física e financeira, boa relação com o cônjuge, mantenham o vínculo familiar e social, sejam mais felizes e que G. alcance o objetivo proposto (concurso na área jurídica, promotor ou juiz) e ganhe autonomia.
2	Fase entre a adolescência e a fase adulta, como um “trainee” de adulto (uma das etapas da vida).	Conquistas sociais da geração deles, não identificaram nada “marcante”, incremento tecnológico influenciando na maneira de pensar e agir.	Que R. seja feliz em qualquer papel social que ela venha a escolher.
3	Passou dos 25 anos e tem formação universitária, age como adulto, assume algumas responsabilidades.	Crescimento demográfico e piora socioeconômica do país	Que os filhos sejam o melhor no que escolher se formar profissionalmente: que T. consiga uma posição no mercado de trabalho; que saiam de casa autônomos e que mantenham o vínculo afetivo com a família.
4	Tem mais de 18 anos e autonomia plena, já cumpriu os ritos de passagem.	Melhora no modelo educacional, garantindo mais acesso e a piora socioeconômica do país, industrialização nacional tardia, globalização, movimentos revolucionários juvenis.	Ser avó

Quando olhamos para o Quadro 3 (conceito do ‘Canguru’), pode se observar que a categoria “Ser jovem adulto” foi importante para identificar o grau de reflexividade a respeito da condição de ‘canguru’ (corresidente familiar). Nas discussões individualizadas percebeu-se que os quatro ‘cangurus’ não apresentaram delimitações cronológicas quando questionados sobre o que pensavam ser um jovem adulto, mas, assumiram a busca pelo cumprimento de responsabilidades que não tinham na fase anterior (adolescência), além de não haver narrativas ansiosas ou que parecessem pressionados pelo sistema familiar pelo alcance da adultez imediata.



O processo de autonomia faz parte do desenvolvimento humano e é um dos principais objetivos com fins de no mínimo, a sobrevivência da espécie. Desde a infância somos treinados a desenvolver essa habilidade, ou melhor, esse recurso de sobrevivência. O “treinamento” (as práticas educativas) pode ser ou não planejado e é desenvolvido subjetivamente. Os ‘cangurus’ são uma geração conhecida por adiar o processo de saída da casa dos seus pais, não necessariamente por falta de autonomia em tomar decisões, mas na possibilidade de também ser por “excesso”. O conceito assim como o grau de autonomia de cada um dependerá em como os fatores biopsicossociais foram incorporados ao seu curso vital (o significado social do conceito, segundo a pessoa, as relações dela com o contexto, o contexto e o tempo).

Todos os jovens pareceram eleger as facilidades tecnológicas como marco histórico para as mudanças intergeracionais do jovem adulto, alguns aprofundando a questão como decorrência do processo de globalização e as expectativas, na grande maioria, no campo profissional, dentro do esperado para a fase em que se encontram de transição, de busca pela autonomia, o que perpassa conseguir independência financeira, a fim de manter o padrão de vida ou para o cumprimento da própria identidade social. Vale a ressalva da exceção da ‘canguru’ da família nº. 3 que por já ter concluído um mestrado em outro país, estaria “livre” para planejamentos pessoais.

Já o Quadro 4 (conceito dos pais) nenhum casal trouxe uma versão semelhante ao que venha a ser um jovem adulto, demonstrando ser um conceito geracional pouco explorado ou debatido socialmente, logo, merecedor de atenção já que pertence e influencia no desenvolvimento do curso vital familiar. Duas famílias se fixaram na questão etária como parâmetro, as outras duas nos graus de responsabilidade atribuídos. Na categoria dos ‘marcos históricos’ houve recortes da piora socioeconômica no contexto nacional como influenciador nas mudanças comportamentais do jovem adulto contemporâneo e recortes “importados”, pela facilidade de entrada das informações decorrentes dos avanços tecnológicos e na categoria ‘expectativas’, mesmo que expresso de maneiras diferentes, a manutenção do vínculo afetivo foi o foco.

Segundo os demais objetivos: conhecer as práticas familiares da geração canguru, identificando possíveis correlações com as crenças identificadas, foi proposto um quadro interativo (Quadro 5 – Principais crenças e práticas familiares):

**Quadro 5 – Principais crenças e práticas familiares**

<b>Família</b>	<b>Crenças</b>	<b>Práticas</b>
1	<p>A família é importante para oferecer apoio psicossocial aos seus membros;</p> <p>O trabalho é libertador;</p> <p>O respeito às disposições comportamentais é prioridade na forma de educar;</p> <p>A autonomia é um processo importante para o sentimento de identidade social;</p> <p>O sentimento de união se constrói pelo fortalecimento dos vínculos familiares;</p> <p>Realização pessoal se ganha com união, segurança e dignidade;</p>	<p>Escola com uma pedagogia voltada para uma formação de cidadania completa (católica);</p> <p>Procuraram residir em moradias que oferecessem segurança;</p> <p>Proporcionaram atividades extracurriculares na época da infância e adolescência (natação, circo, clube);</p> <p>Exemplo de trabalho e estudo;</p> <p>Atividades ligadas à igreja (sacramentos e missa);</p> <p>Viagens em família (continua vigente nos dias atuais).</p>
2	<p>O sistema econômico baseado no capital oferece melhores oportunidades de se viver bem, com ordem e conforto;</p> <p>O casamento é um sacramento e como tal deve seguir a ordem do dogma religioso e não apenas o civil;</p> <p>A conjugalidade é uma aliança prioritária ao alcance da realização pessoal;</p> <p>A prioridade da função da parental é de orientação aos caminhos do bem estar coletivo e da realização pessoal;</p>	<p>Cumprimentar as pessoas do ambiente onde convivem;</p> <p>Família toda indo à missa todos os domingos;</p> <p>Compartilhando os finais de semana conforme a vontade de cada membro;</p> <p>Revisão às mochilas das filhas diariamente;</p> <p>Checar a conta e devolver se houver troco errado;</p>
3	<p>Obra divina como “terceiro pé” dos processos proximais;</p> <p>Educação como instrumento para libertação, para autonomia;</p> <p>A educação da escola é complementar a de casa;</p> <p>Bens materiais podem se perder, ao contrário dos bens de capital humano;</p> <p>A formação profissional deve ser contínua;</p> <p>Melhor forma de transmissão de valores familiares é através do exemplo e da presença;</p> <p>Importante manter o afeto e a proximidade com a família de origem.</p>	<p>Conversas familiares sobre valores familiares;</p> <p>Os filhos frequentaram colégios com pedagogia humanista;</p> <p>Pai e mãe fizeram cursos de aperfeiçoamento;</p> <p>Levavam os filhos para conhecer situações-exemplo;</p> <p>Todo domingo vão almoçar na casa da mãe (vó).</p>
4	<p>Ser presente para passar os valores familiares;</p> <p>O indivíduo deve ter uma formação educacional mais humanista;</p> <p>A formação escolar instrumentaliza, mas é complementar, a familiar é fonte de reflexão;</p> <p>A expressão da afetividade deve ser espontânea;</p> <p>A rede de apoio familiar dá base para que a autoestima e a determinação gerem oportunidades de autonomia;</p> <p>O avanço na fase do curso de vida obriga a revisitação às crenças.</p>	<p>Os pais estudando e E. ao lado desenhando.</p> <p>Dar atenção ao porteiro do condomínio;</p> <p>Colocaram E. numa escola particular visando uma pedagogia humanista;</p> <p>“abraço coletivo”;</p>

A coluna das expectativas dos quadros 3 e 4 já oferecem uma fonte das crenças que permeiam o ambiente familiar, pois, uma crença nada mais é que, uma perspectiva do mundo baseado em conceitos presentes e com visões de futuro.

A família nº 1 apresentou coerência com as práticas citadas, salvo as práticas ligadas à igreja que se apresenta como pano de fundo nas crenças de ordem pessoal. A família como fonte de apoio psicossocial aos seus membros foi uma crença comum ao conjunto das famílias entrevistadas, e pela qual geram condições para autonomia e realização pessoal.

Na questão do trabalho como fator de libertação aos aprisionamentos sociais, todas as famílias também apresentaram semelhança, pois todas apresentaram histórias de lutas e ascensão social através da inserção no mercado de trabalho, entretanto ficou mais evidente na família de número 3, até porque ambas as famílias possuem um histórico de diferenças de camadas sociais dos pais na fase pré-conjugal.

O respeito ao temperamento ou como chama Bronfenbrenner (2011) das disposições comportamentais, foi tema de discussão em todas as entrevistas. Algumas, como a família de número 2, fizeram citação semelhante quanto à educação, porém as demais ao falar do respeito às escolhas pessoais dos filhos, ao identificar diferenças entre eles e ao refletir sobre as mesmas, abrangem este conteúdo.

A autonomia como forma de obter identidade social, implica em alcançar o sentimento de pertencimento, de autoestima, de alteridade e de cuidar do outro. Podem-se verificar estas crenças permeando o contexto das famílias entrevistadas, entretanto, ficou mais evidente na família de número 2 e 4, quanto à necessidade de ser solidário às pessoas de menor poder aquisitivo e à criação de oportunidades desta identidade.

A união através dos vínculos familiares aparece diversas vezes nas narrativas de todas as famílias entrevistadas, principalmente nas expectativas dos pais, como o reconhecimento à dádiva do apoio psicossocial ofertado. Vale lembrar que o sentimento de pertencimento exposto no parágrafo anterior também provém dos vínculos duradouros e firmes. O maior questionamento hoje sobre a qualidade dos vínculos é exatamente no grau de solidez dos mesmos, daí o significado de 'liquidez' de Bauman (2004) em "Amor Líquido", quando ele aborda os relacionamentos atuais

estarem embasados na afetividade e não mais em imposições socioeconômicas, o que é positivo, porém enfraquecidos e instantâneos.

A realização pessoal presume uma visão holística das necessidades humanas. A dignidade (biopsicossocial), a segurança e uma visão unificadora ou ecológica tenderiam a cumpri-la, diante das crenças e práticas evidenciadas em todas as famílias, foi possível perceber o valor da garantia de humanidade.

Mencionaram a ordem, a segurança e o conforto como valores importantes ao bem-estar e acreditam ser fruto do sistema econômico que respalda a grande maioria dos países parceiros culturais. Embora as demais famílias não tenham mencionado a respeito do sistema econômico, a ordem e o conforto são subtópicos da questão de manutenção do padrão de vida, das quais todas, com maior ou menor enfoque percebem como necessário ao bem-estar individual e coletivo. A família nº3 crê na superioridade dos bens humanos aos bens materiais, mas isso não significa abrir mão de manter o padrão de vida através do crescimento profissional e a de nº4 na equidade social.

A crença do casamento como sacramento é comum às famílias de cultura cristã católica, atendimento aos dogmas católicos, entretanto, mesmo a de número 4 que não se manifestou quanto à religião, concordou com a ideia de união de pessoas apenas pelo crivo da afetividade. Aos dogmas católicos devemos ler como: fé no poder de Deus, na importância dos sacramentos, e nos valores de solidariedade, bondade e honestidade.

O valor da conjugalidade aparece como o valor em tensão do estudo. Nenhuma outra família além da nº2 elegeu o subsistema conjugal como importante nas questões da entrevista, a visão foi sempre sobre o sistema familiar como um todo, sem haver reducionismo. Acredita-se por ser a família que mais possui os dogmas religiosos como paradigma.

A educação acadêmica como complementar à doméstica. Pais presentes e transmitindo os valores familiares através do exemplo foi uma crença unânime e com fins de geração de autonomia.

A família nº3 apresentou práticas totalmente voltadas às crenças narradas e não apresentou novidades em termos dos valores dispostos pelo conjunto das famílias entrevistadas que estão aqui expostos. Pelos Quadros 5 e 6 pode-se inferir enfoque no tripé dos valores principais familiares: Dogmas Católicos - Família - Educação.

A família nº4 apresentou coerência das práticas com suas crenças. Apesar de não apresentar os dogmas religiosos como valor explícito, apresenta a solidariedade em seu lugar. Os demais valores apresentados de forma implícita e explícita das demais famílias podem ser incorporados. Aos valores referentes aos vínculos familiares, esta família abre um parêntese para a espontaneidade, pois se posicionou contrária às imposições sociais quanto à expressão da afetividade.

A seguir, segue o Quadro 6 (Valores familiares explícitos e implícitos) com a compilação dos valores narrados e observados durante a entrevista e transcrição:

**Quadro 6 – Valores familiares explícitos e implícitos**

<b>Família</b>	<b>Valores explícitos</b>	<b>Valores implícitos</b>
1	Honestidade, União, Respeito, Cuidar do outro, Trabalho.	Autonomia, Realização pessoal, Vínculos familiares duradouros, Humanidade, Padrão de vida, Segurança, Dogmas católicos, Exemplo.
2	Família, Dogmas católicos, Ordem, Humildade, Crescimento profissional, Trabalho, Honestidade, Solidariedade, Respeito.	Autonomia, Realização pessoal, Vínculos familiares duradouros, Humanidade, Padrão de vida, Segurança, <b>Aliança conjugal</b> , Exemplo.
3	Dogmas católicos, Humildade, Amor, Caridade, Educação, Família, União.	Autonomia, Realização pessoal, Vínculos familiares duradouros, Humanidade, Padrão de vida, Segurança, Exemplo.
4	Honestidade, Esforço, Trabalho, Dedicção, Solidariedade, Autonomia, Educação, Afeto, Família.	Autonomia, Realização pessoal, Vínculos familiares duradouros, Humanidade, Padrão de vida, Segurança, Exemplo, <b>Espontaneidade, Equidade social.</b>

## CONCLUSÃO

Retomando o objetivo geral desta pesquisa de mestrado que buscou: “conhecer os principais valores familiares contemporâneos que permeiam a transição do jovem adulto que prolongou a convivência doméstica com sua família de origem” constata-se que foi ampliado o conhecimento sobre o contexto da família de classe média alta, mais particularmente da região metropolitana de Salvador, já que valores envolvem a pessoa, suas relações, seu contexto e o período que são “visitados”, pois assim é o desenvolvimento humano e o curso vital seja ele individual ou familiar, são mutáveis, daí a necessidade de estudos do desenvolvimento humano não serem considerados “conclusivos”.

*“[...] então existe esta interligação entre valor, crença e prática, num simples modo de ver e que pode com isso mudar o curso da estória.” (pai, família nº2)*

Visando o objetivo geral, o primeiro objetivo específico: “investigar os conceitos que envolvem o fenômeno sob a visão entre os pais e o (a) filho (a) canguru, relacionando-os com o contexto social”, traz a ideia que nós possuímos conceitos subjetivos (pedaços do ideal maior) que nos auxiliam na tarefa de cumprir com o objetivo maior de vida e que “passeiam” ao longo da vida com o indivíduo, daí ter sido trabalhado a juventude (jovem adulto), a independência financeira e psicossocial, casamento (forma de relacionamento com o outro), família, fatos históricos, e demais que surgiram durante a entrevista e que se acreditou serem objetos do recorte feito.

O segundo e terceiro objetivo: “identificar as principais crenças familiares e práticas associadas e relacionar os valores implícitos às crenças identificadas” falam desses “pedacinhos” em movimento no mundo (práticas ou ações), contidos na forma que se acredita (crenças) poder atingir os valores que funcionam como metas subjetivas de bem viver. As crenças encontradas com maior interseção foram: “a família é importante para oferecer apoio psicossocial aos seus membros”; “a autonomia é um processo importante para o sentimento de identidade social”; “o trabalho é libertador”; O sentimento de união se constrói pelo fortalecimento dos vínculos familiares e “melhor forma de transmissão de valores familiares é através do exemplo e da presença”.

Esses objetivos ajudaram na construção de alguns outros valores (implícitos) além dos presentes no discurso das famílias, foram pensamentos (conceitos e ideias sobre os objetos-tema) e práticas que puderam ser observados durante a entrevista e transcrição e que apresentavam interseção entre elas: Autonomia, Educação, Realização Pessoal, Vínculos Familiares Duradouros, Humanidade, Padrão de Vida (ordem e conforto), Segurança e Exemplo. Vale lembrar que surgiram alguns poucos identificados que saíram da interseção e foram listados na discussão, como: Conjugalidade, Espontaneidade e Equidade Social. Com esses resultados, acredita-se ter cumprido com o objetivo geral do estudo além de ter proporcionado momentos de reflexão a todos os integrantes do mesmo.

Além do cumprimento do objetivo, pode-se analisar que houve uma semelhança na maioria das respostas dos valores do 'canguru' bem como dos seus pais nas famílias que tinham os dogmas católicos em seus discursos, o que já não ocorreu na Família de N<sup>o</sup>4, cujas respostas explícitas (pais e filha) se apresentaram com relativa diferença, embora implicitamente tenham se observado semelhanças. Desta forma, esses resultados pareceram sugerir evidências de que os dogmas religiosos funcionariam como reforçadores da família no papel transgeracional de valores éticos, reduzindo o número de etapas desse processo, tornando-a mais eficiente neste quesito.

Entretanto, mesmo evidenciando diferenças durante o processo, foi unânime o resultado final de sentimento de coletividade através dos valores expressos pelo "Cuidado com o outro", de "Solidariedade", de "Caridade", valores estes que mesmo mergulhados numa cultura individualista pós-moderna, mantém a família como principal viabilizadora dos mesmos, contrariando a ideia de Cooper (1989) na qual esta seria uma instituição morta.

Sendo assim, diante dos resultados encontrados, a família da 'Geração Canguru' está em movimento constante (dando seus "pulos"), adaptando e integrando seus membros ao contexto e ao tempo, para melhor sobreviver e viver bem.

## REFERÊNCIAS

ABEP- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016** Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil> Acesso em 13 mar.2017

ANDOLFI, M. Teoria dos Sistemas familiares de Murray Bowen, 2002, v.68, p. 30-41. In: GUIMARAES, N.V. (Sup.) Instituto Humanitas, Salvador: **Atravessando gerações**, 2013

ANDRADE, H. IBGE: na "geração canguru", mais jovens de até 34 anos moram com os pais. **UOL notícias**, Rio de Janeiro, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/29/ibge-na-geracao-canguru-mais-jovens-de-ate-34-anos-moram-com-os-pais.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BASTOS, A. C. S et al. **Família no Brasil: Recurso para a Pessoa e Sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015.

BENETTI, S.P.C. et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. **Psico-USF**, Universidade São Francisco São Paulo: v. 15, n. 3, 2010, p. 321-332. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4010/401036083006.pdf> Acesso em: 29 mar.2017.

BÖING, E.; CREPALDI, M. A.; OJEDA O. M. Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. **Paidéia**, v. 18, n. 40, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3054/305423762004/> Acesso em 20 jan. 2018.

BORGES C. C, MAGALHÃES, A. S. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. **Psico**. PUC- Rio de Janeiro: v.40, n.1. jan/mar., 2009, p.42-49. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140> Acesso em: 20 out. 2017

BRASIL. Resolução 510, de 7 de abril de 2016 que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas, **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 mai.2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 13 mar.2017.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, A. M.(Org). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, cap. 7, página115-129



BRONFENBRENNER, U. **A teoria bioecológica do desenvolvimento humano**. In: BRONFENBRENNER, U. Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.43-54.

\_\_\_\_\_. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BAUMAN, Z. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a Pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, P. À propos de la famille comme catégorie réalisée. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 100, n. 1, p. 32-36, 1993 Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_1993\\_num\\_100\\_1\\_3070](http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070) Acesso em: 27 abr. 2017

\_\_\_\_\_. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/330687119/BOURDIEU-Pierre-Para-Uma-Sociologia-da-Ciencia-pdf>. Acesso em: 02 jun.2016

BRANT de CARVALHO, M. C (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1997.

CAMARANO, A. et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiro. **Última década**, v. 12, n. 21, p. 11-50, 2004.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CARVALHO, A. M.(Org). **O mundo social da criança**: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CARVALHO, I. M.; PEREIRA, G. C. Dinâmica metropolitana e segregação socioespacial. **Caderno CRH**, v. 20, n. 50, 2007. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18923/12285>. Acesso em: 02 fev.2018

CARVALHOSA, S. 1 por todos e todos por 1! Prevenção do bullying entre jovens. **Observatório Permanente da Juventude**. Lisboa, jun, 2013. Disponível em: <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/junho-2013> Acesso em: 20 jan. 2018.

CASTELAR, A.; SICSÚ, J. Sociedade e economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento. Brasília: **IPEA**, 2009. Disponível em:

[http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro\\_sociedadeeeconomia.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro_sociedadeeeconomia.pdf)  
Acesso em 12 jan. 2018.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, v.2.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-102, jun. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 18 jun. 2017.

CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. *In*: OSORIO, L.C.; VALLE, M.E. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p.25-37.

CERVENY, C.M.O; BERTHOUD, C.M.E et al. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

COOPER, D. **A morte da família**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COURT, P. M. Família e sociedade contemporâneas. *In*: **Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p.13-28.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CROCKETTI, E.; MEEUS, W. "Family Comes First!" Relationships with family and friends in Italian emerging adults. **Journal of adolescence**, v. 37, n. 8, p. 1463-1473, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014019711400027X> Acesso em: 18 jan.2018

DESSEN, M. et al. **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, M.; GUEDEA, M. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia**, v. 15, n. 30, p. 11-20, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n30/04.pdf> Acesso em 10 nov.2016. Acesso em: 12 nov.2017

DIAS, M. O. 'Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: O processo de comunicação no sistema familiar'. **Rev. Gestão e Desenvolvimento**, Viseu, nº19, p.139-156, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9176>. Acesso em 20 maio 2017.

DONATI, P. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ESTEVEZ de VASCONCELLOS, M. J. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2006.

FACO, V. M. G; MELCHIORI, L. E. Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. In: VALLE, T.G.M., org. Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções [online] **SciELO Books**. São Paulo: UNESP, 2009.

FARIAS, C.; ROSENVALD, N. **Curso de Direito Civil: famílias**. Salvador: JusPODIVM, 10 ed., v.6, 2016.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Construção e dissolução do laço conjugal**. In: T. Féres-Carneiro et al. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 210-214, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. et al. **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T; HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B. A “Geração Canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **PSICO**. Porto Alegre, v.35, n.2, p. 195-205, 2004. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=gera%C3%A7%C3%A3o+canguru+feres-carneiro+2004&btnG=&lr=>, Acesso em: 10 out.2015.

FIGUEIREDO, M. G. **Ninho cheio, Geração Canguru: o impacto da permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais**. 2008. 193 f. Dissertação (Mestrado) – faculdade de Psicologia, PUC, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp056231.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

FREYRE, G. **Casa-Grande&Senzala**, 52 ed. São Paulo: Global, 2013.

FIORINI, M. C.; MORE, C. L. O. O.; BARDAGI, M. P. Família e desenvolvimento de carreira de jovens adultos no contexto brasileiro: revisão integrativa. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 43-55, jun. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902017000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jan. 2018.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução de FIGUEIREDO et al, Coordenação e revisão científica de SOBRAL, J.M. 6. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GOMES, L.B. et al. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf> Acesso em: 21 fev 2018

GUIMARAES, N.V. (Sup.) Família de Origem e Diferenciação de Self. Texto retirado de módulo didático **Atravessando gerações**, Instituto Humanitas, Salvador: 2010.

GUERREIRO, M.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 58, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/107/10705808.pdf> Acesso em 20 out 2017

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

\_\_\_\_\_. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004. Disponível em: <http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf> Acesso em: 06 mar. 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. **Estudos & Pesquisa**, Rio de Janeiro: n.36, 2016.

KALOUSTIAN, S.M. **Família brasileira a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOJIKOVSKI, G. Agora é com eles. **Exame 50 anos**. São Paulo, ano 51, n.23, ed. 1151, p.36-44. 06 dez. 2017.

LAKATOS, E. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LANZ, M.; TAGLIABUE, S. Relações de suporte em famílias em andamento: efeitos cruzados entre componentes de suporte e ajuste em pais e crianças adultas jovens. **Journal of adolescence**, v. 37, n. 8, p.1489-1503, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/journal/01401971/37/8> Acesso em: 18 jan.2018

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A cultura mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LORDELO, E. R.; FONSECA, A.; ARAÚJO, M. L. V.B. Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3212/1/07.pdf>

MANCEBO, D. Crise político-econômica no Brasil: breve análise da educação superior. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 141, p. 875-892, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87353796002.pdf>. Acesso em: 02 jan.2018

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004 Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 17 out. 2017.

MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MENEZES FILHO, N. A. Qualidade da Educação. *In*: CASTELAR, A.; SICSÚ, J. Sociedade e economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento. Brasília: **IPEA**, Cap. 20, p.201-209, 2009. Disponível em: [http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro\\_sociedadeeeconomia.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livro_sociedadeeeconomia.pdf) Acesso em 12 jan. 2018.

MINAYO, M. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. México, DF: Paidós, 1984.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Disponível em: [http://www.filosofiatematica.ufpa.br/index\\_htm\\_files/ciencia\\_com\\_conciencia.pdf](http://www.filosofiatematica.ufpa.br/index_htm_files/ciencia_com_conciencia.pdf). Acesso em 30/05/2016.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; BITTENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organização & Sociedade**, v.19, n. 62, p.551-558, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v19n62/10.pdf> Acesso em 12 jan. 2018.

OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAIS, J. M. A Construção Sociológica Da Juventude - Alguns Contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105/106, p. 139–16, 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/339225601/A-construcao-sociologica-da-juventude-pdf> Acesso em 21 jun. 2017

\_\_\_\_\_. **Ganchos, Tachos e Biscates**: jovens, trabalho e futuro. 2.ed. Lisboa: Ambar, 2005. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=jos%C3%A9+machado+pais&oq=jose+machad](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=jos%C3%A9+machado+pais&oq=jose+machad). Acesso em 13 jan. 2018

\_\_\_\_\_. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, sep. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29608/31476>. Acesso em: 21 jun. 2017.

PETRINI, G. Mudanças sociais e mudanças familiares. *In*: PETRINI, G.; CAVALCANTI, V.R.S. (orgs.). **Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 29-53.

PETRINI, G.; CAVALCANTI, V. R. S. (orgs.). **Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_ et al. Significado social da família. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, PUC-SP, v. 16, n. 18, p. 111-121, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/1204>  
Acesso em: 27 maio 2017.

PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (Orgs.). **Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90**. p.15-69. São Paulo: EDUNESP, 2003.

QUADROS, W. J. **A evolução recente das classes sociais no Brasil**. In: PRONI, M. W.; HENRIQUE, W. (Orgs.), **Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90**. p.15-69. São Paulo: EDUNESP, 2003.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo v.24, n. 1, p.139-149, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/16.pdf>, Acesso em: 16 out.2015.

RAVAZZOLA, M. C. Resiliências Familiares. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RIBEIRO, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v.5 n.1, janeiro/julho 2010. Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5\\_n1/ribeiro.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/ribeiro.pdf) Acesso em 17 dez.2017.

ROCHA, M. V. S.; OLIVEIRA, E. C. Educação e mercado de trabalho: implicações para a formação profissional na atualidade. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. 19, n. 29, p. 25-30, 2015. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcger/article/view/2601> Acesso em 01 fev. 2018.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em geração Y no Brasil? **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-92302012000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-92302012000300010&script=sci_arttext)  
Acesso em: 12 jan. 2018.

RODRIGUES, C. M.; KUBLIKOWSKI, I. Os Pais e a Transição do Jovem para a Vida Adulta. **Psico**, v. 45, n. 4, p. 524-534, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5632993> Acesso em 20 jan. 2018.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: **A família contemporânea em debate**, v. 3, p. 39-49, 1997.

SAVATER, F. **El valor de elegir**. Barcelona: Ariel, 2003. Disponível em: [https://www.planetadelibros.com.mx/libros\\_contenido\\_extra/34/33737\\_1\\_31049\\_El\\_valor\\_de\\_elegir\\_\(1\).pdf](https://www.planetadelibros.com.mx/libros_contenido_extra/34/33737_1_31049_El_valor_de_elegir_(1).pdf). Acesso em: 02 jun.2016

TILLMANN, E. A.; FLAVIO, C. V. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento**

**Econômico**, v. 46, n. 2, 2016. Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7290>. Acesso em 12 jan. 2018

VALLE, T. G. M., (Org.) Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções [online] **SciELO Books**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em:

<http://static.scielo.org/scielobooks/krij5p/pdf/valle-9788598605999.pdf>. Acesso em 16 jun 2017

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar?

**Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.33, ago./dez., 2010. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a08.pdf>, Acesso em: 10 out. 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 5. ed.

Porto Alegre: Bookman, 2015.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - ROTEIRO DOS PAIS



#### VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS DA 'GERAÇÃO CANGURU' NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS

##### A) INSTRUÇÕES

Esta entrevista faz parte da pesquisa de dissertação intitulada: 'Geração canguru: valores familiares contemporâneos do fenômeno na perspectiva de pais e filhos' e é fundamental para atingir os objetivos propostos: conhecer os principais valores veiculados entre pais e filhos jovens adultos, descrever os movimentos intrafamiliares das famílias que possuem filhos adultos jovens que prolongam a convivência com os pais; relacionar o contexto social aos movimentos intrafamiliares e analisar quais as crenças que permeiam estes movimentos familiares para posteriormente relacioná-las aos valores.

Para tanto, preciso que hoje, (o Senhor ou a Senhora) discorra sobre algumas experiências de vida dos tópicos abaixo propostos. Para posterior transcrição da mesma, precisarei gravar o áudio desta, conforme já esclarecido no termo que assinou, entretanto, gostaria de ressaltar que (o Senhor ou a Senhora) poderá interrompê-la a qualquer tempo, caso se sinta desconfortável com alguma lembrança. Caso isso aconteça, providenciarei para reduzir os danos conforme também explicado em termo. Presume-se 60 a 90 minutos no máximo para considerar tais tópicos, entretanto caso (o Senhor ou a Senhora) necessite, poderá ficar à vontade em estender-se.

##### B) Exposição dos tópicos principais:

***A perda dos parâmetros tradicionais como reforçadores dos valores a seguir pelas outras gerações e das incertezas do que está por vir, trazem à família a necessidade de ser criativa em sua dinâmica, travando batalhas com a atualidade e seus significados, rotineiramente. É preciso conhecer de qual família estamos falando quando pensamos no desenvolvimento humano e em intervenções significativas para***



*vivermos com qualidade, para nos expressarmos com o nosso melhor e para cuidar do outro.*

*A família é uma instituição que permeia o curso evolutivo individual e suas fases de transição, que por sua vez, também interfere no curso vital familiar. (BRONFENBRENNER, 1998; PETRINI, 2005)*

*A fase-chave desta pesquisa trata da transição do jovem em adulto e é sobre qual a dinâmica familiar apoiadora destes valores, crenças e práticas está presente durante este processo, que se quer conhecer. A fim de conhecer melhor sobre esta família, preciso que (o Senhor ou a Senhora) me conte sobre ou o que pensa sobre:*

### Jovem-adulto:

#### Perguntas e *checklist*:

- O que entendem por jovem-adulto? Características.
- Semelhanças e diferenças de um jovem-adulto da sua época com a atualidade.
- Diferenciação entre o imaginário e a realidade da fase do filho jovem-adulto.
- Quais são os marcos históricos que possam ter influenciado nessa mudança e de que forma? Quais são os planos que tinham e tem para seu filho(a)? Expectativas cumpridas e não cumpridas.

### Autonomia:

#### Perguntas e *checklist*:

- Autonomia é um processo interno, de escolher, ou não, o momento de ser independente, que é uma habilidade prática de fazer algo sem a ajuda de outra pessoa. Quando vocês se tornaram totalmente autônomos e independentes?
- O casal conversava sobre o futuro? Em que momento(s)? Mundo do trabalho *versus* casamento (como conciliaram?)

### Valores:

#### Perguntas e *checklist*:

- Quais valores que vocês receberam e que acreditam ter transferido ao(s) seu(s) filho(s)?
- Educação dos filhos jovens (quais as crenças e práticas ligadas aos valores descritos?) Foram introduzindo as crenças conforme o crescimento do filho ou já havia uma expectativa prévia? Se houve quais as mudanças das crenças e por quê?
- Semelhanças e diferenças com a sua família de origem.

## APÊNDICE B - ROTEIRO DO FILHO

**VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS DA 'GERAÇÃO CANGURU' NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS**

## A) INSTRUÇÕES

Esta entrevista faz parte da pesquisa de dissertação intitulada: 'Geração canguru: valores familiares contemporâneos do fenômeno na perspectiva de pais e filhos' e é fundamental para atingir os objetivos propostos: conhecer os principais valores veiculados entre pais e filhos jovens adultos, investigar as relações entre os pais e o(a) filho(a) canguru; compreender os movimentos familiares da geração canguru com suas crenças, relacionando com o contexto social e identificar os valores que permeiam nestes movimentos familiares.

Para tanto, preciso que você discorra sobre algumas experiências de vida dos tópicos abaixo propostos. Para posterior transcrição da mesma, precisarei gravar o áudio desta, conforme já esclarecido no termo que assinou, entretanto, gostaria de ressaltar que você poderá interrompê-la a qualquer tempo, caso se sinta desconfortável com alguma lembrança. Caso isso aconteça, providenciarei para reduzir os danos conforme também explicado em termo. Presume-se 60 a 90 minutos no máximo para considerar tais tópicos, entretanto, caso necessite, poderá ficar à vontade em se estender.

## B) Exposição das questões principais

***A perda dos parâmetros tradicionais como reforçadores dos valores a seguir pelas outras gerações e das incertezas do que está por vir, trazem à família a necessidade de ser criativa em sua dinâmica, travando batalhas com a atualidade e seus significados, rotineiramente. É preciso conhecer de qual família estamos falando quando pensamos no desenvolvimento humano e em intervenções significativas para vivermos com qualidade, para nos expressarmos com o nosso melhor e para cuidar do outro. A família é uma instituição que permeia o curso evolutivo individual e suas fases***

***De transição, que por sua vez, também interfere no curso vital familiar. (BRONFENBRENNER, 1998; PETRINI, 2005)***

*A fase-chave desta pesquisa trata da transição do jovem em adulto e é sobre quais os valores, crenças e práticas estão presentes durante este processo, que se quer conhecer. A fim de conhecer melhor sobre esta família, preciso que você me conte sobre ou o que pensa sobre:*

### **Jovem-adulto:**

#### **Perguntas e *checklist*:**

- O que você entende por jovem-adulto? O que essa fase atual se diferencia da fase da adolescência? Dê características de ambas.
- Como você acha que é educar um jovem atualmente? Mais fácil ou difícil que na época dos seus pais? Por quê?
- Você acredita ter havido grandes mudanças de comportamento entre a juventude dos seus pais e a sua? Se positivo, dê exemplos.
- Quais são os marcos históricos você destaca como influenciadores das mudanças entre a época da juventude dos seus pais e a sua?

### **Autonomia:**

#### **Perguntas e *checklist*:**

- Autonomia é um processo interno, de escolher ou não o momento de ser independente, que é uma habilidade prática de fazer algo sem a ajuda de outra pessoa. Como você acha que se enquadra nessa definição?
- O que é casamento para você?
- Mundo do trabalho *versus* casamento/união (possibilidades de conciliação? Caso positivo, como?).

### **Valores:**

#### **Perguntas e *checklist*:**

- O que é família para você? Pretende ter filhos?
- Quais os principais valores que seus pais lhe transmitiram e como eles influenciam no seu modo de viver hoje? Algo que mudaria para seus filhos?
- Você acha que tem atendido às expectativas dos valores que seus pais lhe passaram?

## APÊNDICE C - TCLE DOS PAIS



### UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – PAIS

##### Dissertação: “VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS DA ‘GERAÇÃO CANGURU’ NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS”

Esta pesquisa tem por objetivo compreender os valores familiares que permeiam a transição do filho jovem adulto que prolonga a convivência doméstica com sua família de origem. A sua participação no estudo consiste em narrar sobre tópicos congruentes com os objetos-tema da dissertação, elaborados pela pesquisadora na forma de entrevista narrativa. A ficha sobre os tópicos inclui questões relacionadas às suas experiências de vida e que impactam no fenômeno a ser estudado e terá duração aproximada de 60 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o/a senhor/a poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o/a senhor/a (Res. 510/16 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o/a senhor/a poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo/a senhor/a, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o/a senhor/a será ressarcido/a.
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 510/16. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo (a) a refletir sobre a relevância do tema para sua vida. Além disso, será ampliado o conhecimento científico sobre o fenômeno e tais dados poderão ajudar profissionais que trabalham com famílias na construção de práticas sociais em agenda pública.
- Há o risco de constrangimento ou algum transtorno psicológico em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, você receberá apoio psicológico gratuito por parte da pesquisadora (que possui especialização para tal) a qualquer tempo, mesmo que o/a senhor/a venha verificar o transtorno após a entrevista.
- Este documento contém duas vias que deverá ser assinada, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, favor entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Ana Paula Fest Müller – Telefone: (71)99964-4845 ou com a orientadora Profª. Drª. Miriã Alves De Ramos Alcântara na Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- Ba, CEP: 40.231-902/ tel: (71)32038969.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D - TCLE DO FILHO



### UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – FILHO

##### Dissertação: “VALORES FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS DA ‘GERAÇÃO CANGURU’ NA PERSPECTIVA DE PAIS E FILHOS”

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a dinâmica familiar com famílias que convivam com pelo menos um filho adulto jovem em mesmo ambiente doméstico. A sua participação no estudo consiste em narrar sobre tópicos congruentes com os objetos-tema da dissertação, elaborados pela pesquisadora na forma de entrevista narrativa. A ficha sobre os tópicos inclui questões relacionadas às suas experiências de vida e que impactam no fenômeno a ser estudado e terá duração aproximada de 60 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o/a senhor/a poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o/a senhor/a (Res. 510/16 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo/a senhor/a, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, você será ressarcido/a.
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 510/16. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo (a) a refletir sobre o tema em sua vida. Além disso, será ampliado o conhecimento científico sobre o fenômeno e tais dados poderão ajudar profissionais que trabalham com famílias na construção de práticas sociais em agenda pública.
- Há o risco de constrangimento ou algum transtorno psicológico em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, você receberá apoio psicológico gratuito por parte da pesquisadora (que possui especialização para tal) a qualquer tempo, mesmo que venha verificar o transtorno após a entrevista.
- Este documento contém duas vias que deverão ser assinadas, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, favor entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Ana Paula Fest Müller – Telefone: (71)99964-4845 ou com a orientadora Profª. Drª. Miriã Alves De Ramos Alcântara na Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- Ba, CEP: 40.231-902/ tel: (71)32038969.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## ANEXO

### ANEXO A - QUESTIONÁRIO SUGERIDO PARA ANÁLISE DA CLASSE ECONÔMICA, SEGUNDO A ABEP

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

**Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.**

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II Incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio Incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

**SISTEMA DE PONTOS****Variáveis**

	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louca	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2

**Grau de instrução do chefe de família e acesso a serviços públicos**

Escolaridade da pessoa de referência		
Analfabeto / Fundamental I incompleto		0
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto		1
Fundamental II completo / Médio incompleto		2
Médio completo / Superior incompleto		4
Superior completo		7
Serviços públicos		
	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

**Cortes do Critério Brasil**

Classe	Pontos	Estrato Sócio Economico	Renda média Domiciliar
A	45 - 100	A	20.888
B1	38 - 44	B1	9.254
B2	29 - 37	B2	4.852
C1	23 - 28	C1	2.705
C2	17 - 22	C2	1.625
D-E	0 - 16	D-E	768
		TOTAL	3.130

Fonte: <http://www.abep.org/criterio-brasil>